

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia



Tese de doutorado

**A ATUAÇÃO DO JORNALISMO NA NORMALIZAÇÃO DE UMA
MASCULINIDADE NOCIVA: UM ESTUDO SOBRE O *FRAMING* DADO AO
GÊNERO DURANTE O GOVERNO JAIR BOLSONARO (2019-2022)**

Gabriel Alves Bresque

Pelotas, 2025

Gabriel Alves Bresque

**A ATUAÇÃO DO JORNALISMO NA NORMALIZAÇÃO DE UMA
MASCULINIDADE NOCIVA: UM ESTUDO SOBRE O *FRAMING* DADO AO
GÊNERO DURANTE O GOVERNO JAIR BOLSONARO (2019-2022)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone da Silva Ribeiro Gomes

Pelotas, 2025

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

B842a Bresque, Gabriel Alves

A atuação do jornalismo na normalização de uma masculinidade nociva [recurso eletrônico] : um estudo sobre o framing dado ao gênero durante o governo Jair Bolsonaro (2019-2022) / Gabriel Alves Bresque ; Simone da Silva Ribeiro Gomes, orientadora. — Pelotas, 2025.
182 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Masculinidades. 2. Gênero. 3. Jornalismo. 4. Hegemonia. 5. Análise de conteúdo. I. Gomes, Simone da Silva Ribeiro, orient. II. Título.

CDD 070.4

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

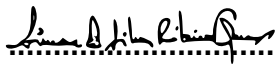
Gabriel Alves Bresque

**A ATUAÇÃO DO JORNALISMO NA NORMALIZAÇÃO DE UMA
MASCULINIDADE NOCIVA: UM ESTUDO SOBRE O *FRAMING* DADO AO
GÊNERO DURANTE O GOVERNO JAIR BOLSONARO (2019-2022)**

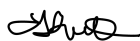
Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 21 de julho de 2025.

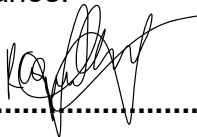
Banca Examinadora



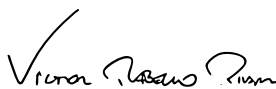
Prof. Dra. Simone da Silva Ribeiro Gomes (Orientadora). Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Prof. Dra. Elaine da Silveira Leite. Doutora em Sociologia pela Universidade de São Carlos.



Prof. Dra. Raquel da Cunha Recuero. Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Prof. Dr. Victor Rabello Piaia. Doutor em Sociologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal de Pelotas por ter aberto suas portas para minha visão acadêmica ainda na graduação, em 2011. Me sinto honrado de poder dizer que caminhei uma longa jornada na instituição até o doutorado dentro de um espaço público e voltado para o crescimento de carreiras e de pesquisas fundamentais para a ciência brasileira.

Também agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela Bolsa de Demanda Social que recebi durante dois anos desta pesquisa que durou quatro anos. Esse suporte é fundamental para mim e para milhares de cientistas em todo o País e espalhados pelo Mundo. Nessa Linha, também agradeço a CAPES por ter me oferecido a oportunidade de realizar um doutorado sanduíche de seis meses na University College Dublin (UCD) na Irlanda, por meio do programa PDSE. Fui muito bem recebido no país estrangeiro pela incrível Prof. Dra. Rosana Pinheiro-Machado e por todo o seu laboratório, o DeepLab, que me ajudaram muito nessa jornada e no meu crescimento como pessoa e cientista. É uma experiência fundamental que levarei para o resto da minha vida.

Agradeço a Profa. Dra. Simone da Silva Ribeiro Gomes pela orientação, e por ter aceitado um convite complexo em um momento adiantado da qualificação. Quando me senti perdido no processo, ela me estendeu a mão e me ajudou a reconectar-me com a minha pesquisa e meu tino científico, além de ter apoiado projetos como o meu desejo de realizar o doutorado sanduíche.

Agradeço os meus amigos, pelo apoio durante o período, a minha mãe, pela paciência durante todos esses anos desde a graduação e meu pai, que também viveu um doutorado na mesma época, e podemos ter conversas produtivas sobre as nossas experiências. Por fim, agradeço a Mariana, minha namorada, que me apoiou nos altos e baixos do processo, inclusive quando sugeri que ficássemos seis meses distantes. Junto com nossos gatos (Gattuso e Lúcio), ela sempre foi fundamental para que eu conseguisse superar os desafios nos quatro anos do doutorado.

RESUMO

Esta pesquisa analisa como o jornalismo hegemônico brasileiro, representado pelos portais digitais de G1, Folha de S. Paulo e Estadão, abordou os discursos e os processos comunicacionais relacionados à masculinidade durante o período em que Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) atuou na presidência. Como presidente, Bolsonaro adotou uma performance masculina pautada na agressividade, misoginia e na defesa de uma masculinidade hegemônica limitante. A análise parte de uma conceituação feminista do gênero como construto social e de uma visão das masculinidades como uma constante disputa de poder, onde virilidade e valentia são elementos centrais. O fio condutor desta investigação é a capacidade – ou disposição – do jornalismo tradicional em adotar uma postura crítica frente a um discurso presidencial masculinista, homofóbico e misógino, enquanto tentava manter os princípios da objetividade e da neutralidade. Nesse processo, também são analisadas publicações que refletem o embate entre o então presidente e os meios de comunicação, em um processo marcado pela demanda de manutenção de uma credibilidade atacada durante quatro anos. Esta pesquisa estipula a existência de um processo de normalização dos elementos hegemônicos da masculinidade na figura de Bolsonaro. Suas declarações problemáticas, embora recebessem grande destaque e fossem frequentemente citadas de forma direta, não foram criticadas de forma sistemática. Esta análise observou um endurecimento na postura agressiva de Bolsonaro ao longo do mandato, refletido no aumento dos ataques à imprensa e na frequência de declarações sobre sua virilidade em 2022, em contraste com uma abordagem mais "branda" em 2019. Por fim, esta pesquisa observa que o jornalismo tradicional, ao mesmo tempo em que deu ampla visibilidade às falas de Bolsonaro, contribuiu para a normalização de sua performance de masculinidade hegemônica, com a crítica jornalística priorizando a defesa institucional em detrimento de uma desconstrução sistemática das problemáticas de gênero presentes no discurso presidencial.

Palavras-chave: masculinidades; gênero; jornalismo; análise de conteúdo.

ABSTRACT

This research analyzes how traditional Brazilian journalism, represented by the digital platforms of G1, Folha de S. Paulo, and Estadão, addressed the discourses and communication processes related to the study of masculinities during the presidency of Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Bolsonaro, as president, adopted a masculine performance based on aggressiveness, misogyny, and the defense of a limiting hegemonic masculinity. The analysis stems from a feminist conceptualization of gender as a social construct and a view of masculinities as a constant power struggle, where virility and valor are central elements. The guiding thread of this investigation is the ability – or willingness – of traditional journalism to adopt a critical stance towards a masculinist, homophobic, and misogynistic presidential discourse, while attempting to uphold the principles of objectivity and neutrality. In this process, publications that reflect on the clash between the then-president and the media are also analyzed, in a context marked by the demand to maintain credibility that was under attack for four years. Thus, a process of normalization of hegemonic masculinity elements in the figure of Bolsonaro was identified. His problematic statements, although they received significant coverage and were frequently quoted directly, were not systematically criticized. This analysis observed a hardening of Bolsonaro's aggressive stance throughout his term, reflected in the increase in attacks on the press and in the frequency of statements about his virility in 2022, in contrast to a 'softer' approach in 2019. Therefore, this research observes that traditional journalism, while giving broad visibility to Bolsonaro's statements, contributed to the normalization of his hegemonic masculinity performance, with journalistic criticism prioritizing institutional defense over a systematic deconstruction of the gender issues present in the presidential discourse.

Keywords: masculinities; gender; journalism; content analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Códigos selecionados na análise no Nvivo 20.	88
Figura 2: Primeiros casos selecionados.	90
Figura 3: Segunda parte da lista de casos.	91
Figura 4: Ano x Categorias (moralismo e virilidade)	109
Figura 5: Gráfico de frequência da temática Mulheres	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAJI	Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo
AMAN	Academia Militar dos Agulhas Negras
ANCINE	Agência Nacional do Cinema
ANJ	Associação Nacional de Jornais
BB	Banco do Brasil
BOPE	Batalhão de Operações Policiais Especiais
COVID-19	Corona Virus Disease 2019
EsAO	Escola de aperfeiçoamento de Oficiais
Estadão	Jornal O Estado de São Paulo
FENAJ	Federação Nacional dos Jornalistas
FGV	Fundação Getúlio Vargas
Folha	Jornal Folha de São Paulo
FSA	Fundo Setorial Audiovisual
JN	Jornal Nacional
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
LGBTQIA+ Assexuais +	Lésbicas, Gays, Bissexuais, transexuais, Queer, Intersexo,
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
OAB	Ordem Dos Advogados do Brasil
PL	Partido Liberal
PP	Partido Progressistas
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSDB	Partido da Social-Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
STF	Supremo Tribunal Federal
STJ	Superior Tribunal de Justiça

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. O JORNALISMO COMO UM ELEMENTO COMPLEXO DA MODERNIDADE: O JORNALISMO NO DEVIR HISTÓRICO E AJORNADA PROFISSIONALIZANTE DA ATIVIDADE	16
2.1. Introdução.....	16
2.2. Aspectos históricos e construtivos do jornalismo: do pré-jornalismo ao modelo periódico como elemento moderno e profissional	17
2.3. O jornalismo profissional e suas contradições: os valores profissionais como organizadores do caos	26
3. O ESTUDO DAS MASCULINIDADES COMO UM MÉTODO PARA A COMPREENSÃO DO MITO DE BOLSONARO	41
3.1. Introdução.....	41
3.2. Compreendendo o gênero: a articulação entre o movimento político e a revolução acadêmica	41
3.3. Por que (e como) estudar as masculinidades.....	47
3.3.1. O poder nas relações de gênero	49
3.3.2. Hegemonia e o poder entre masculinidades	51
3.3.3. Destrinchando elementos sobre a masculinidade hegemônica no Brasil ...	55
3.4. A construção do mito masculino de Bolsonaro	62
3.4.1. Uma carreira militar marcada pelo sucesso esportivo e por atos de insubordinação	63
3.4.2. A carreira política começa onde a carreira militar acabou	67
3.4.3. A capitão do entretenimento e a “ideologia de gênero” como marcas de sua ascensão política.....	71
4. ELEMENTOS METODOLÓGICOS.....	77
4.1. Pesquisa qualitativa.....	77
4.2. Análise de Conteúdo	78
4.3. Coleta do Material Empírico	79
4.3.1. Meios de Comunicação selecionado	80

4.3.1.1.	G1.....	80
4.3.1.2.	Folha de São Paulo	81
4.3.1.3.	Estadão	82
4.3.2.	Os critérios para a captação do material	83
4.4.	As temáticas de análise.....	85
4.5.	Codificação e organização	87
4.5.1.	Códigos	87
4.5.2.	Casos	89
4.5.3.	Tipificação de Publicações	92
4.6.	Organização temporal do material.....	92
4.6.1.	O começo do governo (2019).....	93
4.6.2.	Fase central (2020-2021)	93
4.6.3.	A fase decisiva do governo (2022)	94
5.	ANÁLISE DA DISPUTA PELA MASCULINIDADE NA COBERTURA JORNALÍSTICA NA PRESIDÊNCIA DE BOLSONARO	95
5.1.	Introdução.....	95
5.2.	Definindo como lidar com Bolsonaro (2019).....	95
5.2.1.	Grande proeminência de publicações sobre moralismo	96
5.2.2.	Período de pacificidade e objetividade na relação com os jornalistas	105
5.3.	Uma pandemia tratada com virilidade (2020-2021).....	108
5.3.1.	As masculinidades em disputa durante a pandemia	108
5.3.2.	O presidente Bolsonaro transforma jornalistas em inimigos.....	114
5.3.3.	Simbolismos em debate	121
5.3.4.	Homofobia em pauta na política brasileira	127
5.4.	A hegemonia do masculino disputada abertamente no Brasil (2022)	135
5.4.1.	Entre a misoginia e a necessidade por votos	135
5.4.2.	O presidente “imbrochável” em combate aberto.....	145
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	167

1. INTRODUÇÃO

A eleição de Jair Messias Bolsonaro¹ para presidente da república em novembro de 2018 definiu quatro anos turbulentos para os jornalistas brasileiros. O ex-capitão do exército, que atuou por 27 anos como deputado federal (1991-2018), não era o favorito no começo daquele ano, e sua campanha, assim como toda a sua carreira política, foi marcada por falas homofóbicas, machistas e baseadas em uma masculinidade hegemônica agressiva e dominante. Membro e principal líder da nova extrema direita que cresceu no Brasil, parte de um fenômeno global, na última década, marcada por discursos contra o *establishment* e uma postura política baseada no contraditório, Jair representa uma mudança profunda na relação entre o presidente e os meios de comunicação. Sua postura abertamente contra o jornalismo tradicional podia ser percebida, ainda na eleição, e isso levanta dúvidas sobre as características da cobertura de seus passos durante os quatro anos em que ele acabou atuando como presidente.

Por sua vez, o jornalismo brasileiro passa por um processo de mudança em seus métodos, perda de credibilidade e surgimento de novos atores, cada vez mais ligados com a internet, as redes sociais e modos alternativos de comunicação. O campo vem percebendo alguns de seus elementos mais centrais colapsando e sendo substituídos pela comunicação de massa nas redes sociais, que é extremamente sujeita a mentiras e meias verdades. Por isso, a presidência de Bolsonaro também apresentou desafios importantes para os meios de comunicação ligados a jornais tradicionais e a história bicentenária da imprensa brasileira. Dentre eles, destacamos a difícil relação com um político marcado por exercer uma comunicação baseada na polêmica, no contraditório e na busca pela consolidação de uma masculinidade hegemônica, elaborada em torno da agressividade contra mulheres, membros da comunidade LGBTQIA+ e outros tipos de pessoas marginalizadas por esta postura.

A partir de janeiro de 2019, quando Bolsonaro assume a presidência, os meios de comunicação se viram obrigados a cobrir diariamente as falas e as decisões de Jair Bolsonaro, seguindo a linha histórica de acompanhar os presidentes. Isso significou abrir espaço em suas páginas para falas homofóbicas, machistas e para ataques contra os próprios membros da imprensa. Os meios de comunicação

¹ Em 2018, Bolsonaro se candidatou PSL, mas desde 2022 faz parte do PL.

tradicionais precisaram abordar as bravatas de Bolsonaro, que antes podiam ser ignoradas ou tratadas como uma breve curiosidade, como o assunto mais importante da nação, dando espaço frequente para um homem que constantemente reafirmava sua virilidade e sua posição dominante, em um processo que tensionou os principais elementos do jornalismo profissional, como a busca pela objetividade, os critérios utilizados para definir uma notícia e a relação que os jornalistas traçam com as lideranças políticas, como detentores da autoridade.

Nesta tese, nos interessa analisar a maneira como os meios tradicionais, representados aqui pelos portais online do G1, da Folha de São Paulo e do Estadão, cobriram um presidente que aprofundou o espaço ocupado pela disputa hegemônica em torno das masculinidades no debate público nacional. Além disso, buscamos analisar o tratamento dado aos constantes ataques feitos por Bolsonaro ao jornalismo como um todo, e a membros da imprensa, durante o período em que Jair esteve na presidência da república brasileira, entre janeiro de 2019 e dezembro de 2022, em busca de conexões entre a cobertura sobre a temática de gênero e a defesa do jornalismo. Essa decisão se justifica pelos constantes ataques a mulheres da imprensa, em falas do presidente que são marcadas por agressividade e um forte teor sexual. Além disso, existe um contexto histórico importante a ser considerado: em 2019, os meios de comunicação tradicionais enfrentavam uma crise de credibilidade que segue viva. Dessa forma, consideramos fundamental levar os conteúdos em torno da relação dos meios com o presidente em consideração nesta análise.

A exploração do objeto proposto nesta tese é guiada por uma questão central: como os elementos do bom jornalismo e os processos de redação profissional interagiram com a performance masculina de Bolsonaro? Saindo deste ponto de partida, queremos explorar se houve um processo de normalização, por meio dos principais portais jornalísticos do País, de uma masculinidade hegemônica performada em torno da agressividade e de uma postura dominante, representada por Bolsonaro, como o presidente. Também nos interessa analisar a interação dos elementos basilares da profissão com o discurso de Bolsonaro: houve a utilização de métodos profissionalizantes para desconstruir a performance de Bolsonaro? A busca por objetividade teve um papel naturalizante de uma postura masculinista durante o período em que Bolsonaro esteve na presidência do País, entre janeiro de 2019 e dezembro de 2022? Por fim, considerando que Bolsonaro traçou uma relação de antagonismo com os meios de comunicação analisados por esta tese, também

queremos entender como os jornalistas promoveram a defesa da profissão, ou se ela chegou a acontecer em torno da figura de Bolsonaro. Consideramos isso muito relevante por dois motivos: primeiramente, a agressividade contra jornalistas e meios faz parte da comunicação de Bolsonaro desde seus tempos como deputado federal, e em segundo momento percebemos que muitos dos ataques foram feitos contra mulheres, e carregaram alto teor sexual. Portanto, Bolsonaro também performou elementos hegemônicos da masculinidade em sua relação com a imprensa, e queremos estudar esse uso e o tratamento dado pelos meios analisados.

Para buscar respostas a essas questões, esta tese realiza uma análise de conteúdo a matérias publicadas nos portais dos três meios selecionados que envolvam Bolsonaro e os elementos centrais do estudo de gênero. A análise é feita com os elementos que delimitam o jornalismo como profissão e as regras que estruturam sua credibilidade em mente, já que a manutenção e a fuga de qualquer um destes elementos tem papel central na elaboração de uma leitura sobre os métodos utilizados para estudar Bolsonaro como presidente do País. Compreender e tensionar o método jornalístico com o material empírico também é fundamental para esclarecer como a postura nas principais redações do Brasil refletiu na cobertura em torno de Bolsonaro como presidente e o peso sociológico e político associado à posição ocupada por ele durante o período de análise.

No primeiro capítulo exploramos a construção do jornalismo como um campo profissional. As características históricas das redações e os elementos centrais para a definição de um “bom jornalismo” recebem destaque, pois acreditamos que elementos como a objetividade, os critérios de noticiabilidade e o processo de enquadramento são fundamentais para compreender o cerne da profissão. Neste capítulo, definimos a base para a análise do material empírico e construímos um quadro geral em torno dos estudos sobre a profissão, com foco no processo histórico que construiu as características modernas.

O segundo capítulo aprofunda nossa compreensão de masculinidades, que é baseada na construção de Raewyn Connell (2005) e na longa tradição dos estudos feministas, que nos permitem conceber o processo histórico e construtivo do conceito de gênero e suas variantes, como as masculinidades. Para entender o momento do debate em torno das masculinidades do Brasil, antes de Bolsonaro assumir a presidência, refletimos sobre diferentes estudos e momentos da representação hegemônica das masculinidades no País. Neste capítulo, também construímos um

detalhamento histórico da carreira de Bolsonaro e sua relação com a construção de uma masculinidade hegemônica no Brasil. Consideramos elementos como a marginalização de populações periféricas, a militarização da vida e da política nacional e o esporte como elementos construtivistas desse conceito hegemônico nacional.

Iluminados pelas definições em torno do jornalismo e das masculinidades, apresentamos no terceiro capítulo uma revisão profunda da metodologia usada nesta tese, com foco na apresentação dos elementos técnicos e dos resultados quantitativos, que servem como bases profundas para a análise realizada na seção seguinte. Aqui, também refletimos sobre diferentes decisões usadas durante esta tese, como a escolha dos três meios selecionados e a decisão por estudar diferentes elementos dos estudos de gênero.

No quarto capítulo, apresentamos a análise das 506 publicações jornalísticas selecionadas para esta tese. A análise é feita de forma temporal, levando em consideração três fases: o ano de 2019 como um ponto de partida, em que as bases da relação entre Bolsonaro, como presidente, e os meios de comunicação passam a ser construídas; o período entre 2020 e 2021 como um momento central, marcado pela pandemia de COVID-19 e pelo agravamento da relação; e 2022 como o ponto de chegada, em que a postura agressiva de Bolsonaro atinge um ápice e o processo eleitoral muda pontos importantes desta relação.

Por fim, refletimos sobre a análise, as peculiaridades de cada um dos meios analisados e apontamos para novas dificuldades na compreensão do conceito de masculinidades, em um momento em que sua disputa hegemônica segue visceral e constante.

2. O JORNALISMO COMO UM ELEMENTO COMPLEXO DA MODERNIDADE: O JORNALISMO NO DEVIR HISTÓRICO E AJORNADA PROFISSIONALIZANTE DA ATIVIDADE

2.1. Introdução

Este capítulo traz, em um primeiro momento, elementos históricos da construção do jornalismo, tanto como conceito quanto como atividade social. O objetivo desse processo inicial é contextualizar a profissão com as condições históricas que gestaram o jornalismo moderno. A exploração da história da profissão procura identificar a raiz por trás das demandas da imprensa e elementos que expliquem a forma como as regras de atuação foram consolidadas. A captação de elementos históricos e culturais do jornalismo, desde as primeiras obras literárias até o surgimento das gazetas, serve para introduzir o debate sobre os valores fundamentais do jornalismo profissional.

Em um segundo momento, este capítulo trabalha com a principal contradição no cerne do jornalismo moderno: a imagem projetada do jornalista como sendo um profissional completamente objetivo contradiz o pressuposto de que todo enunciado é uma forma de construção, mediada pelas experiências individuais e por demandas econômicas. Para contemplar esse debate serão explorados os valores que consideramos essenciais para a profissão: a objetividade, a periodicidade e a notícia, entendida aqui como a matéria-prima do jornalismo profissional.

O processo de construção e manutenção da credibilidade é definido como o elemento primordial para a consolidação dos métodos de atuação do jornalista moderno. O estudo da relação que a mídia trava com a ideia de “verdade” finaliza este capítulo, em uma reflexão feita a partir do conceito de credibilidade.

2.2. Aspectos históricos e construtivos do jornalismo: do pré-jornalismo ao modelo periódico como elemento moderno e profissional

A construção do jornalismo como profissão está diretamente relacionada à pulsão humana de elaborar narrativas sobre os eventos que cercam os indivíduos, presente em diferentes períodos da evolução social que culminou na modernidade e na concepção do jornalismo atual. No entanto, é importante ressaltar que o desenvolvimento do jornalismo não foi um processo linear: foi uma jornada complexa e multifacetada, marcada por mudanças sociais e tecnológicas que moldaram o campo no que ele é hoje. A tradição humana de contar histórias sobre o real é fundamental para compreensão da atividade jornalística, porque acreditamos que a ação primordial dos jornalistas, o ato de reportar sobre os acontecimentos, é uma forma de “renderizar a realidade” (Carey, 1974, p.5) que está presente em todo processo comunicacional humano, desde o surgimento dos primeiros símbolos e seus significantes. A organização da realidade por meio de relatos dos fatos mais importantes de um grupo social é o ponto que une o jornalismo com formas de expressão que o precederam e costura a trajetória da profissão com a história de sociedades antigas. Partimos dessa inquietação, que envolve o ato de reportar e o lastro que une os rumores da Grécia Antiga com o jornalismo moderno, para conceitualizar e organizar os componentes que definem o homem que renderiza a realidade no século XXI: o jornalista profissional.

A consolidação do jornalismo como profissão está conectada com os pilares da disciplina de história e com os primeiros textos literários. Por consequência, os primeiros escritores de narrativas sobre os acontecimentos “atuais” não eram jornalistas profissionais, que atuavam com critérios pré-estabelecidos, como por um manual: eram herdeiros de uma longa tradição humana que perpassa a consolidação da memória de grupos sociais e o estudo da história humana. Os redatores que precederam o jornalismo documentaram acontecimentos marcantes do ambiente em que estavam inseridos e construíram relatos narrativos sobre o real (Traquina, 2005, p.10). Os textos que reportaram os acontecimentos marcantes de períodos históricos foram produzidos por artistas que atuavam de forma quase artesanal – e essas narrativas compõem, séculos depois, a “história” destas civilizações. Esse tipo de texto pode ser definido como pré-jornalismo (Sousa, 2008, p.2) conceito que engloba

registros de momentos marcantes em civilizações do passado que se tornaram parte da memória e do lastro histórico de civilizações como a Grécia Antiga e os reinos da Idade Média. As práticas que hoje são essenciais para a construção dos textos midiáticos eram inexistentes na produção de narrativas pré-jornalísticas pois essas representações da realidade eram mais similares a peças de arte, como as pinturas rupestres. Por isso, entendemos que os textos sobre as Grandes Navegações tiveram um papel importante para a construção de técnicas basilares que guiaram, séculos depois, o estilo narrativo do jornalismo. Autores como Pero Vaz de Caminho escreveram relatos extensos sobre a experiência de portugueses, espanhóis, ingleses e outros povos que se aventuraram ao mar em jornadas oceânicas. Esses escritos tiveram papel essencial na formação da memória em torno dos acontecimentos marcantes dessas navegações, e definiram as idas ao mar como momentos “memoráveis” do desenvolvimento de sociedades europeias do começo do século XVI. Comerlato (2021, p.25) define as “primeiras notícias” como esforços sociais que buscavam consolidar a memória de uma sociedade por meio da criação de manuscritos. Os escritores que acompanharam as navegações eram responsáveis por descrever os acontecimentos enquanto eles se sucediam com o objetivo de organizar a realidade em uma lógica narrativa. Acreditamos que exista nesses relatos uma primeira pista sobre as origens do jornalismo: o ato de descrever e rememorar fatos era parte natural do processo de construção da memória de povos antes mesmo do surgimento do jornalismo periódico. Para contextualizar e encaixar as conexões entre o jornalismo e a história como uma área do conhecimento, utilizamos o conceito de atividade narrativa: esse conceito se refere a uma escrita em composição. Essa é uma saída conceitual para definir como alguns dos métodos por trás do jornalismo moderno foram originados, como conceitua Marialva Barbosa (2005, p.53). A disciplina de história e os historiadores estudam narrativas prontas e consolidadas na tradição oral de uma sociedade, enquanto as origens do jornalismo estão diretamente ligadas com a concepção dos textos no presente, ou seja, a atividade narrativa em si. A compreensão de que todo o texto histórico é resultado da criação de uma narrativa sobre um “presente” que de alguma forma solidificou-se como memória, e, portanto, virou objeto de estudo da história, é essencial para a diferenciação entre o texto histórico e o texto jornalístico.

Os fenômenos pré-jornalísticos apontam elementos basilares para a conceitualização do jornalismo como um processo comunicacional. Segundo Sousa

(2008, p.4), o ato de contar histórias e registrar momentos marcantes, com o objetivo de demarcar um acontecimento em um período temporal, pode ser entendido como o cerne fundamental do jornalismo. Essa perspectiva define a atividade, em uma forma primitiva, como a busca por representações comunicacionais de acontecimentos sociais. Esse ponto reforça a conexão entre o jornalismo e as técnicas fundadoras da disciplina de história pois pavimenta o caminho para a compreensão de que o jornalismo “é uma representação discursiva de fatos e ideias da vida do homem, construída para se contar ou mostrar a outrem” (Sousa, 2008, p.5). Essa pulsão humana pode ser remontada aos rumores da Grécia e da Roma Antiga, que representavam um modelo narrativo falado baseado em trocas informais de relatos entre os indivíduos de uma mesma comunidade, e carrega em si um ponto em comum com o jornalismo: o desejo de comunicar sobre a realidade.

É relevante, nos estudos jornalísticos, a perspectiva de que a literatura serviu como elemento fundador do leque de técnicas do redator jornalístico moderno antes mesmo da concepção da imprensa ou do jornalismo como profissão. Os textos literários, como *Iliada* de Homero, contam, em um modelo narrativo próprio, os desdobramentos da vida do povo retratado pelo texto. A verdade ainda não era um valor buscado por essas redações, mas o desejo de construir uma narrativa organizada sobre os acontecimentos – ou uma espécie de retrato escrito deles – já estava presente. Sousa (2008, p.8) perpassa essa discussão, ao apontar a existência do *lead*, a construção de abertura de um texto jornalístico moderno, no relato homérico. O autor descreve essa perspectiva da seguinte forma:

Um *lead* é um parágrafo-guia, um parágrafo que, devido às suas características, está indicado para iniciar um enunciado (jornalístico ou não jornalístico). No relato homérico, a primeira frase de cada secção do relato, normalmente, é construída de maneira a ter impacto e importância, prefigurando aquilo que, três milénios mais tarde, os americanos e britânicos designaram por *lead*. Assim, um *lead* jornalístico não é mais do que uma reinvenção, readaptação e aperfeiçoamento de uma estrutura literária e retórica ancestral para fomentar o interesse por uma história (Sousa, 2008, p.8).

O *lead* é entendido como um componente fundamental do jornalismo profissional e midiático, e surge como peça-chave em matérias jornalísticas ainda no século XVIII. Sousa (2008, p.8) aponta para uma profunda semelhança entre essa técnica jornalística, talvez a mais famosa e importante da profissão, com um dos textos mais importantes da literatura originária. Percebemos que a atividade jornalística

moderna carrega traços da pulsão humana de contar histórias e de registrar acontecimentos a partir da escrita de elementos comunicacionais, e que esse desejo vai muito além de lógicas profissionais. O uso do *lead* – técnica que organiza um texto focando no que é mais importante logo no primeiro parágrafo – é uma maneira profundamente eficaz de registrar a memória de sociedades e de períodos históricos. A presença de formatos textuais similares ao *lead* na literatura demonstra como essa conexão é profunda e ainda tem efeitos no texto jornalístico moderno.

A busca por uma origem do jornalismo e de suas características como profissão naquilo que definimos como pré-jornalismo encaminha esta pesquisa para a Roma Antiga. As “Actas Romanas” podem ser consideradas o primeiro exemplo de uma atividade escrita que tem conexões organizacionais com o que, no século XVIII, passou a ser entendido como jornalismo. Os escritores romanos buscavam registrar os momentos marcantes das reuniões do Senado e definir as regras centrais da vida política e na vida comum da sociedade em que estavam inseridos com uma organização intencional e específica. Sousa (2008, p.42 e 43) traça oito características presentes nas Actas Romanas e que podem ser percebidas, em um formato diferente, no jornalismo moderno: 1) periodicidade; 2) frequência; 3) variação de conteúdos noticiosos; 4) equipe de escribas, que aproxima-se muito de uma redação de jornal; 5) distribuição pública da informação; 6) distribuição à distância e ampla; 7) diferentes métodos para entregar uma mensagem – os romanos tinham o jornal de parede e o jornal manuscrito; e 8) estado e indivíduos particulares eram responsáveis pela iniciativa – investimento – por trás dessas atividades narrativas. Essas características traçam uma conexão entre a atividade antiga e o jornalismo atual e desenharam um quadro prévio sobre o surgimento das expectativas quanto à atuação do jornalista, que serão claramente definidas e solidificadas durante o processo de profissionalização da atividade.

A presença de elementos basilares para o jornalismo no vernáculo da literatura originária, como é o caso dos livros de Homero e dos relatos das Grandes Navegações, é um ponto de partida para o estudo dos fundamentos do jornalismo moderno. Porém, acreditamos que esse processo só pode ser explicado com a compreensão do papel de publicações periódicas na própria virada moderna, que começa após a revolução filosófica e científica marcada por René Descartes e filósofos que seguiram seus passos racionais, culminando na Revolução Industrial. Martin Conboy (2004) traça um paralelo importante entre as origens da imprensa,

como modelo de publicação e de controle do fluxo de informações, com a gradativa perda de poder da Igreja Católica na Europa, ainda no Século XVI. A tradução de textos em Latim para o Inglês e o Alemão e a confecção de panfletos para contar as “notícias do reino” – que eram encomendadas e definidas completamente por seus líderes – é parte de um confronto entre o poder religioso e o Rei da Inglaterra, mais precisamente Henrique VIII, nas primeiras décadas do Século XVI (Conboy, 2004, p.10) Esses primeiros modelos narrativos impressos apontam para uma atividade ainda monitorada e controlada pela lógica que imperava no período, marcado pela permanência do controle da Igreja Católica e de seus dogmas na vida pública.

Os primeiros redatores de folhetins e manuscritos buscavam reportar os acontecimentos ao seu redor, mas seus esforços eram limitados pois eles ainda estavam sujeitos ao controle dos dogmas religiosos da Idade Média. Entretanto, esse período foi marcado pelo começo de agitações na malha social, e a publicação de narrativas atuais – relatos sobre acontecimentos do último mês ou semana – era um elemento importante desse ambiente que se preparava para um futuro desconhecido. Em 1637, acontece o princípio da distribuição de *O Discurso sobre o Método*, de René Descartes, e a obra causa turbulências imediatas na sociedade europeia. Torna-se imperativo registrar que a distribuição dessa obra foi feita de forma similar aos folhetins e outros métodos de distribuição de informações sobre o atual na Europa, como aponta Russell Shorto (2013, p.32). Descartes logo se viu no centro de uma disputa pela manutenção do controle quanto ao pensamento público na França e na Holanda, países em que morou e que eram a casa de universidades em que floresciam ideias “rebeldes”. Não surpreende, portanto, que as primeiras tentativas de registrar as histórias do “presente” sem o controle total dos reinos e dos dogmas católicos tenham acontecido nesse período, mesmo que de forma embrionária. Conboy (2004, p.12) registra como os primeiros “repórteres” foram constantemente censurados pelo reino britânico, em um ciclo que começa durante a década de 1580 e perdura por todo o século XVII. Em 1584, em uma passagem marcante, o bispo da Inglaterra apontou punições severas para os responsáveis pela publicação de “folhetins com linguagem baixa” (Conboy, 2004, p.13). Acreditamos que esse momento representa de forma clara a turbulência social causada pelo surgimento de publicações com características jornalísticas: a Europa estava emergida em um combate por controle, em que a Igreja Católica ainda mantinha o poder sobre a cultura e o modelo monárquico ainda permitia o exercício desse poder por meio da força, com punição a escritores que distribuíam

ideias consideradas subversivas. Nesse sentido, acreditamos na existência de uma forte implicação de jogos de poder nas condições que fundamentaram o jornalismo como atividade social e como profissão. Além disso, percebemos a existência permanente de uma dependência a grupos dominantes, como a igreja no século XVI e o mercado publicitário na atualidade.

O processo de profissionalização do jornalismo começa a desenvolver-se quando surgem as primeiras publicações focadas na periodicidade, e o trabalho de redação transforma-se em uma maneira justa de ganhar dinheiro. É na França do século XVII que o jornalismo começa a ganhar contornos editoriais que podem ser comparados com sua organização moderna. O surgimento das gazetas é um momento marcante para o amadurecimento do jornalismo como profissão e Sousa (2008, p.75) reflete que o surgimento desses formatos, intrinsecamente jornalísticos, foi o resultado do aumento na demanda por notícias que contavam fatos do cotidiano em um contexto social de confronto entre tradições da Idade Média e suspiros modernos. A virada racional estava em fase embrionária, e as notícias sobre a atualidade eram um elemento para as turbulências do período. Conboy (2004, p.20) aponta que, durante todo o século XVII, o reino inglês considerava as notícias diárias como uma transgressão contra a ordem católica e ao controle estatal. O fluxo de informações, apesar de ser lento para padrões modernos, estava em um processo de aceleração na segunda metade do século XVII: tornava-se mais complicado a tarefa de controlar as mentes. O interesse público criou as condições perfeitas para que o ato de escrever e publicar textos sobre os acontecimentos atuais fosse percebido como uma forma viável de ganhar dinheiro devido à crescente demanda. Sousa (2008) define as possibilidades profissionais abertas para redatores no Século XVII da seguinte forma:

A sociedade, sujeita a transformações, instabilidade e mudanças, necessitava de informação. Por isso, havia não só receptividade para as notícias, mas também matéria-prima informativa suficiente para sustentar o aparecimento dos primeiros jornais 'eminentemente jornalísticos', correntemente denominados gazetas, nome que deriva da moeda veneziana 'gazeta', quantia paga para se ouvirem as notícias das folhas volantes e dos primeiros jornais em atos de leitura pública (Sousa, 2008, p.76).

Nos textos publicados pelas gazetas produzidas nas primeiras décadas do século XVII, a busca pela verdade não era uma prioridade, como apontam Sousa (2008) e Conboy 2004, e imprecisões e rumores estavam presentes e faziam parte

central do processo criativo desses folhetins. Porém, em meio a tudo isso, era possível perceber “ambição noticiosa e a capacidade de seleção de informação” (Sousa, 2008, p.76). Consideramos que o surgimento das gazetas é um ponto de partida para o jornalismo profissional devido a ambição noticiosa que as permeava. Além disso, elas são um primeiro exemplo da periodicidade como um elemento constante na produção e distribuição de notícias sobre o cotidiano. As gazetas inauguram um modelo narrativo e sistemático totalmente focado no presente e não no devir histórico.

As gazetas podem ser consideradas o primeiro tipo de publicação impressa e distribuída em torno de períodos determinados, pois esses textos eram ofertados ao público semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente. A periodicidade na produção e distribuição das gazetas foi primordial para a consolidação de um público em torno desses materiais impressos e provocou o surgimento de uma demanda no coração das sociedades em que as gazetas eram distribuídas – essas publicações eram um fenômeno restrito às grandes cidades europeias até o século XVIII. O século XVIII foi marcado por movimentos sociais e pulsões racionais que pavimentaram a escalada social rumo à Revolução Industrial, e a concepção do jornalismo como profissão está atrelada a essa agitação racional e aos elementos basilares para as revoluções que marcaram os séculos seguintes. Conboy (2004, p.19) define da seguinte forma o poder da periodicidade na produção das condições necessárias para a transformação do jornalismo, que deixou de ser um simples ato de escrita para tornar-se uma profissão formalizada:

Essa escrita de notícias sobre o mundo contemporâneo, em intervalos regulares, que era definido pela demanda do mercado por essa informação causou uma reconfiguração na compreensão humana de mundo que ainda hoje tem implicações... o jornal periódico foi o elemento mais importante na criação de concepções modernas sobre a informação no tempo. Ele requeria uma forma de escrita particular que era distinta de qualquer outra forma literária, uma que era centrada no contemporâneo e que trazia pontos políticos e públicos a primeiro plano como nenhum outro (Conboy, 2004, p.19)

O jornalismo periódico foi um dos tantos elementos que estavam presentes na transformação social que levou a Europa à era da razão. Para Jeremy Popkin (1989), o jornalismo produzido durante a transição do século XVIII para o XIX pode ser tratado como um terreno fértil para estudos sobre os elementos prévios à Revolução Francesa e como a Europa mudou após os combates franceses. É comum a percepção de que as gazetas desse período eram subservientes aos reinos da época. Isso acontecia,

em grande medida, como um método de sobrevivência, já que por muito tempo a própria atividade de publicar sobre os eventos atuais era compreendido como algo subversivo, porém existem elementos que enriquecem um debate sobre esse tema. Popkin (1989) revisa as publicações da *Gazeta de Leiden* no final do século XVIII e traz apontamentos sobre a forma como as notícias eram produzidas nesse período marcado pela Revolução Francesa e seus desdobramentos. O periódico produzido na Holanda tinha uma visão completa da Europa e era lido em lugares como a Inglaterra e os Estados Unidos, que fundou sua constituição em 1787. Por estar cobrindo a França com um olhar externo, a *Gazeta de Leiden* estava focada em registrar as decisões de nações no entorno do país sobre as turbulências na sociedade francesa, principalmente no ano de 1791 (Popkin, 1989, p.218). A gazeta analisada por Popkin (1989, p.217) colocava-se contra os revolucionários e temia pela integridade da França como nação, já que os responsáveis pela publicação acreditavam que as ameaças internas na França representavam um grande perigo para todo o continente. Seguindo essa linha editorial, a *Gazeta de Leiden* cobriu os combates franceses com um tom altamente crítico aos revolucionários e defensor das ações do Rei Francês, Luís XVI, até a morte do monarca, em janeiro de 1793. Morte essa que, por sua vez, foi tratada com sofrimento e compaixão (Popkin, 1989, p.223), o que criou um princípio de repressão ao jornal vindo da nova ordem controladora da França. A turbulência na França e em outras nações europeias marcou o começo do século XIX e pode ser percebida na cobertura da *Gazeta de Leiden*, que preferiu a omissão em muitos acontecimentos importantes, sob a pena de perder o direito de publicar seus textos. A leitura de Jeremy Popkin (1989), acreditamos, traz elementos muito importantes sobre o jornalismo durante a Revolução Francesa e sobre a relação que as primeiras publicações periódicas travaram com o ambiente social em que estavam inseridas.

No século XIX, o ato de reportar ganha contornos profissionais e capitalistas que produziram as raízes essenciais para a imprensa moderna. Esses elementos pavimentaram o surgimento e a consolidação das grandes empresas midiáticas. Nelson Traquina (2005) defende que esse processo tem como ponto de partida a comercialização da função jornalística e o processo de organização dos trabalhadores de jornais, que passaram a ser tratados como membros de uma equipe profissional. Assim, o surgimento de jornalistas, como trabalhadores remunerados e parte do mercado profissional, só aconteceu quando uma lógica de mercado começou a se desenvolver no século XIX. A possibilidade de ganho financeiro modificou a maneira

como eventos “atuais” eram reportados em países europeus e nos Estados Unidos. O incentivo econômico é a culminação de um processo que começa no século XVI, com as primeiras publicações narrativas sobre acontecimentos da atualidade, e conclui em um modelo de publicação periódica controlado por demandas financeiras. Essas publicações periódicas eram produzidas por trabalhadores que seguiam uma organização social do trabalho, em um modelo que se aproximava muito do que é entendido atualmente como profissão jornalística

O processo de consolidação do jornalismo como *profession* passa pelo surgimento dos cursos de jornalismo e do ensino de regras e modelos de atuação para jornalistas em ambientes acadêmicos. Nas universidades, o jornalismo passou a ter regras claras e a funcionar dentro de uma lógica profissional e técnica que abrange modelos de atuação complexos e amplos. Olano (2008, p.175) aponta que a entrada de uma área nas universidades é um passo importante para a consolidação de uma atividade como uma profissão. É nas salas de aula que as regras e os modelos organizacionais da profissão são categorizados e repassados para os estudantes, que começam a reproduzir esses modelos em suas rotinas profissionais. A mentalidade criada em cursos que começaram a surgir na França e nos Estados Unidos, e logo se espalharam por todo o mundo, geraram modelos que serviram de semente para a consolidação de uma expectativa narrativa e estética para o jornalismo. O surgimento de organizações coletivas de jornalistas e a entrada no ambiente universitário originaram as condições perfeitas para a concepção de códigos deontológicos para a profissão. Na virada para o século XX, profissionais do jornalismo buscaram a consolidação de características que entregassem aos trabalhadores do campo a “autoridade profissional” (Traquina, 2005, p.70). Michael Schudson (1989, p.2) defende que esse processo aconteceu exatamente quando as produções jornalísticas se tornaram mais do que retratos de preferências governamentais ou a leitura de vozes oficiais, e passaram a ser construídas a partir de técnicas próprias. Ao falar dos elementos basilares da profissão de jornalista, Traquina (2008), define a atividade moderna, sob um ponto de vista técnico, da seguinte forma:

Toma-se como certo o direito e a obrigação do jornalista de mediar e simplificar, cristalizar e identificar os elementos políticos no acontecimento noticioso. Assim, com base no exemplo norte-americano, houve a afirmação de competências e saberes específicos por parte dos membros desse grupo de pessoas que trabalhavam nos jornais. Começavam a reivindicar um

monopólio de saberes, indicativo da construção de uma 'profissão' (Traquina, 2008, p.71)

Toma-se como certo o direito e a obrigação do jornalista de mediar e simplificar, cristalizar e identificar os elementos políticos no acontecimento noticioso. Assim, com base no exemplo norte-americano, houve a afirmação de competências e saberes específicos por parte dos membros desse grupo de pessoas que trabalhavam nos jornais. Os redatores começavam a reivindicar um monopólio de saberes, indicativo da construção de uma “profissão” (Traquina, 2008, p.71). A consolidação do jornalismo como profissão ocorreu quando os trabalhadores dessa área começaram a dominar o monopólio do conhecimento e das técnicas da boa redação jornalística. Ao demarcar com clareza o espaço ocupado pelo jornalista e determinar quais os limites que o cercam, torna-se possível explorar o jornalismo como uma profissão, no sentido sociológico da palavra. A atuação moderna baseia-se em regras e manuais que limitam e condicionam os textos produzidos pelos jornalistas: essa lógica estipula o que deve estar presente em uma boa narrativa jornalística. No entanto, existe uma crítica sobre os efeitos dessa lógica na atuação profissional e nos estudos em torno da atividade dos jornalistas, e Carlos Alberto Vicchiatti (2004, p.15) define o trabalho de repórteres como mecânico, pois o profissional da área precisa respeitar constantemente as técnicas que definem a profissão. Essa condição é resultado dos padrões ensinados nas universidades do Brasil, aponta Vicchiatti (2004, p.16). O grande problema do “culto ao mecanicismo” é que o ato de reportar no País não está conectado com as condições culturais e históricas fundamentais para a profissão, como a literatura e a noção de compromisso social. Concordamos em parte com essa perspectiva, já que existem técnicas e métodos de atuação que definem a profissão de jornalista, e acreditamos que essa pesquisa deva perpassar os principais elementos dessa construção para arguir a favor de uma análise histórica do jornalismo e suas conformações modernas.

2.3. O jornalismo profissional e suas contradições: os valores profissionais como organizadores do caos

A perspectiva de que o jornalismo brasileiro moderno é prioritariamente mecanicista está presente nos estudos sobre o jornalismo atual. Essa perspectiva defende que o foco da cobertura jornalística é a construção de modelos fechados, que

respeitem elementos deontológicos. As técnicas jornalísticas servem como regras universais que condicionam as pautas, e o excesso de preocupação com a parte técnica promove o surgimento de pontos cegos na percepção dos profissionais da área. Percebemos que a priorização de questões técnicas tem um papel importante no contexto atual do jornalismo, pois a perspectiva mecânica é responsável pelas contradições na cultura profissional da área. A principal contradição tem a ver com a autoimagem que os profissionais projetam sobre seu trabalho, que tem efeitos importantes no *ethos* da profissão. A condição mecânica da profissão e a convicção de que os jornalistas estão sempre trabalhando de forma objetiva, neutra e alinhada com a “verdade”, provoca a crença de que os profissionais são capazes de perceber e narrar o mundo de forma precisa, sem distorções, o que percebemos como um mito – uma espécie de tipo ideal – que não se observa na realidade. A construção academicista do jornalismo e a lógica mecânica por trás do ensino universitário produzem um mito em torno da “excelência” jornalística. Vicchiatti (2004) resume essa condição da seguinte maneira:

Por isso é que no mundo atual vemos o jornalismo cético, tecnicista. Os jornalistas não têm clara noção de que manipulam a informação e por isso deveriam ter consciência de seu importante papel social. Em meio a todo esse processo, o jornalismo assume o papel de tratar a realidade de forma livre (embora incerta), por meio de sua relação com as questões humanas; porém, essa finalidade se apresenta permeada por intenções contraditórias (Vicchiatti, 2004, p.21).

A consolidação do modelo de atuação para os profissionais da mídia promoveu a fundação de um mito sobre a objetividade na profissão, constantemente mediada pelos códigos deontológicos. Essa premissa acredita que o jornalista, ao seguir algumas regras de “boa apuração”, será sempre objetivo e imparcial, formando assim uma versão correta da realidade. Porém, partimos da premissa essencial de que essa percepção não passa disso: um mito condicionado pelas regras e pelo *ethos* da profissão, que é definido a partir da imagem de um jornalista objetivo e ideal.

O mito do jornalista como um profissional idealizado, com a capacidade de “renderizar” a realidade de forma neutra, não é resultado apenas dos códigos e manuais da profissão. Esse personagem já foi representado em filmes como *Todos os Homens do Presidente*, de 1976, *Spotlight*, de 2015, *The Post*, de 2017 e outras dezenas de obras ficcionais que colocam os membros da imprensa em uma posição de heróis ilibados, determinados a, tão somente, solucionar uma injustiça e chegar a

uma verdade absoluta sobre um caso histórico. Há, portanto, um elemento contraditório na construção do jornalista moderno: ele é representado por um mito que define seu comprometimento com a verdade ao mesmo tempo que o profissional está mediando a realidade a partir de suas próprias perspectivas em todas as suas produções. Essa contradição é fundamental para o avanço de nossa pesquisa. Partimos do pressuposto de que essa contradição está no centro da profissão e que ela é reforçada por materiais acadêmicos, obras de ficção e a própria cultura profissional que cerca o jornalismo.

A sociologia das profissões é um ponto de partida para a compreensão do jornalismo atual. Olano (2008) argumenta em torno do conceito de Complexidade das Profissões, que acreditamos ter alguns elementos importantes para a compreensão da contradição central ao jornalismo. Considerar a complexidade de uma profissão, como o jornalismo, não é ignorar a compreensão clássica do trabalho, que define uma “profissão” a partir da existência de um regimento profissional. O que essa perspectiva propõe é o enriquecimento dessa definição por meio de uma abordagem mais ampla, que contemple a lógica da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim e estude para além dos códigos. Ou seja, que contraponha os códigos deontológicos com outras noções fundadoras da profissão, a fim de captar aquilo que não pode ser reconhecido a partir de uma visão linear da ciência. A definição de uma profissão, nessa perspectiva, é o resultado de relações complexas entre os indivíduos e as estruturas que delimitam suas atividades. O jornalismo é delimitado como um caso muito propenso ao uso dessa perspectiva, pois consideramos que os profissionais da área atuam entre regras profissionais e as suas próprias experiências – experiências que mediam as suas tomadas de decisão na rotina profissional. Olano (2008, p.187) utiliza o jornalismo como um exemplo claro da complexidade no mundo do trabalho, além de apontar para alguns elementos da relação entre as normas e as experiências individuais dos profissionais, que são resumidas da seguinte forma:

O caso dos jornalistas é paradigmático posto que mantém uma atitude reflexiva sobre sua prática profissional. Diariamente, durante a reunião de pauta, propõem ideias de reportagens e debatem sobre seus interesses, o ângulo escolhido e o espaço que convém atribuí-los. A reflexão se prolonga por toda a jornada até a publicação do jornal. Além disso, os jornalistas se interrogam sobre sua tendência a não contrastar sistematicamente as informações publicadas, a confundir a informação e a opinião, a recorrer ao sensacionalismo. Em discussões, informais ou organizadas, refletem sobre

os desvios, as razões explicativas e a maneira de evitá-las (Olano, 2008, p.187).

A relação do jornalista com a sua própria imagem profissional é resultado direto da atuação constante do *ethos* jornalístico na mente dos profissionais. Esse *ethos* faz com que jornalistas projetem a busca constante da verdade por meio de uma série de condutas “ideais”. A falha em contemplar os elementos basilares da profissão pode custar a credibilidade do jornalista. Traquina (2008) defende que os jornalistas trabalham em uma espécie de tribo, em que cobranças quanto à manutenção do *ethos* são constantes e internalizadas, partindo dos companheiros de profissão. Mesmo sabendo que as notícias são o resultado de um processo de mediação e seleção, e que muitas vezes estão diretamente sujeitas a pressões econômicas, temporais e ideológicas, os jornalistas querem manter a percepção em torno da excepcionalidade da profissão. O conceito de *ethos*, a partir da definição de Dominique Maingueneau (2008), é delimitado como um elemento discursivo, que determina a capacidade de um orador, ou de um construtor de narrativas, de convencer o seu público de sua mensagem e de seu valor como um anunciante. Esse *ethos* não está ligado a atributos físicos do enunciador, mas sim a elementos comunicacionais, que se apresentam durante um momento narrativo. No caso do jornalismo, o *ethos* é um elemento que unifica e qualifica as “obrigações” sociais do grupo, apontando para características que definem o jornalista e são esperadas desse trabalhador em sua atuação profissional. Segundo Traquina (2005, p.100), o papel do jornalista pode ser definido como o de um “guardião da democracia”, já que é esperado que a mídia e a imprensa atuem como porta-voz do público, refletindo seus interesses e anseios. Na citação abaixo, Traquina (2005) resume a perspectiva que imputa ao jornalista o papel de “guardião” da democracia, em uma leitura que consideramos quase mitológica e desconectada das suas implicações na realidade democrática:

No papel de ‘guardião’ do poder, as relações assentam, segundo os seus teóricos da democracia, numa postura de desconfiança e numa cultura claramente adversarial entre jornalismo e poder político. No ‘tipo ideal’ esboçado, os membros dessa comunidade interpretativa são pessoas comprometidas com os valores da profissão em que agem de forma desinteressada, fornecendo informação, ao serviço da opinião pública, e em constante vigilância na defesa da liberdade e da própria democracia (Traquina, 2005, p.100).

Essa perspectiva representa um arquétipo perfeito para o mito que guia e ergue o *ethos* do jornalismo moderno. Além disso, a visão de Traquina (2005a, p.100) aponta para problemas que consideramos fundamentais para a compreensão do trabalho jornalístico. É um elemento mitológico similar ao da perspectiva que imputa ao jornalismo a necessidade de exercer sua atividade como uma espécie de quarto poder. A atuação jornalística seria, sob esse prisma, como um poder paralelo aos outros três poderes de um sistema democrático como o brasileiro. Enxergar o jornalismo como o quarto poder é acreditar que a profissão tem a capacidade, e acima de tudo o dever, de atuar como um defensor da opinião pública. Um repórter precisa, dentro dessa perspectiva, proteger a população de possíveis desvios e irregularidades no trabalho dos três poderes da nação. Entretanto, essa visão vem sofrendo críticas duras em estudos jornalísticos, políticos e sociológicos, e concordamos com essa linha crítica. Elevar o jornalismo a posição de “guardião da democracia” é problemático, pois essa perspectiva demonstra um profundo desprendimento com debates atuais no campo da política. Carlos Albergo Garcia Biernath e Marcelo Da Silva (2015, p.89) defendem que o jornalismo não deve ser entendido como um quarto poder, mas sim como uma espécie de “contrapoder” que pode colocar-se como resistência a elementos antagônicos no jogo político, mas que não exerce poder controlador. Essa perspectiva ao menos considera que os profissionais do jornalismo estão constantemente sujeitos a pressões de mercado e são reféns de suas próprias subjetividades, além de respeitar a própria complexidade da democracia, que deve ser autônoma e definida por forças aprioristicamente equilibradas, sem um “guardião”.

A contradição central ao jornalismo moderno e seus efeitos no trabalho dos profissionais aponta para a necessidade de um estudo complexo sobre os valores e os métodos que estipulam a atuação dos jornalistas. Essa exploração aponta para categorias que ajudam a organizar o “caos” do trabalho em uma redação. Os jovens formados em universidades no Brasil, e no mundo inteiro, estudam princípios básicos para a profissão. Tudo começa na própria conceitualização do que é o jornalismo: em sua forma moderna, ele pode ser entendido como o “negócio ou prática de produzir e disseminar informação sobre assuntos contemporâneos de interesse público geral e de importância” (SCHUDSON, 1989. p.11). Essa definição é ampla e aponta para as características marcantes do jornalismo consolidado a partir do século XX, precisamente quando as empresas midiáticas se tornaram responsáveis pela distribuição de informações. Essa característica racional guia a determinação de

métodos e normas jornalísticas, pois as empresas de comunicação precisam aderir a certos padrões para manter o público e para ter um modelo de produção de conteúdo eficaz e consistente. É uma definição puramente mercadológica e que, portanto, não serve para englobar todas as vertentes históricas e culturais do jornalismo, porém funciona para delimitar algumas condições fundamentais da versão moderna das redações e dos valores basilares da profissão.

O jornalismo precisa existir entre duas demandas que são muito proeminentes na formação do campo jornalístico: de um lado estão as empresas que definem suas escolhas a partir de interesses monetários, já que precisam de lucro para sobreviver. Do outro lado, o *ethos* da profissão cria a percepção de que o jornalista precisa sempre atuar em prol da opinião pública. Portanto, existe um conflito entre a percepção cultural do que significa um “bom jornalismo” e a busca por lucro, que passa pela captação de novos consumidores engajados com as narrativas criadas. Para conseguir produzir notícias de acordo com essas pretensões, contraditórias por natureza, é fundamental que exista uma cultura jornalística, ou um campo, que delimite técnicas para o aperfeiçoamento dos textos jornalísticos. Academicamente, o ensino do jornalismo formou categorias que organizam as contradições e classificam os acontecimentos e as diferentes formas de abordar cada tema. Essas determinações não servem apenas para garantir a qualidade dos textos e a padronização do conteúdo, mas também servem para a manutenção da imagem dos comunicadores.

A seleção de pautas e a categorização de temas é intrínseco ao trabalho do jornalista, e é impossível imaginar um jornalismo capaz de englobar o todo. Desde a escolha das temáticas abordadas até o *framing* dado a um certo assunto, o produtor de notícias está constantemente sujeito a suas próprias interpretações quanto ao real. Devido ao pressuposto de que a subjetividade é intrínseca ao exercício do jornalismo, acreditamos que o conceito de objetividade, presente em todas as tentativas científicas e profissionais de organizar o jornalismo, não funciona como uma negação da subjetividade. A objetividade é um método que oferece ferramentas para que os profissionais organizem e controlem suas subjetividades a fim de torná-las imperceptíveis ao público. Gaye Tuchman (1972, p.661) define a objetividade como uma espécie de ritual, usado para defender os profissionais de possíveis críticas e para delimitar um método de atuação constante. Assim, os jornalistas lançam mão de táticas reconhecidas e definidas como essenciais para a elaboração de um texto jornalístico com o objetivo de garantir que uma notícia esteja dentro do padrão de

qualidade esperado. A objetividade é uma habilidade que deve ser exercida com maestria por profissionais do jornalismo – mas essa objetividade não passa de uma metodologia.

A objetividade para o jornalista é um conceito com implicações muito diferentes da objetividade vivida e buscada pela ciência. Diferentemente de um cientista, o jornalista precisa publicar de forma periódica e sua técnica é focada nesse fim. Por isso, a objetividade é um método utilizado para proteger jornalistas e empresas de problemas jurídicos que podem surgir a partir da falha em contemplar com a realidade em uma publicação – ou pelo menos a quebra de um *ethos* que espera um alto grau de compromisso do jornalista com os fatos. A objetividade é, portanto, um ritual que defende o profissional dos riscos associados à existência da subjetividade na rotina profissional. Eduardo Meditsch (1998, p.3) compara o significado da objetividade para a ciência e para o jornalismo, ao apontar que os jornalistas produzem conhecimento guiados pela novidade. Afirmar isso não é dizer que um produz conhecimento de uma forma superior ao outro: são objetivos diferentes, alcançados por metodologias diferentes. Para definir a objetividade, como um método, Tuchman (1972, p.665) aponta para quatro elementos que são comumente associados a essa técnica jornalística. Esses elementos, quando presentes, garantem que o jornalista esteja protegido de críticas, ou que pelo menos tenha bases argumentativas para a sua defesa. Ele pode dizer que foi objetivo, em caso de crítica, pois seguiu os valores básicos da objetividade jornalística. Os quatro elementos são:

- (a) Apresentação de possibilidades conflitantes: o jornalista vive constante pressão temporal que limita a capacidade dos profissionais: é impossível que um jornalista contemple toda a realidade de um acontecimento em sua investigação. Entretanto, a objetividade prevê que ele reúna outras versões da história e confronte a versão inicial com possibilidades conflitantes. Essa tensão entre narrativas gera a percepção de objetividade, já que o profissional foi “neutro” e trabalhou com versões variadas;
- (b) Apresentação de evidências que suportem uma afirmação: um repórter tem a obrigação de substanciar suas afirmações. Para isso, é fundamental que evidências sejam demonstradas ao consumidor. Essa noção é comumente definida na profissão como a expressão “deixar que os fatos falem” (Tuchman, 1972, p.667);

- (c) Usar aspas: o uso de aspas está presente nas primeiras versões da imprensa, e segue atual no webjornalismo. O jornalista usa a citação de terceiros para retirar de si a responsabilidade de uma afirmação, pois o peso da fala fica restrito à fonte. As aspas também são usadas para colocar dúvida sobre uma afirmação;
- (d) O uso do *lead*: a técnica do *lead* é um dos elementos fundamentais do jornalismo profissional e sua introdução na imprensa foi um dos grandes responsáveis pela estrutura mercadológica por trás dos atuais textos jornalísticos. O jornalista tem a responsabilidade de decidir o que é mais importante e será apresentado antes na elaboração de uma notícia. Para montar um *lead*, o jornalista deve responder as seis questões essenciais para uma notícia (O quê, quem, quando, como, onde e por que). Essa determinação deve ser feita de forma direta e apresentada logo na primeira sentença de uma notícia.

Essas quatro técnicas são vistas como determinantes para a construção e a idealização da objetividade na atividade jornalística. Os jornalistas atuam para atingir a “objetividade”, definida aqui como um método narrativo. O ritual da objetividade é realizado para organizar as subjetividades dos profissionais da categoria e estipular regras deontológicas em torno da atuação do jornalista. Na busca por valores fundamentais para o jornalismo moderno, acreditamos que a notícia constitua a matéria prima da profissão. O profissional está, constantemente, tomando decisões sobre o que publicar e como definir o que deve ou não se tornar uma “estória” (Traquina, 2005, p.18). A construção de narrativas em torno dessas “estórias” é o resultado final do trabalho dos jornalistas, que refletem acontecimentos e momentos de uma sociedade em um formato específico e altamente determinado por padrões profissionais rígidos. A própria consolidação do jornalismo como profissão foi marcada pela definição e constituição da notícia como o produto vendido pelos primeiros periódicos, surgidos ainda no final do século XVII. Esse produto tem como elemento fundador a busca dos “fatos” e pela representação desses acontecimentos em narrativas estruturadas e publicadas de forma periódica.

As notícias são o elemento fundador do produto informacional e implicam, em sua natureza, em um processo de seleção por parte dos profissionais. Consideramos as notícias como o resultado de uma construção, que depende de um processo

profissional e técnico de seleção, mas é refém das subjetividades e preferências pessoais – e econômicas – de empresas e de jornalistas. Assim, existe uma camada de mediação entre o acontecimento e a história publicada em forma de notícia. Para entender de forma mais clara esse processo, elencamos dois conceitos que são essenciais: o *framing* e os critérios de noticiabilidade. O conceito de *framing* é fundamental para o entendimento do processo de formação das notícias. É um conceito definido como o recorte de uma história, que é pautado pelos objetivos narrativos do comunicador, que está representando a realidade. Mauro Porto (2004, p.77) defende que o enquadramento é um processo social e psicológico, em que o sujeito observa, interpreta – e, no caso do jornalista, narra – os acontecimentos sociais a partir de suas próprias predileções e pela sua trajetória de vida. Os “quadros” criados pelo indivíduo funcionam como guias para a atuação desse intérprete da realidade e variam, por natureza, dependendo das experiências vividas por quem codifica o real. No caso do jornalismo, o enquadramento está presente em todo o material produzido pelo profissional, já que, segundo a definição de *framing* feita por Erving Goffman (1974), não existem narrativas sobre uma realidade sem o condicionamento de um processo de enquadramento, que delimita a interpretação do mundo. A teoria de *frame analysis*, apresentada por Goffman (1974), explora a maneira como os sujeitos interagem com esses quadros, que são necessários para a compreensão e reflexão quanto a qualquer situação. Partimos do importante pressuposto de que somente a partir de quadros é possível interpretar e, conseqüentemente, criar narrativas quanto à realidade. O enquadramento, sob esse prisma, funciona como uma explicação natural para a impossibilidade da neutralidade no exercício do jornalismo: as narrativas do profissional dependem de suas experiências prévias ao fato relatado, e ele só pode interpretar e se inserir em uma situação a partir dos quadros que guiam suas leituras sobre o mundo. A ideia de enquadramento está profundamente atrelada à noção de que as notícias são janelas para o mundo. Os jornalistas, dessa maneira, são responsáveis por realizar recortes, enquadrando o mundo e oferecendo narrativas a partir de “janelas para a realidade” (Tuchman, 1978, p.1). Além do debate ético em torno da colocação dos consumidores do jornalismo em uma espécie de condicionamento por meio do *framing*, interessa aqui o papel fundamental que esse conceito tem na construção das notícias e na definição do jornalista como um profissional. A construção de quadros para a interpretação da realidade é um atributo intrínseco do trabalho na mídia e serve como um elemento fundacional da profissão.

Acreditamos que o conceito de *framing* é essencial para a compreensão do mito em torno do jornalista e da impossibilidade de produção de textos neutros: tudo que é publicado passa por quadros e depende de uma mediação para existir.

O conceito de critérios de noticiabilidade está conectado com o conceito de *framing*. O jornalista escolhe temáticas que circundam a janela que será usada para a construção de uma notícia: o quadro é definido por uma seleção temática feita por meio dos critérios de noticiabilidade. Mauro Wolf (2008, p.207) defende que esses critérios de importância, ou noticiabilidade, são regras internalizadas na tomada de decisão dos jornalistas. Essa compreensão é essencial, já que reforça o entendimento da impossibilidade da neutralidade no jornalismo. A própria construção de uma notícia é a soma de diversas escolhas. Os critérios de noticiabilidade são o instrumento técnico que guia a mídia e aponta para algumas questões ideológicas que estão sempre sublinhando as páginas de jornais, as escaladas na televisão e os portais da internet. Wolf (2008, p.208) aponta para cinco tipos gerais de critérios de noticiabilidade, cada um com seus valores e indicações internas. São eles:

- (a) Critérios substantivos: esses critérios tratam do potencial interesse do público em um acontecimento. Esse tipo de critério passa pela importância das pessoas envolvidas nos fatos, pela relevância de um fato para a nação e a quantidade de pessoas que foram envolvidas na situação;
- (b) Critérios relativos ao produto: esses critérios articulam-se com a viabilidade da atuação jornalística. Isso quer dizer que o jornal precisa estar preocupado com a capacidade dos jornalistas de atuarem em uma situação específica, mas também analisar a viabilidade de uma investigação. É fundamental estudar se os custos envolvidos em uma cobertura são compatíveis com o interesse do público na história;
- (c) Critérios relativos ao meio de comunicação: todos os meios de comunicação têm demandas e limites diferentes. O jornalismo produzido em um jornal impresso é completamente diferente do que é feito com as páginas da internet em mente, e isso também define o que vira notícia. Entender o meio e suas demandas é fundamental em um estudo sobre o jornalismo;

(d) Critérios relativos ao público: o público tem um papel determinante na seleção do que vira notícia. Wolf (2008, p.211) aponta que isso não tem relação com o que o público é, mas sim a imagem que o jornalista tem desse público. O jornalista considera se a notícia em questão tem a capacidade de gerar interesse e atrair o público previsto para seu conteúdo;

(e) Critérios relativos à concorrência: a disputa por visibilidade tem efeitos profundos no jornalismo. Cada empresa precisa buscar um espaço no mercado e formas de firmar sua posição junto ao público. Nesse critério entram questões como a velocidade de apuração, a entrega de espaço para personagens polêmicos da política nacional e os fatos que têm potencial de atrair o público.

Os critérios não são regras estanques, mas apontam para a maneira como o profissional do jornalismo deve pensar a construção de notícias. Tanto o *framing* como os critérios de noticiabilidade funcionam para construir a janela pela qual o profissional vai renderizar a realidade e construir sua narrativa. A credibilidade é um dos valores fundamentais dos jornalistas e da atuação dos profissionais da mídia. Acreditamos que a credibilidade é o valor mais importante para os jornalistas porque é ele que está em disputa nos processos hegemônicos e na relação entre a mídia tradicional e os novos projetos comunicacionais, nascidos e estruturados na internet. Como valor, a credibilidade garante que o jornalista consiga se comunicar e se colocar como membro e porta-voz do meio de comunicação de forma eficaz. É por meio da credibilidade, portanto, que o jornalista consegue atuar dentro do *ethos* da profissão. Esse valor, entretanto, não parte diretamente do jornalista ou do campo: ele é formado na percepção do público, que está em um constante processo de julgamento e análise sobre o comportamento do jornalista e sua comunicação. Mais do que isso, a credibilidade é formada por preceitos que vão além da própria construção do jornalismo, e que, portanto, devem ser analisados como conceitos sociológicos e filosóficos de profunda importância. Assim, a profissionalização do jornalismo e a consolidação do campo ocupam um papel muito importante na percepção da credibilidade. Por meio da criação de um *ethos* jornalístico, que prevê a objetividade e a busca pela verdade como pilares da atuação, a profissão oferece as condições necessárias para a idealização dos trabalhadores como membros confiáveis da

sociedade, que recebem o aval do público por meio da credibilidade – apesar das contradições citadas anteriormente.

O interesse pelo conceito de credibilidade no jornalismo é profundo e tem décadas de pesquisas com diferentes focos, mas que sempre priorizam o estudo sobre os elementos que fundamentam uma comunicação capaz de gerar credibilidade. Cecilie Gaziano e Kristin McGrath (1986) apresentam a maneira como o conceito era trabalhado nos Estados Unidos na segunda metade do século XX. As autoras refletem sobre pesquisas que tratam desse valor fundamental para a atuação dos jornalistas, e percebem que as explorações em torno da credibilidade no país focavam na formação desse conceito no público (GAZIANO E MCGRATH, 1986, p.452). Essa preocupação por parte de pesquisadores era resultado da crença de que o público perdia constantemente a confiança na mídia norte-americana durante as décadas de 1960 e 1970, o que levantou importantes questões sobre a formação e a manutenção da credibilidade. Na pesquisa apresentada por Gaziano e McGrath (1986), a credibilidade aparece atrelada a ações que denotam a boa prática do jornalismo. Isso significa dizer que a credibilidade é inferida pelo público a partir da existência, ou não, de atitudes que apontam para os outros valores da profissão, como a objetividade. O experimento a seguir resume essa construção: O fator de análise determinou 12 itens que são focados em: se as notícias de jornais e a televisão são justas, são imparciais, dizem toda a história, são precisos, respeitam a privacidade das pessoas, zelam pelos interesses das pessoas, estão preocupados com o bem-estar da comunidade, separam fato e opinião, podem ser confiáveis, estão preocupados com o interesse público, são factuais e têm repórteres bem treinados. Como a maioria desses conceitos foram tratados como indicadores de credibilidade em pesquisas anteriores, esse fator foi denominado “credibilidade” (GAZIANO E MCGRATH, 1986, p.454). Os elementos constituintes da percepção de credibilidade apontam para uma conexão entre esse conceito e a objetividade, entendida como um método. Tanto o público como os jornalistas, como demonstram Gaziano e McGrath (1986), associam a credibilidade na produção de notícias com uma atuação objetiva e estruturada a partir dos códigos deontológicos da profissão. Sílvia Lisboa (2012, p.15) elenca duas formas de credibilidade: a credibilidade constituída e a credibilidade percebida.

- (a) A credibilidade constituída é resultado direto da atuação de um jornalista ou de um meio de comunicação. Ela é formada a partir da fonte de informação,

que pode ser altamente qualificada em um assunto e capaz de sustentar suas afirmações com algum tipo de posição de poder, como um cargo governamental. Além disso, o próprio status de um profissional ou de um meio de comunicação pode consolidar esse tipo de credibilidade;

- (b) A credibilidade percebida é resultado de uma constante avaliação do público com relação ao que ele consome. Lisboa (2012, p.12) aponta que o público de um meio de comunicação questiona o que lê ou assiste. Nesse processo, ele projeta suas próprias experiências sobre o tema, o meio de comunicação e o repórter, gerando assim uma percepção de credibilidade – ou falta dela, quando o consumidor tem uma relação negativa com o material.

A credibilidade percebida é, como define Caleb Carr et al. (2014, p.477) “a avaliação da confiabilidade de uma mensagem baseada em uma série de fatores.” Esses fatores vão desde a imagem projetada pelo comunicador até a técnica utilizada para a condução da reportagem. O nível de credibilidade de uma notícia ou de um meio de comunicação tem um papel predominante na maneira como o público reage ao conteúdo, o que reforça a perspectiva de que a credibilidade é o fator primordial para a produção de um “bom jornalismo” e para consolidação de um profissional ou de um meio de comunicação. Sem a confiança do público, gerada pela credibilidade, o jornalista não tem condições de crescer o seu alcance e um meio de comunicação vai ter dificuldades em gerar lucros e buscar anunciantes, mesmo que o trabalho para constituir a credibilidade seja feito de forma eficaz, como Lisboa (2012) aponta no trecho a seguir:

No âmbito do conhecimento e do discurso, a credibilidade constituída não tem valor nem relevância em si senão através da percepção de alguém, por meio da credibilidade percebida. Há uma diferença em relação à perspectiva da comunicação, a posição dos sujeitos no ato comunicativo. Uma fonte pode se construir discursivamente como um enunciador credível, mas a audiência a quem ela se reporta precisa reconhecê-la como tal para que o conceito ganhe valor em um ato de comunicação. A credibilidade percebida pelo leitor – que aqui será analisada em relação ao jornalismo – sofre influência direta da credibilidade constituída, porque está baseada nos indicadores sobre os quais esta última se assenta (LISBOA, 2012, p.16).

A credibilidade é basilar para o jornalismo, e está presente na relação que profissionais e estudantes da área mantêm com a profissão. Arthur Hayes et al. (2007,

p.268) aponta que estudantes universitários consideram “jornalismo” o que está nos portais dos jornais clássicos ou das grandes mídias modernas. Isso porque a notícia carrega consigo um peso extra, que é dado pelo status profissional de quem produz o material. Portanto, o próprio conceito de confiança no jornalismo está atrelado a credibilidade e a carga histórica que sustenta certas empresas ou grupos de comunicação. Defender que a credibilidade mede a confiança do público com relação a um jornalista ou meio de comunicação não significa afirmar que existe uma confiança natural dada ao jornalismo. Pelo contrário, a história da profissão é marcada por uma constante busca pela aceitação do público, que não é homogêneo e tem variações profundas, que dificultam a confiabilidade no jornalismo. A busca da confiança do público, e pela credibilidade como um todo, é um esforço que perpassa toda a história da profissão, como visto anteriormente. Acreditamos que, como valor, a credibilidade é essencial para a compreensão do jornalismo moderno e de suas regras de funcionamento, pois os métodos de atuação foram definidos para alcançar a percepção de credibilidade. A verdade é o objetivo final do jornalismo segundo os códigos deontológicos da profissão. Como dito anteriormente, essa verdade não passa de uma construção, e a objetividade, como valor profissional e como técnica, serve para controlar o “caos” por trás da atividade. Sílvia Lisboa e Marcia Benetti (2015, p.10) apresentam o conceito de “crença verdadeira justificada” para definir a relação do jornalismo com a realidade e o papel que a credibilidade ocupa nesse processo. O jornalista busca, por meio de técnicas e modelos de atuação, alcançar um nível de verossimilhança que entregue ao consumidor a confiança de que ele está consumindo um relato que, de alguma forma, aproxima-se da verdade. Essa é a credibilidade que o jornalismo busca, e consequentemente, é a forma como a verdade pode ser entendida nesse campo.

O conhecimento produzido pelo jornalismo também se torna confiável na medida em que cria métodos e processos de apuração que sustentam a veracidade dos seus relatos, que envolvem rigor e pluralismo de visões, objetividade e clareza na apresentação e descrição dos fatos, imparcialidade na seleção do que deve ser relatado. A percepção desses elementos pelo leitor fornece evidências e razões para a crença no testemunho jornalístico. Essas evidências constituem a justificação, a segunda condição que torna uma crença verdadeira em conhecimento. A justificação é aquilo que pode ser capaz de gerar argumentos em defesa de uma crença (LISBOA E BENETTI, 2015, p.15).

O jornalista busca constantemente atuar de forma verossímil, e para isso ele necessita acionar o *ethos* da profissão. Com esse objetivo em mente, ele lança mão de valores e métodos como a objetividade e a credibilidade, que é percebida e refletida por quem consome o material. Com esses fatores, o jornalista pode aproximar sua produção narrativa de uma “verdade” e reafirmar sua condição social e profissional primordial. O debate sobre a conceitualização da verdade e sobre como ela pode ser definida no jornalismo e na academia é muito amplo, e vai além do conceito de credibilidade, portanto aprofundaremos esta leitura em torno do jornalismo no capítulo de análise desta tese, ao compreender o papel ocupado pelos elementos apresentados acima na cobertura dada a presidência de Jair Messias Bolsonaro, durante 2019 e 2022.

3. O ESTUDO DAS MASCULINIDADES COMO UM MÉTODO PARA A COMPREENSÃO DO MITO DE BOLSONARO

3.1. Introdução

Este capítulo apresenta uma reflexão bibliográfica sobre o conceito de masculinidades e a compreensão em torno da construção desta noção fundamental para esta tese.

Em um primeiro momento, exploramos o estudo em torno do gênero e a virada que este conhecimento sofreu durante o século XX. Essa mudança é fundamental para a exploração de novas formas de compreensão das relações humanas e para a desconstrução dos papéis de homens e mulheres, que foram, durante séculos, baseados em estruturas patriarcais.

Após a compreensão de que o gênero é uma construção social e que os papéis determinados são uma forma de controle arbitrária e nascida de preconceitos históricos, começamos a delimitar o processo histórico da construção do conceito de masculinidades, em uma leitura baseada na obra de Raewyn Connell (2005). Ao compreender a disputa hegemônica presente no coração da masculinidade moderna, podemos avançar no estudo em torno deste conceito.

Compreender a construção das masculinidades e de seus processos hegemônicos demanda o entendimento que diferentes culturas e realidades sociais constroem diferentes formas de representar este masculino. Portanto, realizamos uma leitura bibliográfica sobre os processos hegemônicos em voga no Brasil, desde sua origem até a representação moderna no cinema.

Por fim, repassamos a história de Bolsonaro, desde sua origem militar até a presidência, para compor um quadro geral de sua relação com a disputa hegemônica das masculinidades no Brasil e delimitar um entendimento claro sobre o presidente do País durante o período analisado nesta tese.

3.2. Compreendendo o gênero: a articulação entre o movimento político e a revolução acadêmica

A discussão contemporânea sobre o conceito de masculinidade é resultado de décadas de estudos feministas que mudaram e ampliaram a compreensão acadêmica sobre o conceito de gênero e os elementos que constituem esse entendimento, como a masculinidade. Esses estudos devem ser considerados para uma conceitualização ampla deste conceito que terá como principal objetivo a elaboração de uma reflexão sobre a construção do masculino em torno da figura de Bolsonaro. Queremos, além disso, entender como a masculinidade esteve presente em toda a jornada profissional do presidente do Brasil durante o período entre 2019 e 2022.

Ao apresentar o histórico por trás da conceitualização da masculinidade, Connell (2005) promove uma reflexão em torno do estudo dos homens nas ciências sociais, e começa destrinchando o, agora ultrapassado, entendimento do masculino como algo biológico e estanque – visão primordial antes dos esforços da psicologia e da sociologia em ampliar o significado do que é o masculino, e anterior aos esforços dos movimentos feministas. Um ponto de partida que consideramos fundamental para a introdução da masculinidade nesta pesquisa é a noção de que a rotina é uma “arena para disputas de gênero (Connell, 2005, p.3)”. Para exemplificar os jogos de poder presentes na relação entre homens e mulheres, Connell (2005), apresenta alguns exemplos que estão internalizados em grande parte das sociedades ocidentais. Um exemplo é a percepção de que homens consideram a concentração de informações como uma forma de poder muito importante, enquanto as mulheres estão abertas a pedir ajuda e demonstrar desconhecimento sobre um tópico (Connell, 2005 p.4). Esses conceitos do “senso comum” são importantes para a introdução do debate de gênero e da construção da masculinidade no convívio político e midiático brasileiro durante o governo Bolsonaro. Os momentos marcantes deste período, pela postura do então presidente e a forma como o masculino esteve em performance durante sua presidência, podem ser refletidos sobre o prisma da construção de uma masculinidade hegemônica, processo que vamos aprofundar durante este capítulo e que parte de uma busca constante pela reafirmação dos “valores masculinos”.

A evolução de estudos de gênero nas ciências sociais deu-se primordialmente devido ao crescimento do número de mulheres em universidades no mundo inteiro, processo que se desenrolou durante as décadas de 1970 e 1980. A presença de mulheres nesses espaços esteve diretamente ligada, em sua origem, ao movimento feminista e à luta por direitos sociais e pelo acesso a espaços e profissões que antes estavam fechadas ou ofertadas em condições desiguais, dentro e fora da academia.

Esse movimento também foi marcado pelo amadurecimento nos estudos sobre diferenças entre homens e mulheres. Connell (2005) aponta que as primeiras definições sobre o masculino e o feminino eram baseadas, principalmente, nos elementos biológicos que diferenciam os sexos. Esse momento inicial também é exemplificado na articulação histórica apresentada por Joas e Knobl (2017, p.486), que apontam os diferentes momentos das teorias feministas, entendendo a revolução feminista como um claro ponto de partida, assim como Connell (2005). Essa compreensão é fundamental para a assimilação dos elementos que marcaram essa relação nos últimos 50 anos.

Connell (2005) delimita e define três fases na teorização social sobre a masculinidade. A primeira é organizada em torno da psicanálise de Sigmund Freud que, na virada para o século XX, “deixa o gato sair da bolsa” (Connell, 2005, p.8) e oferece a primeira linha acadêmica para a desconstrução da masculinidade como um objeto natural. Com o foco na psicoterapia, Freud conceitualiza que os homens podem ter relações profundamente variadas e disruptivas com a própria masculinidade, e as concepções “naturalizadas” podem agir como fardos que prejudicam a qualidade de vida e a saúde mental destes indivíduos. A concepção de Freud sobre o masculino sempre esteve atrelada com o Complexo de Édipo² e o autor nunca cogitou a expansão de suas ideias para uma leitura social da realidade, e sempre se ateu aos estímulos e relações psicológicas. Porém, como Connell (2005, p.9) bem aponta, suas ideias serviram de ponto de partida para debates que avançaram sobre a masculinidade, em um ponto de vista social, durante o restante do século passado.

O segundo período apresentado por Connell (2005) tem a ver com o desenvolvimento de pesquisas em torno do “papel masculino.” Pesquisas em torno das diferenças entre homens e mulheres, do ponto de vista biológico e emocional, foram frequentes durante todo o século XX, porém sem maiores avanços. Dessa forma, cresceu-se a percepção de que não existem justificativas para objeções à entrada de mulheres em ambientes como universidades e posições de poder em grandes empresas e indústrias. A incapacidade de apontamento de motivos biológicos para o papel dos homens no mercado de trabalho, somado ao esforço de “desnaturalizar” o masculino feito por Freud, provocou o surgimento de estudos sociais

² Uma analogia proposta por Freud com o mito grego para teorizar em torno da construção da sexualidade masculina a partir da tensão entre o desejo sexual constituído em torno da figura materna e a proibição moral do incesto.

voltados para o papel dos homens. Esse processo foi possível devido aos esforços do movimento feminista, à emancipação e ao trabalho das autoras que serão trabalhadas mais adiante neste capítulo e de outras que, na segunda metade do século XX, começaram a trazer a discussão sobre os gêneros ao centro da academia global. Ao definir a noção de papel sexual, Connell (2005) faz o seguinte apontamento:

Na qual ser homem ou mulher significa cumprir um conjunto geral de expectativas que estão ligadas ao seu sexo - o 'papel sexual'. Nessa abordagem, sempre existem dois papéis sexuais em qualquer contexto cultural, um masculino e um feminino. Masculinidade e feminilidade podem ser facilmente interpretadas como papéis sexuais internalizados, produtos de aprendizado social ou 'socialização' (CONNELL, 2005, p.9).

Essa definição aponta para os caminhos que se seguiram nas ciências sociais. Os homens atuam, sob essa perspectiva, de maneiras esperadas socialmente e representam uma performance típica do masculino, que delimita regras e padrões de atuação que estão presentes em diferentes situações. Partindo desse pressuposto, as ciências sociais puderam aprofundar estudos em torno desta conceitualização do masculino. Os primeiros estudiosos do papel sexual ainda mantinham uma perspectiva biológica e otimista em torno destes papéis. Ou seja: eles acreditavam que a determinação de papéis era o resultado inevitável de uma socialização bem-sucedida, e sinal de que as estruturas sociais estavam funcionando corretamente. Porém, as teorias feministas da segunda metade do século XX superaram essa perspectiva e fizeram o importante esforço de apontar as falhas nessa visão e os problemas inevitáveis da existência de papéis sexuais, que limitavam e controlavam a forma de socialização dos indivíduos.

Nancy Chodorow (1978) foi uma das primeiras autoras a estudar as diferenças de gênero com foco nos processos que formam a identidade masculina e a identidade feminina. Para além da compreensão de que existia uma diferença, os estudos feministas estão preocupados na elaboração de explicações para os motivos sociais e psicológicos que levam às características da performance de gênero. Chodorow (1972) analisou as diferenças entre mulheres e homens e colocou grande importância na relação das mulheres com a maternidade e com as responsabilidades em casa na formação do psicológico feminino. Meio século depois, essa visão pode ser considerada ultrapassada, e estamos trabalhando com uma concepção muito mais complexa sobre a formação do feminino, mas consideramos importante pontuar o

trabalho de mulheres que, em alguma medida, permitiram o surgimento de questionamentos fundamentais quanto à estrutura das relações entre os gêneros. Autoras como Chodorow (1972) e as críticas que seguiram seus trabalhos foram fundamentais para os avanços dos estudos de gênero durante a segunda metade do século XX. Questionar as diferenças foi o movimento que abriu o caminho para o surgimento de teorias que versavam sobre os elementos construtivistas dos gêneros. Carol Gilligan (1993) defende que, devido a séculos de construção social sob o prisma masculino, a existência feminina é percebida a partir de sua relação com os homens. A autora faz uma importante exploração dos primeiros processos acadêmicos que objetivaram definir e codificar as diferenças entre homens e mulheres, e como eles estavam diretamente vinculados à visão masculina. O exemplo de Freud foi inicialmente apresentado por Gilligan (1982, p.7), que apontou que o autor definiu as diferenças femininas como a falha de alcançar o ideal masculino, representado pela superação do Complexo de Édipo. Essa conceitualização é fundamental para a compreensão dos avanços que vão seguir em torno do conceito de masculinidades. A negação de características associadas ao feminino é um elemento basilar da construção de uma masculinidade hegemônica.

O último período apontado por Connell (2005) representa o amadurecimento de estudos feministas e dos processos sociais que resultaram da entrada de mulheres na academia e em profissões que antes estavam fechadas para elas. Esse processo, que teve ramificações durante todo o século passado e ainda permeia a relação entre homens e mulheres, foi fundamental para a concepção de pesquisas em torno da masculinidade que questionavam a inevitabilidade do poder e do papel do homem. É na sociologia que os estudos em torno da masculinidade passam a abordar o conceito de mudança das estruturas dos gêneros e introduzem ao debate o conceito de dinâmica dos gêneros. As construções do masculino são percebidas como “convenções sociais (Connell, 2005, p.28)” que resultam da interação entre elementos culturais que determinam a performance do masculino. Essa visão permite que a masculinidade possa ser tratada como resultado de dinâmicas sociais em constante ebulição. Nessa mesma linha, a noção de masculinidade hegemônica também assume uma posição central: a masculinidade considerada “normal” em uma sociedade, cultura ou profissão não é natural, e sim a vencedora da disputa por poder no ambiente social.

A ideia de que o gênero é uma construção social, resultado de processos culturais, históricos e que inserem significado aos termos homem e mulher, é fundamental para esta pesquisa. Essa noção foi profundamente divulgada e se tornou um dos pilares globais dos estudos de gêneros após o lançamento da polêmica obra de Judith Butler (2003), *Problemas de Gênero* publicada originalmente em 1999. Esse texto tornou-se um pilar para o movimento feminista durante as décadas de 1990 e 2000 e promoveu uma revolução no entendimento em torno do conceito de gênero. A própria existência de elementos naturalmente femininos ou masculino é questionada, o que abriu a porta para diferentes leituras sobre o que produz as identidades masculinas modernas. Para Butler (2003), toda a representação de gênero pode ser entendida como uma forma de performance. Os indivíduos performam de acordo com a imagem que querem passar para os outros. Portanto, mulheres atuam de uma forma que remete aos elementos convencionalmente associados ao feminino, enquanto homens atuam para representar os elementos que são marcantes e que são esperados de homens. Claro, essa lógica aplica-se a indivíduos que estão performando a masculinidade dentro do modelo dominante.

Para entender a masculinidade como um componente da vida moderna, consideramos o conceito de virilidade como sendo uma peça fundamental para a construção da performance esperada para os homens. A virilidade constitui um objetivo do masculino hegemônico: é uma espécie de ideal a ser buscado por homens e carrega consigo uma tradição que pode ser apontada para diferentes momentos da história humana. A busca por características “viris” e a conexão dessas qualidades com o sucesso dos homens tem papel marcante desde a Grécia Antiga, por exemplo, como aponta Vigarello (2013). A conceitualização em torno da virilidade mudou durante os séculos, e a modernidade transformou as implicações em torno de elementos do viril, porém é fundamental entender o histórico por trás deste conceito, e seu caráter socialmente construído, para estudar como a performance de Bolsonaro durante o seu mandato foi guiada por uma masculinidade que buscou reviver e conectar-se com elementos de uma virilidade clássica e fortemente ligada a um conceito de força física.

O conceito de virilidade vem sendo usado em estudos sobre a natureza da masculinidade moderna e nas construções de significado que homens dão às suas relações. Machado (1998) faz uma leitura sobre as representações que a virilidade tem na vida de homens presos por estupro, e aponta para diferentes efeitos que a

busca por uma virilidade ideal, representada pela violência e pelo desejo sexual constante e implacável, têm na maneira como esses homens enxergam as mulheres e as relações traçadas com elas. Em toda a sua carreira política, e por extensão em todo o seu mandato como presidente, Bolsonaro buscou representações para fortalecer a imagem de uma virilidade ligada ao agressivo e à dominação. Por isso, acreditamos ser essencial trazer o conceito de virilidade para esta pesquisa e para o estudo dos significados em torno das polêmicas do mandato de Bolsonaro e do tratamento dado pela imprensa ao tema do viril: a representação de uma masculinidade violenta e combativa esteve em pauta no Brasil de Bolsonaro, e essa questão tem efeitos importantes para toda a sociedade. Além disso, pretendemos articular o conceito de virilidade com outros conceitos importantes para a construção de uma masculinidade hegemônica.

Realizamos esta reflexão inicial sobre alguns textos centrais para os estudos de gênero para introduzir o debate em torno do conceito de masculinidade. A performance de homens é cercada de muitas expectativas, e nas próximas páginas vamos aprofundar o entendimento em torno dos elementos que constituem o jogo de poder por trás de uma masculinidade hegemônica e suas representações.

3.3. Por que (e como) estudar as masculinidades

Os estudos feministas são o ponto de partida para a compreensão dos gêneros como construções sociais, e abriram importantes rotas de estudo para as ciências sociais. Os primeiros estudos na área são preocupados com a emancipação feminina e objetivam desconstruir a posição privilegiada dos homens e conceituar a ideia de patriarcado. Esse projeto político e acadêmico segue vivo, mas nos anos 1980 e 1990 era latente a necessidade de estudar os homens e sua relação com o patriarcado e com os elementos definidores do gênero. Connell (1995) apresenta uma construção revolucionária sobre o conceito de masculinidade e sobre a maneira como a ciência pode e deve estudar a vida dos homens e a relação com os seus corpos. A pergunta que cerca e guia este trabalho é a motivação por trás do estudo das masculinidades. Por que estudar os homens? Hoje, esta pergunta parece bem definida e o estudo do masculino é um movimento amplo e global, porém precisamos definir uma maneira de entender este conceito e os desafios para o seu estudo.

Um ponto de partida importante para entender o estudo moderno do conceito de masculinidade, e permitir uma leitura complexa sobre o tema, é a compreensão de que não existe apenas uma masculinidade. As variações culturais da criação de um “homem” e os elementos que constituem sua performance como um membro desta categoria são relevantes no processo construtivo de um tipo de masculinidade. Estudar a relação entre diferentes tipos de masculinidades é entender, *a priori*, a maneira como as masculinidades são provocadas e como elas podem ser entendidas no contexto das relações entre homens e mulheres. Connell (1995) aborda as diferentes formas de entender o masculino e em seu esforço de apontar um processo formativo para o conceito, a autora traz o seguinte ponto:

Ao invés de tentar definir a masculinidade como um objeto (um tipo de caráter, uma média comportamental, uma norma), precisamos focar nos processos e nos relacionamentos pelos quais homens e mulheres conduzem o gênero em suas vidas. ‘Masculinidade’, a extensão que esse termo pode sequer ser definido, é simultaneamente um lugar nas relações de gênero, as práticas com as quais mulheres e homens engajam com esse lugar no gênero, e os efeitos dessas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (CONNELL, 1995, p.71).

O conceito de masculinidade, portanto, está em constante construção, avaliação e significação. Os indivíduos interagem com a masculinidade na medida em que são provocados a agir, corporalmente, em um sistema social que os demanda uma performance que esteja de acordo com as demandas da cultura, dos interlocutores e dos elementos que constituem a relação de um homem — ou de alguém identificado como tal. O corpo é uma “arena reprodutiva” (CONNELL, 2000, p.27) porque, por mais que atravessado pelos elementos sociais, o sujeito está sempre permeado pelas suas demandas e capacidades físicas (sejam elas sexuais, reprodutivas ou atléticas). Portanto, a masculinidade de um homem ou de uma mulher é delimitada pela maneira como o indivíduo interage com as pulsões corporais e com os elementos culturais que o cercam.

É por causa da grande gama de variações e interações que se apresentam na rotina de homens em todo o mundo, que devemos considerar a existência de diferentes formas de representar o masculino. Mais do que isso, a masculinidade pode se manifestar de formas muito variadas em grupos sociais próximos e em homens que compartilham experiências similares, como podemos perceber na tensão entre homens que representam a masculinidade de forma diferente. Além disso, a questão

geográfica e as diferenças culturais são um elemento definidor nas masculinidades. Connell (2000) resume de forma muito clara as diferentes contextualizações para se considerar a formação de um modelo de masculinidade:

. . . não há um padrão de masculinidade que é encontrado em todos os lugares. Culturas diferentes e períodos históricos diferentes constroem gênero de uma forma diferente. . . diversidade também existe em um ambiente definido. Dentro de uma escola, ou lugar de trabalho, ou grupo étnico, haverão diferentes formas de aprender a ser um homem, diferentes concepções de eu e diferentes formas de usar o corpo masculino (CONNELL, 2000, p.10).

O desafio para estudar o conceito de masculinidades, então, passa a ser encontrar formas de relacionar a diferença entre masculinidades que estão presentes dentro de um grupo social. Assumir que existem diferentes formas de performar o masculino é apenas o primeiro passo na compreensão deste conceito. Temos que entender como o processo hegemônico se manifesta e quais os elementos que definem a forma “desejada” de representar a masculinidade em um grupo social.

3.3.1. O poder nas relações de gênero

O amplo entendimento de que o conceito de masculinidade é definido a partir da negação de características consideradas femininas, e que apenas nessa negação é possível estabelecer uma compreensão sólida sobre esse conceito, ocupa posição central na constituição da identidade masculina. Para além disso, esse entendimento assume que a masculinidade só pode existir a partir deste contraste (CONNELL, 1995, p.68). Acreditamos que a diferenciação é um elemento fundamental da conceitualização do masculino, já que toda e qualquer tentativa de estabelecer um “dever ser” masculino passa pela tentativa de negar e subtrair características femininas, e reforçar o espaço ocupado por noções tipicamente masculinas, como é a ideia da violência, da imposição física e da competitividade. Esses elementos apontam para a importância e a quase inevitabilidade de analisar a relação com o feminino de uma figura como Bolsonaro para entender sua performance masculina e sua busca pela representação de uma posição hegemônica. Assumimos que compreender a maneira como o patriarcado e seus elementos se apresentam nos jogos de poder entre homens e mulheres é um elemento fundamental para o estudo das masculinidades.

O masculino costuma ser definido por meio do “poder” exercido por homens sobre as mulheres e a negação de elementos femininos, considerados indesejáveis. A capacidade social que o masculino tem de exercer controle sobre o estilo de vida de mulheres e de outros homens é fundamental para a formação da identidade masculina. Portanto, nas sociedades modernas, é inegável a posição ocupada por relações de poder na construção do masculino e os efeitos dessa forma de poder estão enraizadas na relação entre os gêneros. Para refletir sobre as formas que o poder assume na relação entre homens e mulheres, Connell (2000, p.23) apresenta um modelo com quatro módulos que explica a forma como o poder se expressa na relação de homens com mulheres (e com homens considerados menos masculinos):

- (a) relações de poder: este módulo representa o patriarcado como um todo. O exercício do poder masculino em relações profissionais e sociais perpassa questões como força, imposição física e os elementos econômicos, sempre visando beneficiar o masculino. Esse tipo de entendimento sobre a relação entre homens e mulheres gerou ações de resistência e foi o primeiro ponto apresentado pelo movimento feminista e pelas ações políticas que o marcaram;
- (b) divisão do trabalho: conhecido elemento das relações de poder entre homens e mulheres, a interferência do poder masculino no mercado de trabalho pode chegar a níveis muito detalhados, definindo com muita clareza o lugar que deve ser ocupado por homens e mulheres. Além de diferenças culturais, que definem alguns trabalhos como sendo apropriados para mulheres e outros para homens, essa questão também cria efeitos econômicos, já que na divisão do trabalho os homens são “agraciados” com os trabalhos que pagam melhor e têm trajetórias de carreira mais estáveis. Connell (2000, p.25) define essa diferença com o conceito de dividendo patriarcal;
- (c) relações emocionais: esse módulo reflete sobre o inevitável papel ocupado pelo poder masculino na relação sexual e emocional entre homens e mulheres. Connell (2000, p.25) usa o termo *Cathexis* para se referir aos elementos de poder presentes no desejo sexual e na forma como homens se portam diante das mulheres em situações íntimas, amorosas e pessoais.

Esse tipo de poder aponta para elementos definidores da violência doméstica e da dependência social que muitas mulheres sofrem quando inseridas nesse contexto;

- (d) simbolismo: as roupas, os sinais, os maneirismos e as características da vida de homens e mulheres criam elementos simbólicos que reforçam diferenças no ideário esperado de homens e de mulheres. Esses símbolos são fundamentais para a compreensão das dinâmicas e da relação de poder presente na arena de disputa de gênero — e, portanto, exercem poder de forma silenciosa na vida de homens e mulheres.

Esses quatro elementos organizam alguns dos modelos de poder exercido por homens sobre as mulheres em seu convívio. O exercício e a imposição desse poder sobre mulheres e homens com características menos masculinas é uma forma muito eficaz de performar o masculino e garantir a posição dominante para um homem em um específico grupo social ou em um relacionamento.

3.3.2. Hegemonia e o poder entre masculinidades

A compreensão de que não existe apenas uma masculinidade e que esse é um conceito em constante mutação, que varia dentro de ambientes e culturas diferentes, abre as portas para um debate que será fundamental para fomentar o conceito de masculinidade hegemônica: como as diferentes masculinidades interagem entre elas?

Em Vandello et al. (2008) a precariedade da manutenção do *status* de homem é trazida à tona. A masculinidade é algo que está em constante prova, e que precisa ser constantemente reafirmada, disputada e garantida por meio de ações que reforçam os elementos que fazem um homem. Perguntados sobre a conquista e a manutenção da condição de ser um homem de “verdade”, atores demonstram a impressão de que ser masculino não é um projeto fácil e que precisa ser constantemente disputado. Qualquer desvio — como “jogar a bola como uma garota” (Connell, 2000, p.86), pode fazer com que um garoto sinta um distanciamento com a identidade masculina e sinta sua virilidade falhar. A demanda constante por reafirmações do masculino se manifesta na infância e acompanha o homem durante toda a sua vida. Portanto, os homens que não conseguem performar essa

masculinidade vivem uma constante relação de inferioridade a outros homens, o que muitas vezes se manifesta internamente, por meio de cobranças por agressividade.

Os padrões de masculinidade definidos como necessários para a aquisição e a manutenção de uma posição privilegiada como homem variam de acordo com a cultura, com o grupo social e de acordo com características como raça e nacionalidade, e diversos outros fatores que são importantes para a composição de uma masculinidade hegemônica. A hegemonia do masculino está em constante disputa, e narrativas e símbolos sociais como filmes e discursos políticos podem fazer com que alguns elementos sejam retirados ou somados ao ideário de masculinidade de uma cultura ou um subgrupo — porém sem mudar os principais elementos hegemônicos. Connell (2000, p.77) aponta que é a promoção e a manutenção destes elementos hegemônicos que garantem o poder de homens sobre mulheres e sobre outros homens, que falham em alcançar as características desejadas pela masculinidade hegemônica.

Essa hegemonia é o resultado da correlação de poderes públicos, da ação de instituições como o exército e até do processo de criação de meninos, que reforça a demanda por certas características consideradas fundamentais para o exercício da masculinidade. A variabilidade do conceito de masculinidade é o que conecta os estudos sobre esse conceito com o movimento feminista — a disputa por espaço para as mulheres já provocou mudanças na definição na determinação de características hegemônicas em diversas culturas e países no mundo inteiro, e esse processo ainda está em disputa. Demetrakis Demetriou (2001) aprofunda a leitura deste conceito, e aponta que até a subordinação de certos homens faz parte de um projeto hegemônico, que busca colocar as mulheres em posição inferior. É o caso dos homens gays, que pela não prática do sexo heterossexual e a consequente não reprodução das relações de poder que se estabelecem na relação física entre homens e mulheres, é colocado, pelos processos hegemônicos, em uma posição de subordinação. O autor estabelece uma crítica ampla do conceito de masculinidade hegemônica, e aprofunda o entendimento do conceito elaborado em Connell (1995) explorando sua conexão com o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci³ em busca de um entendimento mais profundo da relação entre diferentes masculinidades e seus jogos de poder. Demetriou

³ O conceito de Hegemonia de Gramsci é fundamental para a compreensão moderna de disputas de sentido, e consequentemente de poder, tanto nos espaços políticos como os econômicos, como aponta De Moraes (2010).

(2001) analisa que existem relações de poder internas e externas também nas masculinidades, e que os homens são “intimidados” a participar da performance masculina para manter viva a dominação masculina sobre as mulheres, e esse processo é fundamental para a existência de grupos dominantes e dominados dentro do universo masculino.

Ainda que seja muito simplista equalizar a hegemonia nas relações de gênero com a hegemonia de classes, existem algumas semelhanças estruturais impressionantes nos dois processos que não podem ser ignoradas. Ambos Gramsci e Connell implicitamente diferenciam entre hegemonia interna e hegemonia externa (liderança/dominação — hegemonia sobre masculinidades subordinadas/sobre mulheres) e ambos dão posição principal para o segundo, enquanto o primeiro é um meio para a conquista da hegemonia externa, não um fim em si próprio (DEMETRIOU, 2001, p.345).

Após apresentar uma semelhança estrutural importante nos conceitos de hegemonia de Gramsci e de Connell, Demetriou (2001, p. 346) aprofunda sua crítica à noção de masculinidade hegemônica apontando algumas diferenças importantes na maneira como as relações de poder se apresentam entre classes e entre homens com *status* diferentes. Diferentemente do que acontece nas relações de poder entre líderes e subordinados na relação de classes, segundo Demetriou (2001), as masculinidades subordinadas só existem sob a forma da subordinação, e não exercem poder de negociação ou de trocas com a masculinidade hegemônica. Eles estão, devido à natureza do projeto hegemônico da masculinidade, em uma posição de marginalidade constante. A partir desta interpretação, Demetriou (2001) aponta que o conceito de Connell pode ter uma natureza enraizante, e não permite mudanças na construção da hegemonia masculina. Dessa forma, o autor elabora o conceito de “bloco histórico”, que é um universo de criação da masculinidade hegemônica em que elementos são escolhidos, separados e excluídos para promover o ideário masculino dominante em uma cultura. O autor busca afirmar sua colocação ao pontuar que existem elementos da cultura gay e de outros grupos subordinados que conseguem entrar na construção dos elementos que solidificam a hegemonia, como no caso de roupas, músicas e programas de televisão que questionam a masculinidade hegemônica e colocam gays em posição central. Dessa forma, existem trocas constantes e que o conceito hegemônico de Connell (2005) não contempla essa dinâmica. Essa teorização é contraposta por Connell e Masserschmidt (2013): os autores apontam que essa definição assume um nível de estabilidade e naturalidade a esse processo que não é

compatível com a dinâmica política e combativa das relações de gênero. A autora aponta que:

Ainda não estamos convencidos de que a hibridização que Demetriou descreve seja hegemônica, pelo menos para além de um sentido local. Mesmo que a masculinidade e a sexualidade gay estejam em um processo de crescente visibilidade nas sociedades ocidentais — testemunhado pela fascinação com personagens gays masculinos em programas de televisão como *Six Feet Under*, *Will and Grace* e *Queer Eye for the Straight Guy* — há pouca razão em pensar que a hibridização se tornou hegemônica nos níveis regional ou global. (CONNELL E MASSERSCHMIDT, 2013 p.262).

Concordamos com a colocação de Connell e Masserschmidt (2013), especialmente porque nos últimos 20 anos essa questão tornou-se ainda mais clara. A entrada de personagens gays na cultura ocidental não mudou as relações de poder entre as masculinidades, e a posição destes personagens segue sendo de subordinação, mesmo que sua presença na cultura tenha mudado alguns elementos da masculinidade — como a moda. Além disso, lembramos que a construção da masculinidade hegemônica e o estudo deste conceito deve ser entendido dentro de um projeto político de gênero. Mesmo processos de abertura fazem parte de uma disputa longa de feministas e membros da comunidade *queer* em busca de mais direitos e da aceitação. Outro elemento que consideramos fundamental no entendimento da disputa pela hegemonia da masculinidade tem a ver com os processos reacionários vividos nos últimos anos, e dos quais Bolsonaro é um grande exemplo. Para cada ação de aceitação dos direitos das mulheres, como o *Metoo* ⁴, existem movimentos contrários, que buscam calar mulheres e grupos subordinados por meio de táticas políticas, como é o caso do *Gamergate* ⁵. Por mais que possamos, de fato, falar sobre a abertura de mais espaços para as mulheres e para a promoção de pautas *queer*, também precisamos lembrar que a resposta para essas ações é o surgimento de um processo reacionário ainda mais marcado pela defesa de uma

⁴ É um movimento político global, que busca oferecer estruturas de proteção e suporte para mulheres que são vítimas de abuso sexual. O movimento começou em 2017, devido a acusações de abuso feitas ao produtor de Hollywood, Harvey Weinstein, levantadas pela atriz Alyssa Milano. Após as denúncias de Milano, um movimento deu voz para milhares de mulheres no mundo inteiro que fizeram denúncias similares.

⁵ Uma campanha de assédio moral, que se espalhou principalmente no *Twitter*, que visava as mulheres na indústria dos videogames. Mulheres que tentaram levantar questões envolvendo o foco masculino dos jogos e a tendência a sexualizar os corpos femininos foram fortemente perseguidas. Esse processo se deu entre os anos 2014 e 2015.

masculinidade hegemônica, violenta e pouco disposta a interagir com elementos vindouros de grupos subordinados.

É justamente ao falar sobre os elementos em disputa pela masculinidade hegemônica que devemos incluir Jair Bolsonaro, e sua performance como homem, no debate. Além de reforçar sua posição como homem, o então presidente brasileiro promovia, com suas falas e com a forma como ele se manifestava sobre mulheres e sobre o masculino, uma mudança nos elementos constitutivos da masculinidade hegemônica. Seu mandato como presidente do Brasil trouxe para o ambiente político e midiático a significação em torno de ser homem no País, e outros elementos deste debate serão apresentados mais adiante nesta pesquisa.

3.3.3. Destrinchando elementos sobre a masculinidade hegemônica no Brasil

O Brasil ocupa uma posição central nos debates em torno da masculinidade. A presidência de Bolsonaro e as narrativas que cercam essa figura, colocam os problemas brasileiros nesse tópico para uma esfera global. Para entender os processos hegemônicos do Brasil, precisamos assumir que cada cultura, e por consequência cada nação, tem um processo hegemônico próprio, e que os elementos definidores desta construção são dependentes de fatores únicos da cultura, e que perpassam a história do povo analisado. O caso brasileiro, como bem apontado por Bruno Henrique Rodrigues de Oliveira (2021), passa pelo processo colonial que criou a miscigenação cultural que marca o País. O homem brasileiro foi completamente ressignificado por meio da violência e da dominação de homens europeus sobre os povos originários. Esse processo promoveu o surgimento de uma identidade nacional, marcada pela exploração sexual e laboral de mulheres escravizadas e dos povos originários. Esse ponto é reforçado com clareza por Oliveira (2021), quando o autor aponta que

Essa construção (da masculinidade) se inicia rapidamente de forma prematura, o menino jovem possuía seu próprio escravo que era presente e dividido entre momentos de afetividade e violência, o escravo era objeto deste 'pávulo', não apenas para as questões de trabalho, mas também de início da vida sexual. 'A virilidade masculina' se externava com as mulheres índias e as escravas, em uma relação entre o espancamento das escravas e o amor físico, assim o menino se tornava 'homem' (OLIVEIRA, 2021, p.126).

A masculinidade brasileira moderna é forjada dentro desses processos coloniais e violentos. Além disso, é fundamental entender que a construção da

masculinidade hegemônica brasileira ocorreu durante um longo processo de conversão do povo originário de escravos à religião católica. Por meio deste elemento, houve a introdução do casamento e seus modelos tradicionais de controle e o pecado por trás das relações homossexuais. Como aponta Mott (1997), esses elementos ainda são importantes na identidade masculina brasileira, e foram muito usados por Bolsonaro em seus discursos. A masculinidade brasileira também é pensada no mesmo período em que ocorre a mudança do entendimento em torno da representação da virilidade e dos elementos que constituíam o homem na Europa. A virilidade, como forma de reprodução da masculinidade, foi muito importante para a construção performática dos homens da Grécia e da Roma antigas. Os homens destas civilizações performavam a guerra por meio de confrontos esportivos que envolviam violência e por vezes só terminavam quando havia a morte do “mais fraco”. Era uma lógica que reforçava o poder do masculino por meio de sua força física e pelo papel ocupado pelos mais fortes no sistema social. Porém, como aponta Rauch (2013), com a passagem da Idade Média e entrada no racionalismo e na modernidade, tornou-se cada vez menos lógico permitir e incentivar os confrontos físicos que acabavam em lesões graves e mortes. Já na Idade Média, os homens eram vistos como provedores de suas casas e era irracional colocar suas vidas em risco por meio de eventos esportivos e duelos. Por isso, quando o processo colonizatório acontece no Brasil, a masculinidade que vem para cá não carrega esses elementos, e funciona em uma lógica mais “racional”: a violência era imposta apenas a pessoas consideradas inferiores, como escravizados, os povos originários e as mulheres. Essa lógica esteve profundamente enraizada na construção da masculinidade brasileira, e não por acaso, o tema do tratamento dos povos originários foi um ponto tão importante da performance reacionária de Bolsonaro: ele estava reclamando uma posição de poder enraizada em nossa sociedade.

A concepção do homem brasileiro acontece dentro de um cenário de agressividade contra mulheres e homens marginalizados. Devemos, é claro, considerar o tamanho do País e as diferenças naturais na construção e no entendimento sobre o masculino. Estudos sobre a masculinidade no Brasil entram em questões regionais de formas muito pontuais e entendemos que compreender algumas destas representações é fundamental para a compreensão do processo hegemônico. Pensando nisso, começamos explorando o caso do Rio Grande do Sul, um estado marcado por representações de uma masculinidade hegemônica

construída em um passado bélico e exploratório. Não por acaso, os nascidos no estado são chamados de “gaúcho”, um termo que remete aos antigos desbravadores dos pampas do cone sul da América do Sul. A identidade dos homens da região é historicamente atrelada com a guerra pelas fronteiras do estado, como aponta Gilmar Mascarenhas de Jesus (2000), que define as cidades nas fronteiras do Brasil com a Argentina e o Uruguai como lugares em que a identidade do “Homem gaúcho” foi traçada por meio do combate por território. As características do homem gaúcho também podem ser percebidas no esporte, sendo a rivalidade entre o Sport Club Internacional e o Grêmio Football Porto Alegrense entendida como um campo de guerra, como aponta Ariel Sander Damo (1999). Além disso, o autor argumenta que o futebol gaúcho é marcado por uma forma de atuação particularmente agressiva, e que essa fama nacional é intrinsecamente parte do entendimento do que significa jogar futebol no estado. E não é só no esporte que a masculinidade gaúcha está em debate na cultura da região. Nitiele Dias e Eric Cardin (2022), refletem sobre a música gaúcha e percebem que a cultura local tem uma forte característica de preservação da hegemonia do masculino sobre o feminino e sobre outras formas de exercer a masculinidade. Sobre a imagem ideal de homem gaúcho, os autores refletem que

Traços concebidos ao homem gaúcho, pertencentes do universo masculino apresentam, de forma sutil, um embate sobre a masculinidade ao expressar, no homem gaúcho, a referência de ser ‘macho’. O processo identificatório do masculino é iluminado, corporificado, pelo homem forte e viril. Esses dois atributos: força e virilidade, é a representação clássica do homem gaúcho. A virilidade, portanto, é um privilégio, uma estratégia de resistência, que precisa ser afirmado o tempo inteiro (DIAS E CARDIN, 2022, p.21).

Esses elementos constituem a masculinidade gaúcha por meio de um passado de violência e de combate. Porém, outras regiões brasileiras têm relações profundamente diferentes com o processo formador da masculinidade hegemônica, como é o caso do Rio de Janeiro. A relação da cidade do Rio de Janeiro com a coroa portuguesa, que a escolheu como casa por décadas, e a recente tensão envolvendo facções criminosas e um grande contingente de populações marginalizadas, cria uma composição única, fundamental para a compreensão da identidade masculina no País. Além disso, o estado é o berço político de Jair Bolsonaro, que começou sua carreira como vereador da capital carioca e representou o estado na Câmara Federal por mais de 30 anos. Ao estudar a masculinidade apresentada por um grupo de homens periféricos no Rio, Taynã Martins Ribeiro (2022, p.4) fala sobre a posição que estes

homens ocupam dentro da lógica de uma masculinidade hegemônica. O autor deixa claro o entendimento sobre a posição desfavorável que esses homens ocupam na hierarquia masculina da cidade — são periféricos, em grande maioria negros e pobres — porém aponta para a possibilidade da construção de uma masculinidade hegemônica dentro do próprio grupo, reforçando ainda mais a tendência volátil e profundamente construtivista do ideário do masculino hegemônico. Apesar de serem definidos como “malandros” (RIBEIRO, 2022, p.3) por membros da classe média da sociedade carioca, eles criam um próprio sistema de preservação da masculinidade hegemônica no grupo. Ribeiro (2022, p.11) reflete que os membros do grupo se preocupam com a manutenção de uma posição de respeito, tanto por meio de brigas verbais, quanto por meio de atos violentos, e que angariar esse valor tácito dentro do grupo é fundamental para o estabelecimento de um desses homens em uma posição de liderança. Em associação a esse argumento, podemos trazer a leitura de Alice Iwa Silva Yamada e Maria Lucia Rocha-Coutinho (2012) sobre a possibilidade de novas configurações na masculinidade carioca entre jovens de classe média. Ao perguntar o que significa ser homem para pessoas que ocupam uma posição privilegiada na sociedade do Rio de Janeiro, como jovens de classe média, as autoras se depararam com homens que atrelam a masculinidade com noções como “liderança” e “atitude”, ao invés de seguir uma perspectiva violenta ou agressiva.

Além disso, para nossos entrevistados, ser homem não é ser 'garanhão', mas antes, é ter personalidade e caráter, é ter princípios, ser honesto, correto, sincero e maduro, algo que, segundo eles próprios, se aplicaria a qualquer pessoa, seja ela homem ou mulher. Para eles, o homem que não possuísse tais características não poderia ser considerado um homem de verdade, ou seja, para ser homem de verdade é preciso ter uma conduta social exemplar (YAMADA E COUTINHO, 2012, p.167).

A leitura destes homens vai de encontro a percepção de que existe um elemento profundamente moral e ético na construção da masculinidade hegemônica no Rio de Janeiro. A relação entre as forças da lei e os homens de classe média com os jovens periféricos é um elemento que constitui uma importante diferenciação entre dois tipos ideais de masculinidade, sendo um privilegiado pela sociedade como um todo, e o outro sendo parte da socialização interna de grupos marginalizados. Essa premissa guia a leitura de Jeremy Lehn (2022) sobre o filme *Tropa de Elite*, de 2007. Para o autor, o filme foi responsável por reforçar a imagem de que a masculinidade ideal deve ser

traçada por meio de uma ótica moral e militarizada, e que os homens que cometem qualquer tipo de delito podem — e devem — ser tratados com violência. O autor conclui que, por meio de uma constante escalada de violência, que sempre coloca os homens periféricos como os responsáveis pela agressividade — quanto mais eles “não obedecem”, mais violentos os membros do BOPE, representados pelo filme, precisam atuar — o filme reforça uma lógica neoautoritária para a construção da masculinidade nas ruas do Rio de Janeiro, que valoriza a violência se ela for contra homens periféricos e em defesa da ordem (LEHNEN, 2022, p.138). A narrativa apresentada por esse filme está muito presente na performance de masculinidade de Bolsonaro desde o começo de sua carreira política, que é oriunda do exército brasileiro. Acreditamos que ele soube captar e nacionalizar essa lógica carioca para crescer politicamente e reforçar a hegemonia de um tipo de masculinidade.

Para além das questões regionais, os estudos envolvendo a masculinidade no Brasil também entram no tópico da saúde e no da violência contra as mulheres, elementos que demarcam os estudos sobre a nocividade promovida pelos elementos da busca pela representação de uma masculinidade hegemônica na vida dos homens e das mulheres ao seu redor. No que tange o tópico da saúde, a masculinidade hegemônica está fortemente associada com a negação de demonstrações de fragilidade. Os homens que estão engajados com a preservação da identidade hegemônica percebem a procura por ajuda médica e qualquer tipo de demonstração de fraqueza como uma falha em sua busca pelo status como um “homem de verdade”. No Brasil, esse tema foi abordado por uma extensa linha de pesquisa, com diferentes abordagens médicas e sociais. Saldanha et al. (2018) trata da dificuldade que homens metalúrgicos acometidos com uma doença crônica sentem ao procurar ajuda e identificar suas necessidades. Esse elemento é presente na comunidade brasileira de uma forma impactante, e o Governo Federal, por meio do Ministério da Saúde, publicou um texto abordando o tema das dificuldades da promoção da saúde masculina. Segundo o Ministério da Saúde (2022), 70% das pessoas identificadas com o sexo masculino que procuraram ajuda médica, e foram abordadas pelo centro de pesquisa responsável pelos dados do governo, precisaram ser incentivados por suas mulheres e seus filhos, o que levou com que eles só procurassem ajuda quando a doença já estava em estado avançado, especialmente no caso do câncer de próstata. Fábria Pottes Alves (2016) apresenta um quadro amplo sobre o tema da saúde masculina no Brasil, e a autora traz o debate sobre a fragilidade — ou a fuga

dela — para o centro de sua reflexão sobre a relação dos homens com seus corpos e com a busca por auxílio. Ao tratar dos efeitos da masculinidade hegemônica na vida dos homens, a autora aponta que

Esse padrão de masculinidade faz com que, muitas vezes, os homens, por medo, vergonha e preconceitos, sejam impedidos de assumir que necessitam de cuidados. Isso se reflete na área da saúde pública, quando se nota a ausência de ações preventivas e de promoção da saúde para os homens, revelando a iniquidade presente nos serviços de saúde de baixa complexidade (ALVES, 2018, p.8).

Os estudos que perpassam a masculinidade dentro do tópico da saúde também acionam outros elementos, como a questão da sexualidade masculina, e a manutenção de uma vida sexual ativa como um definidor da masculinidade para homens idosos. Viviane Silva et al. (2012) reflete sobre o uso da testosterona como um elemento capaz de manter e sustentar a virilidade dos homens que passaram dos 65 anos. Para além de prometer uma qualidade nas relações sexuais na terceira idade e associar esse avanço com a felicidade e o bem-estar destes homens, esse tipo de leitura sobre a velhice traça um paralelo direto entre a saúde masculina e a boa performance sexual. Dessa forma, podemos visualizar uma compreensão de que a felicidade masculina precisa estar associada a manutenção de uma vida sexual ativa e dominante sobre mulheres. Entendemos a importância de uma boa vida sexual para a felicidade de pessoas idosas, e partimos do princípio de que é positivo a introdução de medicamentos como a testosterona para o bem-estar de homens que estão com níveis baixos do hormônio e precisam de reposição. Mas enxergamos, assim como apontam Silva et al. (2012) em sua conclusão, que a publicidade em torno desta droga cria uma relação de necessidade entre o masculino e a atuação sexual. Para além disso, queremos pensar na testosterona e em sua reposição como uma forma de reprodução de uma masculinidade dominante até sobre a velhice dos homens.

O conceito de fragilidade também pode ser usado para entender a relação que a masculinidade brasileira traça com as mulheres. A fragilidade é compreendida, por homens que buscam atuar dentro dessa lógica, como uma característica naturalmente feminina e que, portanto, não pode ser demonstrada, sobre o risco de ter sua própria masculinidade questionada. Esse elemento reforça que no Brasil a masculinidade também é extremamente precária, e a manutenção dela depende de um constante esforço, que muitas vezes é representado por meio da relação que esses homens,

principalmente na juventude, traçam com as mulheres. Esse tema é abordado por Brilhante, Nations e Catrib (2008), que apontam que algumas letras de música no Ceará reforçam a normalização do abuso de mulheres e colocam sobre o homem a obrigação de manifestar de todas as formas seu poder sobre elas. Essa lógica chega ao ponto de naturalizar a relação sexual com mulheres embriagadas e incapazes de consentir, pois isso é visto como a coisa que deve ser feita por um homem “de verdade”. Mylene Mizrahi (2018) aponta para um fenômeno similar no funk carioca, e aborda a maneira como isso reflete na identidade de jovens periféricos, e como o tratamento das mulheres é um elemento fundamental na construção de laços sociais nesses espaços. Daniel Costa Lima e Fátima Büchele (2011) abordam a forma como homens autores de violência doméstica no Brasil são recebidos por programas de reabilitação e o tratamento recebido por estes homens, que é guiado por uma lógica que preza pela prevenção de novos casos por meio da educação e do tratamento dos homens que vai além da punição — que é necessária. A ideia basilar desta abordagem está na noção de que o masculino se manifesta na mente destes homens e cria as condições para a prática e a replicação da violência, e que a melhor forma de prevenir esse tipo de ataque é por meio da educação.

Os estudos das masculinidades brasileiras apresentados neste capítulo ajudam a formar um quadro geral rico sobre a construção da hegemonia no País. Diferenças regionais estão presentes, é claro, mas os componentes centrais da masculinidade hegemônica brasileira são representados por um forte imperativo moral, que demanda que os homens não podem cometer crimes — lógica que se aplica prioritariamente a jovens periféricos. É a representação de uma forte militarização das expectativas em torno da masculinidade no Brasil, o que pode ser diretamente correlacionado com as mais de duas décadas em que o regime militar controlou a nação no século passado. Entre 1964 e 1985, as manifestações culturais brasileiras foram vigiadas pelo regime, e o ideal masculino esteve associado com os militares e a brutalidade de suas ações de controle, tudo em nome da ordem. Não é surpreendente, então, que o filme *Tropa de Elite*, como aponta Lehnem (2022), teve uma entrada tão ampla na sociedade brasileira e solidificou o entendimento coletivo quanto aos conceitos de masculinidade e virilidade. Essa mudança está na raiz da valorização da moral e da ordem como elementos do masculino no Brasil, e é responsável pelo aumento da marginalização de homens periféricos, considerados menos homens e menos importantes para a sociedade justamente pela posição marginalizada que ocupam, em uma manifestação

de violência e dominação que parte do próprio masculino e atinge outros homens. Concluimos essa seção sobre os elementos da masculinidade hegemônica no Brasil tratando da ditadura militar, pois acreditamos que esse ponto é fundamental na construção da figura de Bolsonaro e de sua relação com o masculino. A carreira militar de Jair Bolsonaro, que precedeu sua carreira política, e os constantes apontamentos ao exército durante os seus discursos teve um claro motivo discursivo e buscava associar o político com elementos típicos do militarismo — incluindo a masculinidade hegemônica.

3.4. A construção do mito masculino de Bolsonaro

A jornada de vida de Jair Messias Bolsonaro tem elementos basilares para a compreensão de sua masculinidade. Assim como Connell (2000) reflete a relação de homens, como o surfista australiano e o trabalhador de classe média, com a própria masculinidade, acreditamos ser fundamental buscar pistas para a compreensão da relação de Bolsonaro com o seu *status* como homem. Para isso, nem precisamos conversar com ele: sua história está amplamente contada por diferentes meios de comunicação e declarações públicas do próprio político, que começam na década de 1980, quando ele, ainda no exército, publica uma carta em um jornal pedindo aumento salarial e reclamando das condições dadas aos ativos do exército brasileiro (SAINT-CLAIR, 2018, p.22). Este primeiro ato de insubordinação serve como um ponto de partida para a compreensão da vida e da carreira de Bolsonaro, e nos apresenta pistas importantes sobre a jornada vivida, desde a carreira militar até os 35 anos de atuação na política.

A passagem de Carlos Lamarca por Eldorado, no interior de São Paulo, cidade em que Bolsonaro se criou, é citada por diferentes fontes como um momento marcante na infância de Jair. O guerrilheiro que desertou do exército brasileiro por discordar da ditadura militar e tornou-se um dos principais guerrilheiros do País em 1969, viveu dois anos de fuga constante. A passagem de Lamarca pelo Vale do Ribeira, região de formação de Bolsonaro, marcou o jovem que tinha 15 anos, em 1970. A visão de um exército forte, atuando com todo o seu poder em busca de um “subversivo” agradou a Bolsonaro, que afirma até hoje ter presenciado os militares atravessarem as matas da região. Foi nesse contexto em que o jovem Jair forjou uma profunda admiração pelo exército brasileiro e, não por acaso, logo depois desse acontecimento decidiu começar

uma carreira militar — uma carreira pautada pelo ódio ao comunismo. A passagem de Carlos Lamarca na vida de Bolsonaro virou tema de entrevistas e falas durante o pleito eleitoral de 2018. O candidato à presidência mudou a sua versão dessa história, e afirmou que ele não apenas presenciou a atuação dos militares, como também ajudou na busca por Lamarca, dando indicações sobre a melhor maneira de se locomover na densa mata da região. O fato, porém, foi questionado pela imprensa brasileira, que estranhou a coincidência, a troca de versões e a possibilidade de um garoto de 15 anos ser usado como referência pelos militares em uma busca tão importante para o regime. O jornalista Plínio Fraga (2018) aponta com clareza a maneira como o então candidato utilizou-se de dois momentos diferentes para compor uma narrativa própria. Segundo o jornalista, Jair se colocou como o “moleque sabido” que teria ajudado o exército a encontrar o guerrilheiro e foi citado nos documentos da operação. Porém, o caso do menino sabido aconteceu em 1969, em outra cidade do interior paulista, enquanto a história em Eldorado ocorreu “em maio de 1970 – um ano e quatro meses depois do episódio de Itapecerica (FRAGA, 2018).” A versão de Bolsonaro também é desmentida por Eduardo Reina (2021), que afirma categoricamente a mentira de Bolsonaro neste caso. É importante notar que essa *estória* esteve presente em diversos momentos da carreira de Bolsonaro, que utilizou de sua conexão com a busca por Lamarca como uma espécie de obstinação em sua vida: estaria sempre perseguindo comunistas.

O envolvimento de Jair Bolsonaro, ainda adolescente com o exército brasileiro e a maneira como o político replica essa narrativa dão importantes sinais sobre a maneira como ele montou sua imagem como homem e o poder de valores militares e violentos em sua jornada. Para além disso, esse momento ajuda a identificar o começo de sua relação persecutória contra políticos e movimentos de esquerda, definidos por ele como comunistas.

3.4.1. Uma carreira militar marcada pelo sucesso esportivo e por atos de insubordinação

Marcado pela atuação dos militares na busca por Carlos Lamarca, Jair Bolsonaro decidiu entrar no exército brasileiro, e começou sua carreira estudando na Academia Militar dos Agulhas Negras (AMAN), em 1974. Logo no começo de sua

passagem na academia, Bolsonaro demonstrou um elevado grau de competitividade nas atividades esportivas e se destacava fisicamente sobre seus colegas. Alto e magro, recebeu o apelido de Cavalo (SAINT-CLAIR, 2018) por suas capacidades físicas e sua postura. Chegou à patente de capitão e se formou na escola de paraquedistas, seguindo uma mentalidade fortemente centrada na excelência física. Clóvis Saint-Clair (2018) aponta que os paraquedistas do exército brasileiro são considerados — por eles mesmos — o mais alto nível de proeza física, uma espécie de batalhão de elite. Essa mentalidade pode ser sentida por toda a jornada de Bolsonaro no exército: a excelência física era o seu ponto mais importante, e que muitas vezes o ajudou a superar uma personalidade desobediente e esquentada.

Em 1986, o então capitão da ativa Jair Messias Bolsonaro, na época com 31 anos, teve sua primeira aparição pública em um movimento que acabou marcando sua jornada militar e que serve como um exemplo muito claro da forma como o futuro político via o mundo e sua relação com a imprensa. Em meio a um momento conturbado na relação do exército brasileiro com a sociedade civil — o País estava em meio ao processo de redemocratização — Jair foi a imprensa reclamar das condições de trabalho dos militares e apontar para o salário baixo como um problema grave vivido pelos homens da ativa. Ele enviou uma carta para a Revista Veja, que publicou o material na seção *Ponto de Vista* no dia 3 de setembro de 1986. A carta, intitulada *O salário está baixo*, repercutiu o êxodo de recrutas da AMAN que ocorreu naquele ano e os problemas vividos pelos militares brasileiros, segundo a visão de Bolsonaro. A carta foi republicada na seção *Reveja* (2018), e seu conteúdo pode ser considerado o primeiro exemplo da tendência de Bolsonaro de usar a polêmica e a tensão criada pelo confronto como uma forma de aparecer midiaticamente. Após descrever a situação dos militares brasileiros e fazer críticas profundas quanto aos vencimentos e ao estilo de vida dos profissionais da época, o então capitão da ativa concluiu a carta da seguinte maneira:

Torno público este depoimento para que o povo brasileiro saiba a verdade sobre o que está ocorrendo na massa de profissionais preparados pra defendê-lo. Corro o risco de ver minha carreira de devoto militar seriamente ameaçada, mas a imposição da crise e da falta de perspectiva que enfrentamos é maior. Sou um cidadão brasileiro cumpridor dos meus deveres, patriota e portador de uma excelente folha de serviços. Apesar disso, não consigo sonhar com as necessidades mínimas que uma pessoa do meu nível cultural e social poderia almejar. Amo o Brasil e não sofro de nenhum desvio vocacional. Brasil acima de tudo (REVEJA, 2018).

Destacamos a presença da frase “Brasil acima de tudo” já em sua primeira aparição pública. Essa frase, que em 2018 tornar-se-ia o lema de sua campanha para a presidência da república, está diretamente associada com os militares e conecta o homem Bolsonaro com valores patrióticos e militares considerados fundamentais por membros das corporações. No que tange à masculinidade, Jair, o capitão da ativa descontente com os vencimentos, colocou-se como um patriota e um pai, lutando pelos direitos de seus companheiros de exército. Um líder e um bravo, disposto a arriscar a própria carreira para colocar o problema vivido por seus companheiros de trabalho na mídia.

O resultado desse ato de insubordinação foi relativamente brando. Bolsonaro foi reprimido pelos altos escalões das forças armadas e alvo de uma sindicância por “uma transgressão grave” (Reveja, 2020). O capitão foi condenado a passar 15 dias em prisão militar por sua indisciplina e por criar um clima de inquietação dentro do ambiente militar. Esse caso, apesar de não ter acabado com a carreira militar de Bolsonaro, criou um clima de desconfiança em torno de suas atitudes e colocou o então capitão em uma posição de confronto com seus superiores. Descontente com seu salário e com as condições de trabalho de seus companheiros, além de ser um crítico público do processo de abertura democrática que o Brasil vivia naquele período, Bolsonaro não ficou quieto.

Pouco mais de um ano depois, em outubro de 1987, uma nova edição da *Revista Veja* colocou o capitão Jair Bolsonaro novamente no centro de uma polêmica, dessa vez, com um tom ainda mais bombástico. Acompanhado do também paraquedista Fábio Passos, Bolsonaro conversou com a jornalista Cassia Maria, da revista, sobre um plano de protesto quanto às condições vividas pelos militares brasileiros e ao índice do aumento, que a dupla considerava muito baixo. Apesar de ter sido uma conversa *off the record*⁶, os editores do jornal consideraram necessária a publicação de uma matéria sobre a entrevista por causa do tom deste protesto, que consistia na explosão de bombas em banheiros militares. No dia 26 de outubro de 1987, a matéria intitulada *Pôr bombas nos quartéis, um plano na EsAO* trazia detalhes desta conversa e do protesto idealizado pelos dois militares: eles colocariam

⁶ Termo comum do jargão dos jornalistas, significa dizer que uma entrevista foi feita de maneira confidencial, e que não deveria ser transformada em uma publicação.

explosivos em banheiros de quarteis cariocas caso o ajuste salarial fosse inferior a 60% (Reveja, 2018). A matéria da Veja relata que

Sem o menor constrangimento, Bolsonaro deu uma detalhada explicação sobre como construir uma bomba-relógio. O explosivo seria o trinitrotolueno, o TNT, a popular dinamite. O plano dos oficiais foi feito para que não houvesse vítimas. A intenção era demonstrar a insatisfação com os salários e criar problemas para o ministro (do Exército) Leônidas Pires Gonçalves (REVEJA, 2018).

Esse foi um ato de insubordinação ainda mais convicto, e que levantou o alerta dos militares brasileiros sobre a tensão interna e sobre a capacidade de mobilização de lideranças como Bolsonaro. Por sua vez, esse caso demonstra a disposição de Bolsonaro para usar de falas polêmicas para conseguir o que ele quer, e sua visão sobre o uso da violência nesses casos. Saint-Clair (2018) pontua que essa matéria foi publicada em meio a uma grande tensão dentro e fora do exército brasileiro, que preparava o terreno para a redemocratização completa. Não é de se surpreender, portanto, que a ameaça de um ataque terrorista praticado por um militar da ativa tenha recebido tanta atenção da *Revista Veja* e da sociedade brasileira como um todo.

A gravidade da acusação fez com que, nesse caso, Bolsonaro recuasse. Sua postura diante os seus superiores era de negar a matéria e tentar desacreditar os jornalistas, versão que, inclusive recebeu apoio do ministro do exército da época, Leônidas Pires Gonçalves, que fez uma manifestação pública em que acusava a *Veja* de fraude e defendia os dois membros da corporação (Reveja, 2020). A resposta da revista foi contundente: no dia 4 de novembro de 1987 a *Veja* dobrou a aposta e publicou matéria intitulada *Do próprio punho*, em que apresentava um esquema do plano feito em um guardanapo pelas mãos do próprio Bolsonaro. Foi uma cartada definitiva, que não deixou muito espaços para dúvidas quanto a veracidade da acusação, e colocou Bolsonaro em uma posição fragilizada dentro da corporação. Novamente, conseguiu escapar de uma punição mais severa devido a laudos inconclusivos sobre a autoria do esquema, porém sua carreira militar estava muito perto do fim.

O período de Bolsonaro no exército brasileiro apresenta alguns elementos fundamentais da *persona* vendida ao público durante a sua presidência. O “mito” de Bolsonaro começa na defesa violenta e implacável daquilo que ele considera certo e uma relação forte com a imprensa. Bolsonaro soube entender o poder de suas falas

polêmicas e de colocações bombásticas, e já nesse período começou a angariar seguidores e apoiadores, como as esposas de militares que o defenderam após a primeira carta, publicada em 1986 (Reveja, 2018).

Como capitão do exército brasileiro, Bolsonaro consolidou uma imagem pública que o definia como um defensor do exército e da pátria, e um homem capaz de arriscar sua carreira e seu corpo em nome daquilo que ele acredita. A violência também estava presente nas primeiras aparições públicas de Jair, assim como a forma direta e explosiva de falar, com muitas acusações e críticas claras aos seus inimigos e a tudo aquilo que ele acredita ser errado. Foi com essa mentalidade que Bolsonaro deixou o exército brasileiro e rumou para a política, como uma forma de capitalizar o apoio angariado pelas suas polêmicas.

3.4.2. A carreira política começa onde a carreira militar acabou

O plano terrorista não foi suficiente para causar a expulsão de Bolsonaro do exército brasileiro, mas acelerou sua saída da corporação. Ele tinha, em 1988, duas opções para o seu futuro: ir trabalhar no interior do Rio Grande do Sul, punição escolhida pelos militares, ou ir para a vida política (Saint-Clair, 2018). Ele escolheu, então, concorrer para vereador do Rio de Janeiro, em uma campanha que começa com dificuldades para conseguir um partido e passa por panfletagens por quarteis, como aponta o podcast *Retrato Narrado: Bolsonaro*, produzido pela Revista Piauí e que conta a história de vida de Bolsonaro. Movido pelas reportagens dos anos anteriores e pelo sentimento de descontentamento que crescia dentro do exército brasileiro, o capitão reformado foi eleito vereador e começou uma carreira política sempre marcada por polêmicas. Bolsonaro atuou como vereador por apenas dois anos, e teve uma participação tímida. Não era muito ativo, mas os momentos em que escolhia falar eram marcados por sua energia agressiva e por afirmações contundentes. Rubens Valente (2018) analisou os apartes pedidos por Bolsonaro durante os dois anos de atuação na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, e alguns momentos marcantes chamaram a atenção do jornalista, e acreditamos que apontam para um bom resumo do que foi esta passagem na vida do capitão reformado. Destacamos que em dois momentos Bolsonaro cita o controle de natalidade (Valente, 2018) como uma maneira de solucionar o problema do desemprego e da violência no

Brasil, focando na incapacidade — segundo ele — de pessoas marginalizadas de ler ou compreender projetos de conscientização. Seguindo a mesma linha, Bolsonaro também afirmou que pobres não sabem fazer nada, e que por isso não conseguem um emprego. Para além da problematização dos conteúdos destas falas, destacamos a maneira como essas ideias são apresentadas: Bolsonaro sempre criou inimigos fáceis e propôs soluções explosivas para problemas complexos. Foi seu modo de atuação desde seu primeiro dia como político, e acreditamos que seguiu durante a sua presidência. Em termos de sua relação com a masculinidade, Bolsonaro já demonstrava valorizar o trabalho e a moral como elementos fundamentais para um homem, e aponta “os pobres” (Valente, 2018) como os únicos culpados por suas dificuldades, reforçando uma narrativa que marginaliza os homens que não performam a masculinidade dentro dos valores idealizados pelo capitão reformado.

Sua carreira como vereador durou apenas dois anos pois Bolsonaro queria alçar voos mais altos, e em 1991 foi eleito deputado federal. Sua ida para Brasília aumentou sua relevância no âmbito nacional e aprofundou o uso de frases polêmicas e violentas. Uma de suas primeiras aparições públicas como deputado federal aconteceu em 1993, em entrevista dada para o jornal norte-americano *The New York Times*. Em matéria publicada no dia 25 de julho de 1993, intitulada *Um soldado que virou político quer o Brasil novamente sob a regra militar*, uma conversa com Bolsonaro foi apresentada sob o prisma da relação de Bolsonaro com o exército e sua vontade de ver o País novamente sobre o controle do regime. Na entrevista fica claro que Bolsonaro já questionava a efetividade da democracia como sistema político, e que ele mantinha a voz crítica que marcou seu período como militar. Em 1993, Bolsonaro apresenta seu apoio ao retorno da regra militar, e o jornal contextualiza essa posição da seguinte forma

‘Eu sou a favor da ditadura’ ele berrou em um discurso que sacudiu um país que só deixou a lei militar em 1985. ‘Nós nunca vamos resolver problemas sérios da nação com essa democracia irresponsável’... ‘A democracia real é a comida na mesa, a capacidade de planejar a sua vida, de caminhar na rua sem ser assaltado’ ele continuou. De fato, uma pesquisa de opinião pública em Recife, uma das cidades litorâneas mais pobres do Brasil, reportou que 70% dos entrevistados consideram comida mais importante que a democracia (BROOKE, 1993).

Essa entrevista estabeleceu Bolsonaro como um dos defensores da volta da ditadura militar nos primeiros anos da redemocratização. O sucesso do plano real e a

estabilização da economia brasileira, que ocorreram durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, silenciaram esse movimento, e abriram portas para o amadurecimento da democracia brasileira. Jair, que seguiu sendo eleito como um dos deputados mais populares do Brasil, era um dos críticos mais ferozes do governo de FHC, e em alguns momentos sua bravata passava do ponto, e entrava em território violento, como aconteceu quando ele era militar. No dia 24 de maio de 1999, em entrevista ao programa Câmara Aberta, Bolsonaro afirmou, entre outras coisas, que o grande erro da ditadura militar foi matar pouco. “Uns 30 mil, começando com FHC, não deixando ir para fora, não. Matando! Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem (Filho, 2019)”, afirmou o então deputado. A ameaça contra o presidente da república e o pedido de fuzilamento na televisão não pegou bem na câmara, e alguns deputados pediram a cassação de Bolsonaro. Além do tom violento, novas ameaças a democracia foram feitas em 1999, e Jair disse que, caso eleito presidente, fecharia o congresso na mesma hora, afirmando que é impossível governar por causa da casa.

As características que marcaram o futuro presidente Bolsonaro já estavam presentes em sua carreira como deputado, e traçam um paralelo direto com sua jornada como militar. A violência, o autoritarismo e o uso de falas polêmicas como uma forma de manipulação e controle da mídia também estavam presentes nesse período, mesmo que suas aparições fossem esporádicas.

No ano seguinte, em 2000, Bolsonaro defendeu a tortura e a morte de mais mil detentos (Carneiro, 2000) no Massacre do Carandiru⁷, além de reforçar seu desejo de fuzilar o então presidente FHC, já que o “fuzilamento é uma coisa até honrosa para certas pessoas (Carneiro, 2000)”. Essas falas foram dadas em entrevista para a jornalista Cláudia Carneiro, da *Istoé*, que quis entender a relação do já polêmico deputado com suas falas mais agressivas. Bolsonaro, ao invés de pedir desculpas, fez o que marcou sua carreira política: foi para o ataque e dobrou a aposta em seu posicionamento. Essa tática se mostraria muito eficaz para ele durante toda a sua jornada até a presidência do Brasil. Inclusive, ao ser perguntado se tinha medo de ser cassado por suas falas, Bolsonaro falou uma de suas frases mais marcantes, e que virou outro slogan de sua carreira: “Se um soldado está na guerra e tem medo de morrer, é um covarde (Carneiro, 2000)”.

⁷ O Massacre do Carandiru ocorreu no dia 02 de outubro de 1992, a partir de uma ação policial que resultou em uma chacina, com 111 mortos. O caso é detalhado no livro *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella (2005).

A honra, o desejo de matar e torturar seus inimigos e todos os tipos de criminosos, e sua vontade de se estabelecer como um “homem corajoso” são características fundamentais da imagem pública projetada por Bolsonaro na década de 1990 e nos primeiros anos do milênio. Bolsonaro tentou, sempre de forma muito violenta, se colocar como a esperança de um País bagunçado, um homem capaz de falar tudo que pensa sem medo de represálias, tudo em nome de um Brasil melhor. Pouco importava que sua atuação na vida política fosse tímida e suas aparições fossem marcadas por falas problemáticas, que constantemente colocavam seu mandato em risco, como aponta texto do Conjur, em 4 de janeiro de 2000. A matéria intitulada *Fuzilamento pregado por Bolsonaro pode sair pela culatra* aponta a tensão criada pelas falas de Bolsonaro, principalmente quando o deputado afirmava o desejo de fuzilar os seus inimigos e o então presidente da república. O texto conclui com um resumo da imagem pública de Bolsonaro nesse período:

O deputado é um conhecido aliado da intolerância. Em 1998, defendeu a pena de morte aos sequestradores do empresário Abílio Diniz. E ao comentar o massacre do Carandiru, onde morreram 111 presos, o parlamentar afirmou que ‘a Polícia Militar perdeu a oportunidade de matar mil bandidos’ (Conjur, 2000).

Destacamos o fato de que, já em 2000, alguns dos elementos associados a figura pública de Bolsonaro eram percebidos por meios de comunicação e por juristas brasileiros. Sua postura violenta e constantemente combativa era destacada e aparentava ser mais importante do que qualquer outra característica de sua carreira política, marcada por pouca atuação na câmara e por frases polêmicas — e que constantemente pediam por violência.

Um dos episódios mais marcantes da passagem de Bolsonaro como deputado federal aconteceu em 2003, quando, após discussão sobre a redução da maioria penal, teve uma troca violenta com a deputada Maria do Rosário, do PT/RS. A frase “olha... jamais eu ia estuprar você, porque você não merece (Detaq, 2003)” simbolizou um dos primeiros momentos em que a violência projetada por Bolsonaro ganhou apoiadores e pessoas que acharam engraçada a maneira como ele tratou a deputada. A frase, dita com o claro objetivo de projetar que uma mulher “merece” ser estuprada se for bonita, reforça uma visão misógina muito presente no começo dos anos 2000 no Brasil e que se encaixa perfeitamente com a imagem projetada por Bolsonaro durante toda a sua carreira política. Mais uma vez, um caso na carreira de Bolsonaro

gerou investigações internas, ameaças de cassação e até processos. Porém, mais uma vez, sua punição foi branda ou quase inexistente. Para além de não ter se arrependido de suas falas ou pedido desculpas para Maria do Rosário, Bolsonaro, novamente, dobrou a aposta: em 2014, após outra discussão na Câmara, Bolsonaro explicou por que falou que a deputada não merecia ser estuprada, em entrevista transcrita pelo jornalista Gustavo Foster (2015):

Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece... O estuprador é um psicopata, ele escolhe suas vítimas. Não pega aleatoriamente. Não é a primeira mulher que passa ali numa área de penumbra que ele vai pegar e estuprar. Foi uma resposta, uma ironia naquele momento (FOSTER, 2015).

Nunca recuar e sempre dobrar a aposta. Esse foi a maneira como o deputado Jair Bolsonaro tratava suas discussões na Câmara de deputados e em suas aparições públicas. Isso fez com que ele, aos poucos, comesse a ganhar mais espaço na mídia, fascinada por uma figura que, apesar de violenta, era capaz de gerar momentos cativantes para diferentes tipos de audiência.

3.4.3. A capitão do entretenimento e a “ideologia de gênero” como marcas de sua ascensão política

Em 25 de maio de 2011, o governo federal, então comandado pela presidente Dilma Rousseff (PT), vetou a distribuição em instituições de ensino do material referente ao projeto Escola Sem Homofobia. O projeto, que era uma ação não-governamental e compunha o programa Brasil sem Homofobia, tinha como objetivo ajudar na conscientização de pré-adolescentes sobre a importância do respeito com membros da comunidade LGBTQIA+ (Soares, 2015). O material contava com livros, vídeos e boletins informativos que estavam prontos para serem entregues a comunidade acadêmica, até que uma série de polêmicas envolvendo esse material começou a ser discutida na Câmara dos Deputados e na mídia brasileira. Comandando esse movimento contra o material informativo estava o então deputado do PP/RJ, Jair Messias Bolsonaro. Sua jornada contra esse material começou no dia 01 de fevereiro de 2011, quando Bolsonaro discursava sobre a sua viabilidade para concorrer à presidência da Câmara. Entre uma série de reclamações, o deputado questionou seus colegas de casa sobre o material:

Jovens Parlamentares, este ano escolas públicas de primeiro grau estão distribuindo um kit gay de estímulo ao homossexualismo e à promiscuidade, com a participação desta Casa. O que V.Exas. vão falar a um pai de aluno que lhes procurar para dizer que o filho de 7, 8, 9 ou 10 anos de idade assistiu ao filme Encontrando Bianca ou ao filme Boneca na Mochila? Cabe à Presidência da Casa trazer este tema para cá - votarmos essa questão - e não deixar que o Executivo legisle e crie currículo de assunto tão importante junto à garotada do primeiro grau (DETAQ, 2011).

A fala foi o primeiro passo de uma campanha pública contra o material. Bolsonaro entendeu o poder midiático do termo *kit-gay*, e passou a usar ele com grande frequência em suas falas na câmara e nos programas de entretenimento, que foram muito importantes no processo comunicacional durante os anos que antecederam sua campanha presidencial. O tema da participação de Bolsonaro em programas de entretenimento é tratado por Victor Rabello Piaia e Raul Nunes (2022) como uma maneira de compreender como um deputado de baixa relevância política e midiática conseguiu tornar-se um “mito” e chegar à presidência da república. Para isso, os autores articulam dois conceitos chave: normalização e projeção.

A normalização é um elemento importante de ser articulado quando pensamos na masculinidade de Bolsonaro, e conecta esses eixos com o debate em torno do crescimento da extrema direita no Brasil. O então deputado conseguiu, por meio de participações constantes em programas de entretenimento, firmar suas posições mais extremas no dia a dia dos brasileiros. No meio do ambiente de entretenimento de programas como o Superpop e o CQC — que foram os programas de entretenimento que mais receberam Bolsonaro durante 2010 e 2018, segundo Piaia e Nunes (2022) — Jair conseguiu discutir temas como a existência de um *Kit-gay*, criado pelo governo federal como “um estímulo ao homossexualismo, à promiscuidade” (DETAQ, 2010). Suas falas distorciam o projeto e seus objetivos, mas isso pouco importava: Bolsonaro não era confrontado em um debate sério, e seus apontamentos eram entendidos como frases humorísticas.

Os convites sucessivos a Bolsonaro certamente advieram de sua postura ‘polêmica’, termo quase sempre enunciado pelos apresentadores ou presente no GC, como exemplificado a seguir: ‘Polêmica: deputado federal sugere palmadas em filhos homossexuais’; ‘Polêmica: deputado Jair Bolsonaro causa revolta com suposta declaração racista’; ‘Poderoso entrevista o polêmico Bolsonaro’; ‘Jair Bolsonaro fica ‘de frente com a verdade’ e responde perguntas polêmicas sobre sua vida’; ‘Deputado Jair Bolsonaro explica sua polêmica declaração sobre estupro!’; ‘Jair Bolsonaro é conhecido por suas opiniões polêmicas e por ser linha dura com os opositores’ (PIAIA E NUNES, 2022. p.101).

Sob o prisma da polêmica, Bolsonaro foi liberado a falar tudo que queria, e suas ideias foram normalizadas, como sendo nada mais que polêmicas. O conceito de polêmica que trabalhamos nesta tese está conectado com a leitura apresentada por Maingueneau (2010), em que a polêmica é entendida como um registro do tipo comunicacional que é associado com uma série de características que marcam o discurso polêmico com uma “certa ‘violência verbal (MAINGUENEAU, 2010, p.189)”. A noção de violência verbal também é fundamental para a compreensão do discurso de Bolsonaro e deve fazer parte do estudo sobre a sua comunicação e a presença de elementos violentos em suas falas. Maingueneau (2010) reforça que a polêmica não acontece na esfera pessoal: o debate entre dois jogadores de futebol, fora das câmeras, por exemplo, não é uma polêmica. Agora, o discurso em torno de uma discussão pública desses mesmos jogadores configura uma comunicação polêmica. Isso significa dizer que o polêmico é sempre público e sempre diz respeito a esfera pública. Por isso, compreendemos que esse conceito tem importância fundamental para o estudo da performance masculina de Bolsonaro: durante toda a sua carreira ele soube levar debates internos a esfera pública, utilizando da violência verbal e de registros comunicacionais — seja na imprensa, na Câmara dos Deputados ou em programas de entretenimento — para se colocar como uma figura polêmica, capaz de falar qualquer coisa. Dessa maneira, as falas mais agressivas contra minorias e que reforçam sua postura masculinizada se normalizaram em programas de entretenimento, como parte de um jogo midiático. Era interessante para esses meios de comunicação ter a figura polêmica de Bolsonaro, abordando temas em tom de ataque. A polêmica, como registro comunicacional, permitiu que Bolsonaro apresentasse suas ideias mais absurdas sem receber qualquer tipo de confronto.

O outro elemento trazido por Piaia e Nunes (2022) é o da projeção. A presença de Bolsonaro em programas de entretenimento entre 2010 e 2018 foi fundamental para garantir o lugar do deputado de pouca atuação na casa dentro da esfera pública brasileira. Em constantes aparições em programas de televisão, sempre com tom humorístico e polêmico, Bolsonaro cresceu em popularidade e relevância, e teve suas ideias projetadas a âmbito nacional, para além do Rio de Janeiro e de Brasília. Piaia e Nunes (2022) trazem a questão da televisão para a discussão quanto à projeção de Bolsonaro para complexificar o debate em torno de sua ascensão, que é comumente associada apenas com as redes sociais e o papel delas nesse processo. É claro que o uso de redes foi fundamental para o crescimento da popularidade de Jair, mas é

importante reforçar, como apontam Piaia e Nunes (2022), que trechos das participações em programas de entretenimento foram centrais nas táticas de comunicação de Bolsonaro nas redes sociais durante a década passada. Bolsonaro apresentava suas ideias polêmicas em programas como o Superpop, e trechos marcantes eram republicados em suas redes, onde viralizavam e eram reimaginados por seus seguidores, que o chamavam de mito. Esse processo teve atuação essencial dos programas de entretenimento: para além dos trechos, era nesses programas que as falas de Bolsonaro acabavam sendo enquadradas como conteúdos de humor, e não como debates políticos profundos. Dentro do jogo do entretenimento, Bolsonaro podia falar o que bem entendesse, já que nada era sério. A denúncia do *Kit-gay* foi o primeiro grande marco dessa nova era de Bolsonaro. Sua relação com pautas morais e com temas como a homofobia e a misoginia tornaram-se cada vez mais frequentes, indo até um ponto em que esses elementos se tornaram fundamentais para a construção da imagem pública em torno do deputado. Esse tema e outras polêmicas que Bolsonaro articulou nos programas de entretenimento e nas suas redes sociais fizeram parte de um processo midiático que fez com que o capitão reformado se tornasse o deputado mais votado no Brasil em 2014 e começasse a ser cotado como um possível candidato à presidência da república para as eleições seguintes, que ocorreram em 2018. Por trás desse processo, uma palavra guiou os seus movimentos midiáticos e era repetida por seus seguidores em todos os lugares em que Bolsonaro aparecia publicamente: mito.

A comparação da imagem de Bolsonaro com a de um mito começou justamente com a sua presença em programas de entretenimento e a replicação de suas falas polêmicas em suas redes sociais. Quando o então deputado “vencia” debates ao diminuir seus interlocutores, com acusações homofóbicas ou misóginas, ou usava suas frases de efeito, seus seguidores batiam palma para a sua atuação, dizendo que Bolsonaro tinha feito uma “mitada”. Esses momentos reforçaram a imagem de Bolsonaro e foram usados para associar seu nome com noções mitológicas e poderosas. A partir de 2011, a comunicação de Bolsonaro mudou completamente, e começou uma etapa definida por Piaia e Nunes (2022) pelo uso de pautas morais como a homofobia e o seio familiar para emplacar uma associação direta entre ele e uma moralidade desejada, e que estava faltando — em sua visão — na sociedade brasileira como um todo. Além disso, Bolsonaro também associou esses temas com uma suposta virtude militar, muito similar ao traçado pelo filme *A Tropa de Elite* e

analisado por Lehnem (2022), que valoriza uma masculinidade violenta e agressiva com homens e mulheres marginalizados. Bolsonaro abraçou essa visão do masculino, e fez dela um dos elementos fundamentais de sua comunicação já em 2011. Essa tática deu certo, especialmente impulsionada por suas participações em programas de entretenimento e o trabalho eficaz em suas redes sociais, que levaram seus vídeos diretamente para um público sedento por mensagens rápidas, engraçadas e capazes de gerar resultados contundentes na internet. Procuramos na imprensa por momentos que marcaram o crescimento do “mito de Bolsonaro” na sociedade brasileira, e encontramos, ainda em 2011, uma matéria da UOL intitulada *Neonazistas ajudam a convocar “ato cívico” pró-Bolsonaro em São Paulo*. Publicada no dia 6 de abril de 2011, a matéria conta a iniciativa de grupos neonazistas nas redes sociais, que decidiram fazer uma manifestação a favor de Bolsonaro por ele ser “o único Deputado que bate de frente com esses libertinos e Comunistas!!! Será um manifesto Cívico, portanto, levem a família, esposas, filhos e amigos” (Uol, 2011). Essa manifestação demonstra que esse período começou uma profunda associação entre o deputado, que atuava muito pouco na casa, com movimentos de extrema direita, que estavam adormecidos por décadas na sociedade brasileira. Nesse sentido, apoiadores do capitão reformado se engajaram com a noção de que Bolsonaro é um mito. Essa noção seria expandida nos próximos anos, em um processo que foi fundamental para a sua campanha em 2018 e ditou a performance masculina de Jair como presidente da república.

A comunicação pública de Bolsonaro até as eleições de 2018 foi baseada na construção de um mito em torno do capitão reformado, com foco em sua performance de masculinidade. Ele apresentou-se como um homem incorruptível, viril e diretamente associado com o sucesso militar e esportivo, pontos que foram marcantes no começo de sua carreira. Além disso, levantou uma forte bandeira contra a criminalidade — associada por ele e seus seguidores a homens marginalizados — e contra a corrupção, dois elementos fundamentais para a superação do governo do PT. O mito Bolsonaro conseguiu juntar em sua performance masculina os pontos levantados anteriormente nessa seção: a moral militar, como apontada por Lehnem (2022), a negação de características femininas, que foi combinada com uma grande violência discursiva contra as mulheres que cruzaram o caminho do capitão reformado durante 2011 e 2018, a subjugação de masculinidades consideradas inferiores — como a de homossexuais e a de homens periféricos, definidos por Bolsonaro como marginais e vagabundos — e a defesa de um patriotismo violento e baseado na segurança pública.

ostensiva, principalmente contra homens nas margens da sociedade. Esses elementos estiveram presentes durante o período em que ele foi o presidente, e viraram pauta frequente dos meios de comunicação do Brasil.

4. ELEMENTOS METODOLÓGICOS

4.1. Pesquisa qualitativa

A abordagem para buscar respostas quanto ao tratamento do jornalismo tradicional brasileiro para o tema da masculinidade durante o governo de Jair Bolsonaro é uma pesquisa prioritariamente qualitativa. Buscamos compreender e destrinchar os elementos fundadores dos textos publicados nos portais midiáticos selecionados, em busca de significados e modelos de discurso que expliquem o processo narrativo dos jornalistas.

Os aprofundamentos teóricos apresentados nesta tese apontam para a necessidade do uso de uma técnica qualitativa, pois objetivamos abordar contextos históricos distintos e conflitantes por trás do discurso de Bolsonaro e dos conflitos internalizados pela profissão jornalística. Para além de números, queremos entender como esses elementos se manifestaram. Lima e Manini (2016) definem a pesquisa qualitativa como um tipo de estudo focado em enxergar o material analisado em seu todo, preocupando-se sempre com o seu antes, durante e depois. Acreditamos que essa vocação é fundamental para esta pesquisa. Pretendemos explorar os elementos sociológicos formadores do discurso jornalístico e entender como eles foram usados e articulados em complexo debate envolvendo a masculinidade.

O conceito de qualidade na pesquisa social é fundamental para esta seleção. Flick (2008) defende que nas ciências sociais a qualidade se manifesta na capacidade da pesquisa de contemplar o contexto completo do material analisado. No caso desta pesquisa, trabalhamos com matérias retiradas de portais jornalísticos, que podem ser consideradas documentos individuais e que, portanto, devem ser tratadas com cuidado e com consideração do contexto em que foram publicadas. Por isso, nas próximas seções deste capítulo apresentamos os processos, o contexto e como cada um dos materiais coletados será categorizado.

O número de publicações em cada ano aponta o movimento temporal da relação entre o então presidente do Brasil e cada um dos meios de comunicação selecionados, e acreditamos que o tempo é a chave central para decodificar os documentos escolhidos. Os dados quantitativos são parte basilar da contextualização que projetamos em torno de cada um dos documentos selecionados.

As publicações selecionadas no processo que explicaremos nas páginas seguintes foram codificadas e organizadas com o auxílio do software Nvivo 20. O programa oferece diversas ferramentas que podem ser fundamentais para esta pesquisa. Mesmo que o foco desta pesquisa esteja na realização de uma pesquisa qualitativa, acreditamos que os dados quantitativos e os instrumentos organizacionais ofertados por este programa são de grande importância para o processo de investigação proposto por esta tese.

4.2. Análise de Conteúdo

O material selecionado é analisado nesta tese por meio da análise de conteúdo, definida aqui seguindo os parâmetros e indicações apresentadas por Laurence Bardin (1977). Essa escolha deve-se ao componente comunicacional que atravessa toda esta pesquisa, que foca em sinais discursivos presentes nas publicações jornalísticas, mas que vão além delas. A compreensão da comunicação como um processo amplo, que supera o dito, e é constantemente adicionada de contexto e elementos que aprofundam sua inserção no mundo social é fundamental para esta pesquisa.

Ao selecionar a análise de conteúdo como o método para a leitura do material, apontamos o desejo científico de enxergar um “sentido que se encontra no segundo plano (BARDIN, 1977, p.40)” dos textos jornalísticos que trataram das masculinidades e temas adjacentes durante a presidência de Jair Bolsonaro. Essa escolha é resultado do objetivo de decodificar e reconstruir o processo de significação do campo jornalístico durante o período entre 2019 e 2022. Acreditamos que para ir além do textual e buscar as condições da profissão, necessitamos de um método que ofereça as ferramentas necessárias para ir além do textual, e a análise de conteúdo permite esse tipo de procedimento.

A análise de conteúdo não é um método com técnicas fechadas e tem espaço para diversas variações. O fundamental é que o método seja aplicado em uma forma de comunicação, e no caso desta pesquisa trabalhamos com a comunicação publicada nos portais online de três jornais brasileiros durante a presidência de Bolsonaro, com o foco em debates adjacentes às masculinidades. Desta maneira, estudamos a maneira como os textos jornalísticos publicados pelos grandes meios de comunicação abordaram o debate envolvendo o gênero em torno da postura masculinidade e hegemônica de Bolsonaro.

Para contornar a complexidade e a perceptível grandiosidade do contexto em torno do jornalismo como profissão, trabalhamos com as comunicações feitas por apenas três portais online, que serão delimitados a seguir, e definimos categorias que ajudam na organização do material. Bardin (1977) define as categorias como caixas delimitadas para a separação e a organização do material. Essas caixas permitem que o pesquisador organize o material e construa grupos e fatores de análise quantitativa e organizacional, que oferecem contextualizações gerais sobre tendências e características únicas de cada uma dessas categorias. No caso desta pesquisa, categorizamos o material usando como base os momentos da presidência de Jair Bolsonaro que foram marcantes no que tange esta pesquisa. Desta maneira, casos práticos servem como base para a análise de conteúdo, e servem como contextualizações gerais da pesquisa.

Outro elemento que usamos para organizar e analisar o material selecionado são as classificações. Essas classificações acompanham as bases das temáticas que foram usadas para a coleta do material empírico, que serão apresentadas a seguir, mas aprofundam seus elementos, dividindo os grandes grupos em partes menores. Esse processo foi realizado em uma leitura inicial do material coletado e aponta outros elementos organizacionais fundamentais para esta pesquisa. Bardin (1977) considera esse processo adicional de classificação como uma forma de compartimentalizar ainda mais o material de análise, garantindo uma visão mais organizada diante da grandeza do conteúdo. As classificações apontadas nesta pesquisa são apresentadas e destrinchadas durante o capítulo que apresenta os resultados da análise, já que a própria definição destas “caixas” é uma parte importante da análise e que organiza dados importantes.

4.3. Coleta do Material Empírico

Nesta seção, apresentamos o processo de coleta do material empírico para esta pesquisa, junto às justificativas e contextualizações por trás de cada uma das decisões. Além disso, demonstramos as regras usadas para organizar e classificar os documentos considerados relevantes para o tensionamento entre os questionamentos propostos por esta pesquisa e o material empírico.

4.3.1. Meios de Comunicação selecionado

O primeiro passo para a coleta do material empírico foi a seleção dos meios de comunicação a serem analisados. Decidimos trabalhar com três dos portais mais relevantes da internet brasileira: a) G1; b) Folha de São Paulo e c) O Estado de São Paulo.

Focamos no *online* pela facilidade de coleta e relacionamento com o material, que está disponível de maneira rápida e constante. Além disso, acreditamos que os meios de comunicação, mesmo os mais tradicionais e que nasceram na imprensa, estão focados em entregar o seu material no formato digital, tanto por causa da facilidade de alcançar o público que esse método oferece, quanto pela velocidade permitida por esta forma de publicação. Assim, analisamos uma ampla gama de matérias, desde pequenas notas até grandes reportagens, publicadas nas plataformas digitais.

A escolha desses três portais em questão deve-se ao cuidado de trabalhar com meios de comunicação tradicionais, associados com a história da imprensa brasileira. Desta maneira, garantimos que os elementos jornalísticos apresentados no primeiro capítulo estejam presentes na rotina dos meios de comunicação estudados. O debate em torno do webjornalismo e das publicações que nasceram nas últimas décadas, com foco apenas no online, é amplo e muito complexo, mas não é central para esta pesquisa. Portanto, recortamos o nosso material apenas em instituições jornalísticas que carregam consigo um amplo lastro histórico, e que por consequência, estão conectadas com os elementos essenciais do meio.

4.3.1.1. G1

O Grupo Globo tem o maior alcance público do Brasil e seu jornalismo é consumido por milhões de brasileiros, em diferentes classes sociais e com diferentes estilos de vida e posições políticas variadas. Esse alcance é importante pois coloca em voga questões que passam pela capacidade do jornalismo de exercer uma função social de informar a população sobre assuntos e fatos importantes, principalmente durante uma crise com a dimensão que a pandemia teve. Além disso, Mannara (2014) resume o processo de ampliação do jornalismo da Globo a partir de uma reflexão em torno do webjornalismo brasileiro. Nesse ponto, a história do jornalismo deve ser

analisada e suas variações nas últimas décadas podem apontar para novas tendências ideológicas e culturais em torno do tema da masculinidade

A fundação do Portal G1 é um marco para o jornalismo brasileiro e é um dos projetos que promove a guinada dos principais meios de comunicação para a internet. Inaugurado no dia 18 de setembro de 2006, o portal foi idealizado como a entrada do jornalismo do Grupo Globo no mundo digital. Em 2022, uma página foi criada para reunir a história deste projeto, que se tornou muito bem-sucedido e é um dos mais influentes do País. Ao descrever esse processo, a Memória Globo descreve o surgimento do G1 da seguinte forma:

O G1 foi a primeira iniciativa de conteúdo jornalístico da Globo criada e pensada para o digital. Embora os telejornais e programas da Globo possuíssem, em sua maioria, endereços na internet, suas equipes não eram dedicadas à produção de informação exclusiva. A Globo.com, por outro lado, já tinha investido na criação de alguns sites jornalísticos..., mas nenhum deles estruturado com uma redação própria inteiramente dedicada à cobertura noticiosa, em tempo integral. Com o G1, a Globo entra de cabeça no jornalismo digital (MEMÓRIA GLOBO, 2022).

O G1 é, atualmente, o maior portal de notícias, segundo informações do próprio grupo Globo. Em publicação de G1 (2018), o portal usa dados de pesquisa feita pela *ComScore* para afirmar que o meio de comunicação teve, no ano de 2018, mais de 1.2 bilhão de visitas e cerca de 23 milhões de visitantes únicos. São números muito importantes e que apontam para a relevância do conteúdo publicado no Portal G1.

4.3.1.2. Folha de São Paulo

A Folha de São Paulo é um dos jornais mais tradicionais do Brasil e sua transição para a internet permitiu que o seu jornalismo seguisse tendo uma forte relevância no debate público brasileiro, sendo um dos processos mais bem sucedidos nesse sentido. Em seu portal, a história da Folha é traçada a partir da criação da Folha da Noite, em

1921, que quatro anos depois ganhou sua versão matutina, chamada de Folha da Manhã. Depois de 24 anos, a Folha da Tarde foi fundada, e em 1960 esses projetos se fundiram no jornal Folha de S. Paulo. Em Folha (2023), o jornal torna-se o de maior circulação do País na década de 1980 e reforça sua posição como uma das vozes mais importantes do jornalismo brasileiro. Destaca-se, na história do jornal, a relação

com a internet: já em 1996 a Folha de São Paulo teve suas primeiras pegadas digitais, com o lançamento do Universo Online, que anos depois passou a se chamar UOL. Essa empreitada teve grande importância, no final dos anos 1990 e no começo da década de 2000, no crescimento e no desenvolvimento da internet brasileira, e solidificou o jornalismo da Folha no mundo digital.

Um dos momentos mais marcantes do jornalismo da Folha na internet aconteceu em 2012, quando o Grupo Folha optou por criar um modelo de cobrança para o acesso de seus conteúdos no site. Conhecido como *paywall*, esse formato de proteção do jornalismo produzido é polêmico e levanta importantes questões sobre a forma de financiamento do jornalismo. Por ter sido um dos primeiros exemplos do País, a Folha tem uma relação pioneira com esse modelo, e por isso costuma ser diretamente associada com esse tipo de gestão do jornalismo. Na publicação em que anunciou a entrada do *paywall* no site, em 2012, a Folha (2012) descreve da seguinte forma sua posição na internet brasileira:

A Folha tem na internet a mesma posição de liderança de que desfruta na versão impressa. Seu site é o de maior audiência entre os jornais brasileiros. No mês passado, somou 242 milhões de páginas vistas e 19 milhões de visitantes únicos (FOLHA, 2012).

O debate ético em torno do *paywall* não é relevante para esta metodologia, mas a relação da Folha com a sua posição de pioneira no jornalismo brasileiro online é fundamental para definir a posição deste meio de comunicação na opinião pública brasileira.

4.3.1.3. Estadão

O jornal O Estado de São Paulo tem uma relação histórica com a história da imprensa brasileira. Este foi fundado com o nome de A Província de São Paulo, em 4 de janeiro de 1875. Sua presença há mais de 140 anos na opinião pública brasileira demonstra a relevância deste meio de comunicação em discussões sobre a normalização de temas que estão em voga na rotina dos brasileiros, como é o caso do debate envolvendo o gênero neste século.

O Grupo Estado cresceu em importância e relevância durante o século XX, com o aumento de seu alcance e o crescimento do número de meios de comunicação sob o controle do grupo – rádios também entraram no grupo. No que tange à internet, o

começo do século XXI foi muito marcante para o jornal: o Portal Estadão.com foi fundado em 28 de maio de 2000. O jornalismo do Estadão começou, aos poucos, a se transferir e a expandir o seu alcance no mundo digital, e em 2007 uma nova versão do portal foi idealizada, que prometia ainda mais interesse na internet:

O *estadao.com.br*, portal do jornal O Estado de S. Paulo, entra no ar totalmente reformulado. Com um layout claro e dinâmico, o novo site de notícias privilegia a informação e os serviços, com ênfase na interatividade com o leitor. O projeto de mudança foi motivado pela ideia de reforçar, na internet, o perfil de jornalismo abrangente, ágil e confiável que é a marca do Grupo Estado. Algumas das novidades foram os *podcasts*, a TV Estadão e as *Tags* (ACERVO, 2000).

Depois da reformulação do portal, aumentou ainda mais o interesse do Estadão na Internet e nas redes sociais como uma forma de alcançar leitores e distribuir o conteúdo do jornal. Em 2014, começou um modelo de assinatura digital que permitia o acesso de conteúdo do jornal impresso na internet e reforçou a integração da redação nos dois modelos de produção. Hoje, é um dos mais importantes portais digitais do País.

4.3.2. Os critérios para a captação do material

Após definir os três meios de comunicação analisados definimos os critérios para a captação das matérias de cada um destes portais. Para isso, utilizamos os mecanismos de pesquisa ofertados pelas páginas. São características diferentes, que determinam alguns elementos sobre a forma como interagimos com o material. Segue algumas considerações sobre esse processo:

- (a) G1: o processo de captação e de textos no G1 é muito simples. O sistema de busca, entretanto, não organiza os textos de forma cronológica, e foca em um sistema de relevância. Portanto, é possível que alguns resultados tenham sido escondidos pelo sistema, já que não conseguimos ter acesso a todas as publicações em ordem cronológica para realizar a seleção do material relevante para esta pesquisa.
- (b) Folha de São Paulo: ao contrário do G1, a Folha de São Paulo apresenta os resultados da busca em ordem cronológica. Dessa forma, conseguimos ver todas as publicações relevantes para o tema, e em ordem de

publicação. A desvantagem deste método é que o número de resultados foi muito mais amplo e detalhado, com muitos resultados que não tinham relevância.

- (c) Estadão: esse sistema também funciona de forma cronológica, e a quantidade de respostas foi bem ampla. Porém, notamos um problema: durante a coleta, realizada em outubro de 2023, percebemos um número alto de resultados que, ao serem abertos, não estão mais disponíveis para o público. Dessa forma, podemos concluir que o Estadão apagou muitos materiais que foram publicados

Para utilizar de forma eficaz definimos algumas palavras-chave que apontaram para matérias relevantes para as nossas demandas. Buscamos, nessa fase do método, associar os temas traçados por essa pesquisa, alguns momentos que marcaram a presidência de Bolsonaro e o processo jornalístico durante o período estudado de uma maneira que contemplasse os nossos objetivos. Foram selecionadas algumas palavras que remetem a temas ligados com o masculino, com a homofobia, a violência e a misoginia, que foram adicionadas do sobrenome do então presidente, para garantir que as matérias, de alguma forma, articulavam esse tema com falas ou ações de Bolsonaro. Os termos pesquisados foram os seguintes: a) Bolsonaro + mulheres; b) Bolsonaro + LGBT⁸; c) Bolsonaro + masculinidade; d) Bolsonaro + virilidade; e) Bolsonaro + gays; f) Bolsonaro + armas; g) Bolsonaro + jornalistas e h) Bolsonaro + agressão.

Essas oito palavras-chave foram jogadas nos mecanismos de busca dos três meios de comunicação selecionados. Os resultados de cada uma dessas buscas foram examinados, em busca de matérias relevantes para essa pesquisa. Consideramos apenas textos, formato selecionado para nossa análise, e que mencionavam o presidente de alguma forma.

Para a organização e separação deste material utilizamos três critérios: meio de comunicação, ano e temática. Ao todo, captamos 506 matérias, sendo 143 em 2019, 124 em 2020, 99 em 2021 e 140 em 2022. Quando organizamos por meio de

⁸ Durante toda a tese, usamos o termo LGBTQIA+, que acolhe diversas identidades de gênero e é o termo oficial das ações do Ministério dos Direitos Humanos, Porém, para a pesquisa nos portais, utilizamos o LGBT para conseguirmos resultados mais amplos, já que o termo ainda é muito utilizado nos jornais.

comunicação, percebemos que foram captadas 144 matérias publicadas no Portal G1, 133 vindas do Estadão e 229 textos da Folha de São Paulo. O foco desta pesquisa estará em uma análise destes documentos de forma qualitativa, mas esses números apontam para alguns detalhes que serão fundamentais para esta análise. Destacamos a frequência com que a Folha de São Paulo publicou sobre temas adjacentes a esta pesquisa, com quase cem documentos a mais do que os outros meios, e notamos que os dois anos no meio do governo — 2020 e 2021 — tivera uma frequência menor, o que acreditamos ser resultado do foco na pandemia de COVID-19, quando as críticas ao presidente tinham um teor menos voltado ao debate de gênero.

4.4. As temáticas de análise

Para auxiliar na organização do material e começar a guiar a construção de categorias de análise, separamos o material empírico coletado em seis temáticas gerais. Seleccionamos apenas publicações que, de alguma forma, cabiam em uma dessas categorias, para garantir uma conexão direta entre os objetivos traçados por essa tese e o empírico. As temáticas são as seguintes:

- (a) Virilidade: nessa categoria entram todas as notícias ou artigos de opinião que, de alguma forma, conversam com o tema da masculinidade de forma direta. Seja quando Bolsonaro afirma ser imbrochável ou quando a temática da masculinidade atravessa outros debates, como foi o caso da pandemia. Termos como “macho” também entraram nesta categoria, e são o principal pilar desta pesquisa. Organizamos 127 documentos nesta categoria;
- (b) agressividade: a agressividade é um elemento importante da construção da performance masculina de Bolsonaro. Seus ataques verbais a adversários, opositores e até membros da imprensa tiveram destaque na imprensa durante os quatro anos de sua gestão. Matérias que focam na mudança da legislação do porte de armas também entraram nesse grupo, pois consideramos que o debate foi enquadrado no tempo da violência. Ao todo, 52 itens foram identificados nesse critério;
- (c) Mulheres: definimos que a masculinidade hegemônica é formada na negativa às características femininas, como a fragilidade física. Além disso, muitos momentos que marcaram a presidência de Bolsonaro giraram em

torno da maneira como ele se referia às mulheres do Brasil e do seu convívio, por isso consideramos fundamental ter uma categoria para formular este debate. Foram 90 resultados durante os quatro anos;

- (d) **Moralismo:** a homofobia ocupou papel central no discurso de Bolsonaro durante o período analisado por essa pesquisa. Portanto, acreditamos ser fundamental levar em conta momentos em que o atual presidente usou termos preconceituosos com a comunidade LGBTQIA+ ou promoveu debates sobre o espaço ocupado por esses grupos na dinâmica social. Usamos o termo “moralismo” para que essa categoria possa abranger, além de demonstrações de homofobia, outros momentos em que Bolsonaro quis ditar a ideia de certo ou errado na sociedade, incluindo debates como da maioria penal, da censura no cinema e do controle de provas do ENEM. Devido a essa abrangência, essa categoria resultou em 131 documentos;
- (e) **Negação da ciência:** essa categoria é resultado da maneira como o governo federal tratou a pandemia do COVID-19. Apesar de não ter relação direta com a masculinidade, foi um tema que esteve presente nos dois anos centrais do governo de Bolsonaro — a forma como organizamos a análise temporal será apresentada na seção seguinte em mais detalhes — e acabou sendo atrelado à masculinidade de Bolsonaro quando o então presidente, em sua primeira manifestação oficial sobre o tema, citou seu histórico de atleta. A partir desse ponto, a discussão da relação com a verdade e a ciência esteve em voga na imprensa. Encontramos 27 matérias que circundam essa temática;
- (f) **Ataque a Jornalistas:** a última categoria tem a ver diretamente com a relação entre o presidente Bolsonaro com os membros da imprensa. Consideramos fundamental trazer esse tema para esta pesquisa porque ele é essencial para entendermos a atuação da imprensa durante os quatro anos estudados. Bolsonaro viveu em constante guerra com a imprensa, e suas críticas em muitas ocasiões tinham teor homofóbico ou misógino, chegando ao ponto de insinuar que muitas críticas vindouras de jornalistas mulheres eram resultado de um desejo sexual escondido. Dessa maneira, definimos ser crucial levar em conta os casos em que o confronto esteve abertamente exposto para que possamos entender como os jornalistas

lidaram com essas agressões. Em 80 oportunidades acreditamos que esse tema está presente no material empírico.

Notamos que os números apresentados em cada uma das categorias são resultado de uma organização que colocou cada matéria em apenas uma das categorias. Portanto, quando uma notícia ou artigo de opinião cruzava mais de um tema, fizemos a seleção da categoria que era mais presente e fundamental para o conteúdo trazido pelo jornalista.

4.5. Codificação e organização

Para organizar os textos e dar ordem ao extenso material, selecionamos uma série de códigos e casos que ajudam no processo de análise dos textos. Seguindo a linha da análise de conteúdo, como definida por Bardin (1979), enxergamos esses códigos e casos e como caixas que separam o material, permitindo uma visão mais aprofundada, detalhada e delimitada das 506 publicações estudadas nesta tese.

4.5.1. Códigos

Durante a leitura do material selecionado, por meio da plataforma Nvivo 20, definimos 17 códigos que funcionam como temáticas aprofundadas. Esse processo foi importante porque algumas publicações atravessam mais de uma de nossas categorias, e os códigos permitiram o estudo de cruzamentos temáticos, que são explorados mais adiante nesta tese. Outro tipo de informação coletada neste processo que nos interessa profundamente tem a ver com frequência de certos debates. Cada referência guardada em uma caixa representada por esses códigos é um trecho de publicação que versa sobre o tema, e que, portanto, apresenta o discurso utilizado pelo meio de comunicação para tratar de tal situação.

Figura 1: Códigos selecionados na análise no Nvivo 20.

Códigos			
⊕ Nome	▲ ⇌ Arquivos	Referências	
<input type="radio"/> Agressão a Jornalistas	104	254	
<input type="radio"/> Agressividade	166	334	
<input type="radio"/> Armas	48	68	
<input type="radio"/> Ciência	46	62	
<input type="radio"/> Educação	17	32	
<input type="radio"/> Eleições	68	121	
<input type="radio"/> Esporte	21	28	
<input type="radio"/> Família	38	45	
<input type="radio"/> Fé	42	53	
<input type="radio"/> Feminino	213	479	
<input type="radio"/> Ideologia de Gênero	59	137	
<input type="radio"/> LGBTQIA+	142	304	
<input type="radio"/> Masculinidades	218	485	
<input type="radio"/> Militarismo	54	84	
<input type="radio"/> Outsider	22	35	
<input type="radio"/> Patriotismo	9	17	
<input type="radio"/> Sobre o jornalismo	56	121	

A figura 1 traz os 17 códigos selecionados para pesquisa e os dados referentes a cada um deles. Em *Arquivos* temos a quantidade de publicações em que o código está presente, e em *Referências* encontramos a quantidade de trechos codificados, durante a leitura do material, em cada uma dessas caixas. Destacamos que trechos podem, e com frequência foram codificados em diferentes opções, já tratavam de temas mais amplos e que permitiam essa leitura mais complexa. Desta forma, temos um número de publicações bem maior que o total, já que reportagens maiores ou textos opinativos longos tiveram diversas codificações. Destacamos o fato de o código *Masculinidades* ter sido o mais representado, estando presente diretamente em quase metade das publicações selecionadas, com 485 referências em 218 publicações. Também destacamos a presença do código *Agressividade* em 166 matérias, representado um total de 334 trechos que tratam de falas agressivas, que em sua grande maioria foram ditas pelo então presidente e cruzou diferentes temáticas e

outros códigos, como o *Feminino* e o *LGBTQIA+*. Por fim, separamos os trechos que abordam a relação de Bolsonaro com os jornalistas em dois códigos: *Agressão a jornalistas* e *Sobre o jornalismo*: o primeiro reúne casos de falas agressivas contra profissionais de imprensa, e o segundo guarda momentos em que a disposição do jornalismo como profissão é argumentada nas páginas dos portais selecionados.

4.5.2. Casos

Para além dos códigos, enxergamos alguns padrões importantes durante a leitura do material. Por tratarmos de textos jornalísticos, alguns momentos geraram publicações similares em todos os meios de comunicação, e consideramos ser importante organizar esses momentos para permitir uma leitura mais granular do material. Além disso, encontramos padrões que dizem respeito ao uso de citações, tanto de Bolsonaro como de outros membros da política brasileira, e consideramos fundamental organizar e articular esses dados durante esta análise.

Figura 2: Primeiros casos selecionados.

Casos			
Nome	Arquivos	Referências	
08 de março	0	0	
2019	7	10	
2020	4	23	
2022	1	2	
Aliadas	2	2	
Carla Zambelli	3	3	
Damares	35	56	
Joice Hasselmann	2	2	
Mayra Pinheiro	2	2	
Primeira dama	18	33	
Ataques a jornalistas	0	0	
Geral	37	66	
Mulheres	51	108	
Censura	83	162	
Declarações	0	0	
Aliados	77	105	
Bolsonaro	176	276	
Especialistas	119	250	
Oposição	112	196	
Eleitoral	72	119	
Elementos do Masculino	1	1	
Machismo	92	199	
Mito	36	56	
Valentia	67	114	
Virilidade	174	390	

A figura 2 apresenta os primeiros casos. Ao total são 47 casos, e alguns, como as declarações dadas por diferentes figuras da política brasileira, foram organizadas em pastas. Na figura 2 destacamos justamente esse grupo, e a presença de alguma fala direta de Bolsonaro em 176 das 506 selecionadas. Em diversos momentos, uma frase dita pelo presidente tem posição central em uma matéria, o que aprofunda a leitura de que houve uma normalização de algumas ideias propagadas por ele, em uma explicação que será aprofundada mais adiante nesta tese.

Figura 3: Segunda parte da lista de casos.

Casos			
Nome	Arquivos	Referências	
Eleitoral	72	119	
Elementos do Masculino	1	1	
Machismo	92	199	
Mito	36	56	
Valentia	67	114	
Virilidade	174	390	
Ideologia de gênero	0	0	
Homofobia	101	215	
Transfobia	17	21	
Liberação das armas	11	12	
Misoginia	167	370	
Opiniões	1	1	
Editorial	28	42	
Negativas	126	266	
Positiva	7	12	
Questionadoras	65	87	
Protestos	2	2	
08 de março	9	34	
Gerais	16	26	
LGBTQIA+	5	5	

A figura 3 completa a lista de casos e traz algumas informações que consideramos fundamentais para esta pesquisa. Destacamos a lista de quatro elementos da masculinidade presentes, e o grande número de referências à virilidade, que esteve em pauta durante os quatro anos da presidência de Bolsonaro, e por isso tornou-se uma temática desta pesquisa, listada anteriormente. Esse conceito e o uso dele será aprofundado nos capítulos seguintes desta tese. Os casos sobre *Opiniões* versam sobre textos opinativos e gira em torno de Bolsonaro: ou seja, quando definimos que uma opinião é negativa, a crítica é feita contra o então presidente, assim como uma opinião positiva foi definida desta forma por defender Bolsonaro. As opiniões questionadoras são aquelas que não apresentam um claro teor de crítica ou de defesa, mas que colocam em *xequê* uma decisão tomada, e pedem para que os

leitores reflitam sobre o tema. Por fim, as opiniões *Editoriais* são aquelas dadas em nome do meio de comunicação como um todo, e podem ter teor cruzado – textos editoriais que são críticos a Bolsonaro foram colocados nas duas caixas referentes ao teor do texto.

4.5.3. Tipificação de Publicações

Um elemento importante a ser considerado durante esta análise é o tipo de publicação. Cada modelo de texto remete a elementos esperados e aponta a características quanto a tamanho da matéria, relação com a objetividade e a existência, ou não, de opinião. Desta forma, delimitamos seis tipos, de que de acordo com o material coletado, englobam todas as matérias: a) Editorial, que resultou em 5 publicações; b) Textos Assinados, com um total de 204 publicações; c) Opinião, com 79 resultados; d) Redação Jornal Nacional, com 26 textos; e) Coluna, com 90 resultados e f) Redação, que engloba 102 textos. Esses conceitos são trabalhados mais adiante nesta tese, quando aparecem na análise do material, já que seus elementos são definidos e atravessados pelo debate em torno do discurso jornalístico durante a presidência de Jair Bolsonaro.

4.6. Organização temporal do material

O tempo é um elemento fundamental para a coleta e a compreensão do material analisado nesta tese. Para separar o material e organizar as diversas polêmicas envolvendo a masculinidade nos quatro anos em que Bolsonaro foi o presidente do Brasil, optamos por separar o período em três fases. Temos um ponto de partida, em que o governo é apresentado para o brasileiro e a imprensa precisa organizar-se em torno de Bolsonaro não mais como um deputado polêmico ou como um candidato, mas sim como o presidente da república, um período de ação, em que as tensões do primeiro ano foram disputadas — a pandemia do COVID-19 é um elemento fundamental desta fase central, e por causa dessa crise unimos os anos de 2020 e 2021 na segunda fase da análise — e uma fase final, em que Bolsonaro está completamente tensionado com a imprensa e atua como um candidato à presidência novamente, preparando-se para as eleições que ocorreram em 2022. Cada um desses

três períodos tem momentos preliminares que guiaram as fases seguintes da coleta e da organização do material empírico, e vamos explorar esses momentos nesta seção.

4.6.1. O começo do governo (2019)

O primeiro período selecionado nesta pesquisa compreende o ano de 2019. O ano de abertura do governo de Bolsonaro é o ponto de partida para a relação da imprensa brasileira com o governo do ex-capitão da ativa e aponta alguns elementos que serão fundamentais para outras etapas da análise. O primeiro ano da presidência de Bolsonaro também é importante para compreendermos como a relação da imprensa brasileira com o então novo presidente e o seu discurso. Queremos entender, neste primeiro momento, entender como os temas polêmicos do governo presidencial de Bolsonaro foram tratados pela imprensa brasileira e como esse processo sofreu alterações nos anos seguintes, que serão analisados mais adiante nesta tese.

4.6.2. Fase central (2020-2021)

O segundo período recortado para organizar esta pesquisa abrange dois anos, marcados pela administração da pandemia do COVID-19. Esse período colocou muitas outras pautas da presidência de Bolsonaro em segundo plano e trouxe o cuidado com a saúde e a capacidade física do presidente para uma posição central. Devido a isso, muitas frases foram usadas pelo presidente, que precisou ir a público diversas vezes, que focavam em sua virilidade e na “virilidade do povo brasileiro”. Por isso, consideramos os anos de 2020 e 2021 como o momento central do governo de Jair Bolsonaro. A relação de confronto do presidente com a imprensa também ficou mais tenso e constante, e todo o processo pandêmico aprofundou discursos que se iniciaram em 2019.

Outro ponto que reforça a importância e as particularidades deste período é que os temas apresentados em 2019 seguem presentes, agora de uma forma mais aprofundada. Portanto, poderemos entender como a imprensa seguiu tratando de polêmicas de gênero envolvendo Bolsonaro e a tensão em torno deste governo. Para organizar este período, também apresentamos a seguir alguns momentos que

marcaram a relação de Bolsonaro com a imprensa, e que articularam as noções envolvendo às masculinidades.

4.6.3. A fase decisiva do governo (2022)

O período final do governo de Bolsonaro, em que as tensões de seu governo e a formação de sua performance masculina estiveram em grande voga no Brasil, ocorreu no ano de 2022. Esse período é marcado pelo começo da vacinação contra a COVID-19 e a campanha presidencial, que culminou com a vitória de Luís Inácio Lula da Silva (PT) e a saída de Jair Bolsonaro do cargo de presidente da república. A campanha é um componente fundamental para a nossa análise porque esse momento obrigou Bolsonaro a ser ainda mais enfático em suas falas e na postura de sua presidência. Sua agressividade aumentou, e os apelos à masculinidade hegemônicas tornaram-se mais frequentes. Por sua vez, a imprensa atua de formas específicas durante os meses que antecedem uma eleição presidencial. A rotina dos candidatos recebe uma lupa, e as críticas precisam funcionar dentro da lógica de “objetividade” que deve cercar a profissão. Por esses motivos, acreditamos ser fundamental isolar o último ano do governo Bolsonaro e verificar possíveis mudanças do ponto zero até o momento final, e como a imprensa lidou com as tensões deste

5. ANÁLISE DA DISPUTA PELA MASCULINIDADE NA COBERTURA JORNALÍSTICA NA PRESIDÊNCIA DE BOLSONARO

5.1. Introdução

Para organizar os processos históricos e realizar uma análise do material empírico selecionado para esta pesquisa, decidimos organizar essa análise de forma cronológica, considerando mudanças no processo comunicacional dos meios analisados nesta tese como um ponto central para a compreensão desta relação. Trabalhamos com três fases: a) o ano de 2019 como o ponto de partida, para o recorte de nossa tese, da relação da imprensa com Bolsonaro como presidente e para as características dos enquadramentos em torno do político são construídas; b) o período entre 2020 e 2021 como o eixo central desta relação, em que a pandemia aprofundou tensões, provocadas pela maior agressividade e contundência no discurso de Bolsonaro; e c) o ano de 2022 como um ponto decisivo nessa relação, marcado pela eleição presidencial e pela acentuação da agressividade entre as partes analisadas nesta tese.

5.2. Definindo como lidar com Bolsonaro (2019)

O primeiro ano de Jair Bolsonaro como presidente da República representa o ponto de partida desta análise. Apesar de já ser uma figura pública quando começou a campanha para o pleito de 2018, e termos discutido anteriormente o processo que normalizou sua existência e seu discurso até chegar ao cargo, a situação mudou quando Bolsonaro tornou-se, de fato, o presidente. É uma função que recebe extensa cobertura nos noticiários nacionais e suas ações e decisões estão sempre em posição central, desde a época dos folhetins até os portais online. Portanto, acreditamos ser fundamental isolar esse ano, e seus dados, para analisar profundamente as características que foram responsáveis por solidificar um discurso em torno dos temas de gênero nessa relação.

Ao todo, selecionamos, no ano de 2019, 143 publicações, divididas da seguinte forma: 49 textos do G1, 59 da Folha de São Paulo e 35 do Estadão. É o ano que mais

gerou resultados, o que demonstra uma importante frequência de apontamentos logo no começo da presidência de Bolsonaro e reforça a compreensão de que o começo desta presidência levou o debate em torno do gênero e das masculinidades para o centro da cobertura jornalística no País.

5.2.1. Grande proeminência de publicações sobre moralismo

O primeiro elemento do ano de 2019 que queremos destacar versa sobre as seis temáticas selecionadas, já que identificamos uma grande proeminência de publicações categorizadas dentro do guarda-chuva de moralismo. Foram 63 textos que englobam, de alguma forma, o debate em torno da sexualidade, e do próprio gênero, em termos moralistas, conservadores e focados para a moralidade religiosa. A primeira publicação selecionada, intitulada *'Fiz uma metáfora contra ideologia de gênero,' diz Damares sobre vídeo*, foi publicada pelo Estadão no dia 04 de janeiro de 2019, e aborda uma fala da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, em que a responsável pela pasta usa o termo "ideologia de gênero". Essa noção, instrumentalizada para atacar o estudo do gênero, ocupa posição central na construção moralista do governo Bolsonaro. Esse texto exemplifica as características das publicações que categorizamos como sendo moralistas, já que ela traz uma citação que teve destaque durante o período. Damares afirma que "menino veste azul e menina veste rosa" (BORGES, 2019), deixando claro a posição do governo quanto à expressão de gênero e sua conexão com noções conservadoras e estruturantes da construção, e quanto à manutenção de uma masculinidade hegemônica. É um momento em que falas de pessoas envolvidas com o governo ganham grande destaque, e são apresentadas ao público como uma espécie de construção imagética da presidência. Os meios, portanto, tentam definir o que esperar do governo Bolsonaro, que começou oficialmente no dia 01 de janeiro de 2019. No dia 20 do mesmo mês, o Estadão publicou um perfil completo de outra mulher ligada à cúpula do governo, a deputada Carla Zambelli. Aqui, a moral esperada do governo Bolsonaro segue sendo construída: Carla se apresenta como uma mulher de direita, conservadora, e focada em agradar Bolsonaro. Nessas duas publicações, que focam na questão do moralismo, mulheres aliadas de Bolsonaro são colocadas em cena, construindo um imaginário sobre o governo que começara nos primeiros dias daquele ano.

O tema do moralismo aparece logo na primeira publicação da Folha de São Paulo, também no dia 01 de janeiro de 2019. Destaque nesse caso para o uso do termo “Moralista” no título da matéria, que versa sobre a política de prevenção a AIDS⁹ apresentada pelo ministro da saúde que assumia o cargo neste dia, o médico Luiz Henrique Mandetta. Esse nome ganhou destaque na cobertura sobre o governo federal durante a pandemia de COVID-19, que começou em 2020, mas sua posição no governo é pautada logo no primeiro dia do mandato, por defender uma noção considerada moralista em uma coluna opinativa da Folha de São Paulo:

É preocupante a fala do novo ministro da Saúde na gestão de Jair Bolsonaro, o médico Luiz Henrique Mandetta, de que o Estado tem que tomar cuidado para não ofender as famílias com campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids (COLLUCCI, 2019).

O texto abre enquadrando o que a colunista entende como sendo uma “política moralista.” Mandetta coloca os bons métodos de prevenção à AIDS em cheque em nome de uma percebida proteção às famílias, que seriam ofendidas por menções à sexualidade e outros elementos similares. Essa construção narrativa é importante para entender como falas do tipo serão enquadradas mais adiante nesta pesquisa, e aponta para os primeiros sinais da Folha como um meio que teve uma postura crítica a Bolsonaro, justamente criticando esta visão moralista. Esses exemplos acima, apesar de não abordarem diretamente a figura de Bolsonaro, são usados para construir um quadro sobre a linha moral buscada pelo presidente.

Esse texto também reforça nossa escolha de colocar os temas ligados à comunidade LGBTQIA+ na temática de moralismo, pois esse termo é diretamente ligado a uma ação governamental que cita nominalmente essa comunidade, e sua sexualidade, como uma afronta moral às famílias brasileiras. Colucci (2019) também inaugura uma linha muito presente durante toda esta pesquisa, ao citar uma fala de Bolsonaro, algo que ocorre em 176 publicações durante todo o período selecionado, e 63 vezes no ano de 2019, sendo assim o ano com maior frequência de citações diretas a Bolsonaro nas publicações selecionadas. O então presidente é citado afirmando que “quem ensina sexo para a criança é o papai e a mamãe. Escola é lugar de aprender física, matemática, química (COLLUCCI, 2019).” Essa frase tem conexão

⁹ É a doença associada com o vírus da HIV. Sigla em inglês para Síndrome da imunodeficiência adquirida.

direta com as bases ideológicas que a nova extrema direita, no Brasil e no mundo inteiro, construiu em torno de um pânico moral em relação ao gênero e ao ensino de sexualidades inclusivas em escolas. Bolsonaro, que construiu parte importante de sua imagem em ações contra a “ideologia de gênero”, termo usado para desacreditar ações políticas e educacionais em torno da sexualidade de crianças e adolescentes, começa sua presidência sendo citado nesses termos, e aponta para o controle à educação e à comunicação pública, que serão pautadas diversas vezes durante esta análise, tendo ambos os tipos de censura surgido como casos importantes para esta pesquisa.

As falas de Bolsonaro também foram centrais no carnaval de 2019, em uma situação que também fixamos aqui como sendo relacionada ao moralismo. No dia 06 de março, o então presidente publicou no antigo *Twitter*, agora *X*, imagens de um bloco de rua. O foco de Bolsonaro foi centralizar atos obscenos como um problema crônico brasileiro durante esta data. “Não me sinto confortável em mostrar, mas temos que expor a verdade para a população ter conhecimento e sempre tomar suas prioridades. É isto que tem virado muitos blocos de rua no carnaval brasileiro (JORNAL NACIONAL, 2019a)”, afirmou o presidente ao lado de vídeos de atos sexuais ocorridos em um bloco. O tema voltou a ser publicado pelo G1 no dia 21 de março, quando postagens e vídeos sobre o carnaval sumiram da rede social do presidente. O tema também foi pauta da Folha de São Paulo, que enquadrou o caso de forma quase irônica, ao trazer ao centro do debate o ato apresentado nos vídeos, o *Golden Shower*¹⁰, que virou tema de piadas e críticas ao presidente após um *tweet* de Bolsonaro, em que ele pergunta “O que é *Golden Shower*?”, imagem que aparece na publicação em forma de *print screen*¹¹ da publicação. O jornalista Dhiego Maia, da Folha, utilizou, em publicação do dia 06 de março, a tática da objetividade ao trazer falas de especialistas para responder à pergunta do presidente e para contextualizar a frase e o ato sexual em questão. O uso de citações de especialistas também foi definido como um caso para esta pesquisa e aparecerá em outros momentos da análise, já que esse elemento é uma tática frequente de contraposição de ideias sem a utilização da opinião direta do jornalista.

¹⁰ É um ato sexual marcado pelo fetiche com a urina.

¹¹ Representa uma imagem estática de uma página de um software, de uma página da web ou de um aplicativo, feita utilizando ferramentas próprias do sistema operacional utilizado.

Destacamos neste primeiro ano de análise a maneira como o Estadão tentou construir uma imagem mais ampla da base ideológica do governo Bolsonaro, que se iniciava, pautando na análise de personagens que orbitavam o presidente naqueles primeiros meses e na desconstrução de algumas frases moralistas. Em texto para a sua coluna, no dia 26 de abril, a jornalista Adriana Moreira debate a forma como o presidente falou, alguns dias antes, sobre o turismo LGBTQIA+, e argumenta não ser inteligente a nação se colocar contra uma atividade que, para a jornalista, tem importante valor econômico para a sociedade. O texto lança mão, novamente, de uma citação de Bolsonaro, em que ele afirma que o Brasil não pode ficar conhecido como “paraíso gay do mundo (MOREIRA, 2019)”, além de convidar estrangeiros a virem ao País para transar, mas apenas se for com mulheres. O presidente também cita o fato de o Brasil ter famílias como um motivo para essa restrição, o que reforça o papel da família heteronormativa e a luta contra uma suposta ideologia de gênero como pilares importantes da política e da comunicação moralista que guiou o mandato que analisamos. A crítica de Adriana Moreira não entra em questões morais ou discute os direitos da comunidade LGBTQIA+ em seu texto: ela é apenas econômica, já que o público gay é um consumidor ativo e forte do turismo especializado. A construção apresentada no texto é importante para entendermos o enquadramento por trás desse tipo de caso, e aponta algumas técnicas utilizadas por textos com linhas críticas para promover ideias de oposição ao presidente. Além disso, sua publicação nos primeiros meses do mandato, em tom pouco ideológico, aponta uma relação ainda cordial entre a imprensa e o então presidente, algo que muda nos anos seguintes.

Os textos centrados no moralismo tiveram cruzamentos constantes com casos de censura, que foram muito abordados durante o ano de 2019, já que a comunicação governamental de Bolsonaro era definida nestes primeiros meses. No dia 25 de abril, o G1 informou a demissão do diretor de Marketing no Banco do Brasil (BB) após a circulação, e subsequente bloqueio, de uma peça publicitária¹² centrada ao público negro e LGBTQIA+. A publicação informa que a propaganda foi retirada do ar, citando o então presidente da instituição, Rubem Novaes, por não trazer outros perfis de jovens brasileiros, e citou que a demissão do diretor responsável pela peça foi consenso dentro da instituição. Dois dias depois, no 27 de abril, o G1 coloca em

¹² A campanha consistia em chamadas na televisão e no *Youtube* com esse vídeo de 30 segundos. Algumas das demandas contratadas foram cumpridas, mas o Governo Federal suspendeu a exibição antes da contemplação total do contrato (G1 RS, 2019).

posição central a fala de Novaes, com a manchete: *Esquerda tentou empoderar minorias e caracterizar cidadão 'normal' como exceção, diz presidente do BB*, assinada pela jornalista Renata Agostini. Não existe, nesse caso, um debate mais profundo sobre a discussão em torno da noção de “cidadão normal”, como trazida por Rubem, o que deixa a ideia solta. Há apenas a citação completa dele, que é contraposta apenas pela posição oficial da mesma empresa.

'Durante décadas, a esquerda brasileira deflagrou uma guerra cultural tentando confrontar pobres e ricos, negros e brancos, mulheres e homens, homo e heterossexuais etc, etc. O 'empoderamento' de minorias era o instrumento acionado em diversas manifestações culturais: novelas, filmes, exposições de arte etc., onde se procurava caracterizar o cidadão 'normal' como a exceção e a exceção como regra', disse (Agostini, 2019).

A citação de Novaes é carregada de elementos em disputa em torno do moralismo de Bolsonaro e da própria luta da comunidade LGBTQIA+. A existência de um tipo “normal” de cidadão é por si só uma noção contestada no cerne do conceito de gênero, como debatida por Butler (2003), e aprofunda-se nos debates feministas das últimas seis décadas. Scott (1995) discutiu o quanto a normalidade em torno das relações entre homens e mulheres está associada com os papéis esperados dentro dos relacionamentos, do ambiente de trabalho e na vida como um todo. O conceito de normal também pode ser lido a partir de Foucault (1979), que determina o poder masculino sobre as mulheres como resultado de dispositivos sociais que impõe os parâmetros dos relacionamentos e normaliza a força como um elemento de controle. A ideia de normalidade também pode ser associada à busca hegemônica pela masculinidade, como apresentada anteriormente. O governo Bolsonaro buscava construir, normalizar e solidificar a visão de um homem dominante, conversador e moralista em torno do presidente. Ações moralistas como a censura de campanhas que apresentam pessoas “diferentes” servem para reforçar esse processo e reforçam o poder de dominação desses homens. Por sua vez, a publicação no portal G1 não aprofunda esse debate, não traz contrapontos e deixa essa citação ser o centro do debate, tudo em nome da *objetividade*. Se uma figura de poder diz algo, então a publicação está dentro dos parâmetros do bom jornalismo.

No mesmo dia, o G1 apresenta a posição de Bolsonaro em matéria assinada pelo jornalista Guilherme Mazui. *'Não queremos que dinheiro público seja usado dessa maneira', diz Bolsonaro sobre propaganda do BB retirada do ar*, é mais um caso

em que uma citação direta de Bolsonaro ou de um aliado é apresentada na manchete, seja para causar choque, seja para manter uma suposta objetividade. Mais uma vez, também, acreditamos não haver uma crítica profunda neste texto, e não existe um debate sobre o que o presidente quis dizer ao falar “dessa maneira” ao se referir a peça. Quem explica esse contexto é o próprio presidente, em outra citação:

‘O que acontece com o Banco do Brasil: o pessoal sabe que eu tive uma agenda conservadora, defendendo a maioria da população brasileira, seus comportamentos, sua tradição judaico-cristã. E nós não queremos impedir nada, mas quem quiser fazer diferente do que a maioria quer, que não faça com verba pública, só isso’, disse (MAZUI, 2019).

A matéria continua após essa citação apenas trazendo alguns pontos levantados por opositores, como Rodrigo Maia, que chamou o presidente e sua família de extremistas de direita. O tema é finalizado com uma citação de Bolsonaro, que afirma que a fala de Maia é um “fake”. A cobertura do G1 sobre esse tema é extensa, e ainda existem mais duas publicações, uma no final de abril que fala sobre o pedido de um procurador para que o Tribunal de Contas da União (TCU) investigue se houve prejuízo com a retirada da campanha. A outra, do dia 09 de maio, trata sobre a decisão do Ministério Público Federal (MPF) do Rio Grande do Sul, que definiu que o comercial voltasse ao ar. A ação cita dano moral coletivo do governo federal à comunidade LGBTQIA+. Além disso, a ação apontou que o governo federal deveria gastar R\$ 51 milhões para campanhas de conscientização no que tange o enfrentamento ao racismo e a LGBTQfobia. A ação foi movida por meio do grupo Nuances, que foi considerado um importante elemento na luta contra o preconceito e uma entidade capaz de avaliar a validade da crítica ao governo. A publicação também apresenta as citações apontadas anteriormente aqui do presidente, mas foca na posição do MPF do Rio Grande do Sul e dos responsáveis pela ação, o que cria um enquadramento claro contra a decisão de retirar a campanha do ar, associando essa decisão com LGBTQfobia.

Na Folha de São Paulo, destacamos o texto opinativo de Thiago Amparo, um advogado e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A Folha usa, em casos de colunistas especializados, como é o caso de Amparo, uma lista de atributos ao autor logo no topo da página. Acreditamos que essa descrição tem duas funções: a) emprestar a qualificação profissional e acadêmica do autor da coluna para a opinião; e b) deixar claro que a opinião não está sendo emitida por um jornalista da empresa,

e, portanto, não associando a redação com o que está sendo debatido. Registramos autores de colunas com descrições parecidas com a de Amparo (2019) durante todo este capítulo, e o uso desta técnica é debatido na conclusão desta tese. Em sua coluna, ele afirma que o governo demonstra medo da diversidade ao censurar a peça. A posição do colunista, que trata de preconceito e do valor de mercado de campanhas inclusivas, é resumida da seguinte forma:

Homogeneizar campanhas publicitárias é incitar preconceito contra grupos que têm sido historicamente colocados em condição de invisíveis ou de não belos. O mercado e os movimentos sabem disso. O presidente não (AMPARO, 2019).

O advogado cita o medo como uma motivação para a decisão do governo, medo esse centrado na percepção de que o mundo está mais perto de se orgulhar da diversidade, fugindo de noções normalizadoras como a representada por Bolsonaro. Para reforçar esse argumento, Thiago Amparo (2019) cita uma pesquisa¹³ do Centro de Pesquisas Pew, em que 51% dos brasileiros entendem a diversidade como algo positivo, enquanto 13% são contrários ao aumento dela. Sem entrar no mérito destes números, que não entram no escopo desta tese, destacamos o fato do autor citar um elemento científico ou especializado para reforçar seu argumento, mesmo em um texto abertamente opinativo. É uma maneira de entregar objetividade a um material que foca em uma crítica explícita ao governo federal. Sobre o teor da crítica, destacamos o foco na noção de que a posição de Bolsonaro como defensor de uma masculinidade tradicional e conservadora é, de fato, ameaçada por ações que buscam o aumento da diversidade, e a censura feita a ações nesse sentido reforça a impressão de que presidente estava, abertamente, usando a comunicação pública para reafirmar sua performance de masculinidade dominante. Esse texto opinativo, portanto, é importante para a leitura geral desta pesquisa.

A homofobia e a transfobia voltaram a ser pauta no G1 em 18 de junho de 2019, com matéria intitulada *Mais da metade dos paulistanos é a favor da criminalização da homofobia e da transfobia*. A matéria foca na pesquisa e na decisão do STF, que no dia 13 do mesmo mês decidiu pela permissão da criminalização da homofobia, dando um passo importante para a introdução destes atos de violência dentro da lei que

¹³.O estudo completo está disponível no seguinte link:

<https://www.pewresearch.org/global/2019/04/22/a-changing-world-global-views-on-diversity-gender-equality-family-life-and-the-importance-of-religion/>

criminaliza o racismo. A matéria, entretanto, também traz a opinião de Bolsonaro, pautando a posição contrária do governo federal e utilizando da objetividade para enquadrar a informação:

Já o presidente Jair Bolsonaro (PSL) disse que a decisão do STF foi 'completamente equivocada'. 'Além de estar legislando, está aprofundando a luta de classes cada vez mais. No meu entender, não poderia ter esse tipo de penalidade. A penalidade se você ofender uma pessoa, dar uma facada, dar um tiro só por que é gay, tem que ser agravada a pena dessa pessoa e ponto final', afirmou Bolsonaro na semana passada (SANTIAGO, 2019).

A fala do presidente usada na publicação sobre a criminalização aponta para a posição de Bolsonaro em torno da comunidade LGBTQIA+ e sua tendência de estar contra o grupo em praticamente todos os debates. Essa posição, porém, só é contraposta pela própria pesquisa que dá título à matéria e pela fala de alguns entrevistados, que reforçam que a homofobia é um problema sério na cidade de São Paulo. Portanto, destacamos dois aspectos importantes na comunicação feita por essa publicação: a) mais uma fala de Bolsonaro é usada para manter a objetividade e apresentar os dois lados de uma história e b) a fala é novamente pouco contextualizada pela publicação. Por que a opinião do presidente é relevante neste caso? O que ele quer dizer sobre a punição contra a homofobia poder aprofundar a luta de classes? Esses elementos ficam soltos e possíveis dúvidas do leitor nunca são abordadas. O que interessa para a objetividade é trazer uma posição que faça contraposição com a ideia central da matéria.

O último assunto de destaque em torno do moralismo, temática central do ano de 2019, é a censura a produções LGBTQIA+, que aconteceu quando Bolsonaro afirmou que seu governo não iria financiar filmes com esses tópicos, em agosto. O G1, em texto do jornalista Cesar Soto, abordou a temática ouvindo a opinião de diretores que foram afetados pela censura, em um enquadramento que claramente critica a postura do governo federal, por meio da ANCINE, e dá espaço para os atingidos pela censura preconceituosa. O texto segue o padrão de focar em contrapostos a falas do presidente, mantendo a objetividade, mas a última palavra é sempre dos diretores dos filmes. Além disso, esse caso mostra um exemplo em que esse modelo pode deixar claro um enquadramento negativo ao presidente. Sua fala é central e importante para o debate público, mas abrir o espaço para os diretores de todos os filmes citados e criticados por Bolsonaro foca o debate nas motivações por

trás desses projetos que foram aprovados para receber fundos de apoio ao cinema nacional, mas foram prejudicados pela censura. A Folha de São Paulo apresenta esse caso em duas partes. A primeira, no dia 16 de agosto, foca na fala do presidente, em que ele afirma que esses projetos podem ser realizados, desde que seja com o investimento da iniciativa privada, e não com dinheiro público. O contraponto desta matéria é feito com o diretor de um dos projetos e com uma fala da Associação dos Produtores Independentes do Audiovisual, que é um repúdio a postura do presidente, definida como uma forma de censura. O tema é retomado com uma informação importante sobre a fala do presidente: no dia 21 do mesmo mês, o Governo Federal suspendeu oficialmente o edital que contemplava os filmes criticados por Bolsonaro, confirmando de forma inegável um efeito para as falas do presidente. Em matéria assinada por Clara Balbi, o tema é tratado como um processo de causa e efeito entre as críticas de Bolsonaro e a suspensão do edital. A decisão é apresentada da seguinte forma:

O caso acontece depois de uma série de declarações em que Bolsonaro promete intervir no teor das produções financiadas por meio da Agência Nacional do Audiovisual, a Ancine, seja criando um filtro ou tirando o FSA do controle da agência, entre outros. Na live, ele chegou a afirmar que se o órgão ‘não tivesse, em sua cabeça toda, mandatos’, ele já teria ‘degolado tudo’ (BALBI, 2019).

O contraposto a fala de Bolsonaro e a decisão do governo é feita por meio de uma fala curta do diretor do filme *Transversais*, que diz pretender entrar com ação para descobrir o motivo para a suspensão do edital. A matéria conclui apresentando o motivo dado pelo governo para a decisão, que foi justificada pela necessidade de refazer o Comitê Gestor do Fundo Setorial, responsável por distribuir os valores associados ao edital em questão. Dentro dos parâmetros delimitados para essa pesquisa, o Estadão tem apenas uma publicação sobre esse tema, intitulada *Osmar Terra suspende edital com séries LGBT, após críticas de Bolsonaro*, publicada também no dia 21 de agosto. A matéria do Estadão foca no papel de Osmar Terra, ministro da Cidadania em 2019 e um dos aliados mais famosos de Bolsonaro, na decisão de suspender o edital. O texto de Luci Ribeiro é breve, e codificamos apenas a explicação sobre o cancelamento do edital, que é enquadrado na figura de Osmar Terra e na impressão de que a decisão foi tomada para agradar o mandatário da nação à época. O G1, apesar de trazer matérias sobre as falas de Bolsonaro, não aborda a decisão de pausar o edital. Acreditamos que isso seja resultado do escopo determinado para

essa pesquisa, que focou em publicações que citam Bolsonaro nominalmente, para entender o enquadramento em torno de sua figura e performance. É possível que o portal G1 tenha abordado o tema de forma direta, sem citar ou culpabilizar o presidente, o que fez com que a publicação não entrasse em nosso escopo.

5.2.2. Período de pacificidade e objetividade na relação com os jornalistas

Em 2019, há a criação da base para os confrontos entre o presidente e a imprensa, que marcaram os quatro anos analisados. Destacamos a divisão entre os meios das 15 publicações organizadas na temática Jornalismo deste ano: seis foram publicadas no G1 e nove estavam nas páginas digitais da Folha. Nos três anos seguintes, a frequência de matérias sobre esse tema aumenta, e o Estadão entra na cobertura dos ataques de Bolsonaro a membros da imprensa, mas em 2019 o tema ainda é tratado de forma sutil, com poucos textos opinativos e um foco maior na busca pela objetividade.

As seis publicações do G1 sobre o tema foram assinadas como sendo da Redação do Jornal Nacional, tipificação criada para textos do portal que são acompanhados de trechos do jornal televisivo mais importante da Rede Globo, o que reforça o compromisso com a objetividade e a busca por uma cobertura tradicional aos temas. O único posicionamento mais claro ocorreu no dia 19 de julho, quando a apresentadora do telejornal, a jornalista Renata Vasconcellos, leu ao vivo uma nota de repúdio da Rede Globo a um ataque de Bolsonaro à jornalista Miriam Leitão, nota essa que foi publicada na íntegra no portal G1. Nesta nota, com teor editorial, Bolsonaro é fortemente criticado por questionar a jornalista e a sua credibilidade, além de a definir como sendo de “esquerda”. A nota enquadra o caso da seguinte forma:

Miriam e o marido, Sérgio Abranches, participariam de uma feira literária em Jaraguá do Sul, Santa Catarina. Em redes sociais, foi organizado um movimento de ataques e insultos à jornalista, cuja postura de absoluta independência foi tratada como um posicionamento político de esquerda e de oposição ao governo Bolsonaro (JORNAL NACIONAL, 2019b).

O uso da independência como uma característica positiva da jornalista e o ponto de ataque usado pelo presidente, é um elemento importante desta nota. Foram poucos os casos em que o G1 se manifestou de forma editorial e o meio naturalmente

abre menos espaço para textos opinativos do que os outros analisados por essa pesquisa. Por isso, é relevante um posicionamento tão claro da empresa. Além disso, a fala do presidente é contextualizada em torno de sua aversão à esquerda e sua tendência de diminuir a credibilidade dos jornalistas com essa noção. O ato de discordar do presidente ou de fazer anotações mais duras sobre ele fez com que um membro da imprensa fosse definido como sendo *de esquerda* por Bolsonaro e seus aliados. O fato de os jornalistas serem sempre oposição ao poder é o tema central de um texto opinativo da Folha, do dia 03 de janeiro de 2019, logo no começo do governo Bolsonaro. A jornalista Mariliz Pereira Jorge traz um texto intitulado *Imprensa é oposição*, em que posiciona os jornalistas sempre do lado oposto dos “poderosos” e governantes, argumentando que os meios de comunicação foram taxados de direitistas durante os governos de Lula e Dilma. Jorge (2019) assinala que

O mesmo tipo de doença que contagiou petistas e simpatizantes dos últimos governos faz vítimas entre os eleitores de Bolsonaro. A imprensa não está contra esse ou aquele presidente. ‘Imprensa é oposição. O resto é armazém de secos e molhados’, já dizia Millôr Fernandes. Ao menos é assim que deveria ser. E, ao fazer oposição, vamos apanhar sempre (JORGE, 2019).

O debate em torno do jornalismo, de suas obrigações e dos desafios em torno da presidência de Bolsonaro estiveram em voga nas análises. Em publicação do dia 28 de julho, categorizado na temática de Agressividade, Antonio Prata aborda a relação de Bolsonaro com a controvérsia como um elemento para a sua performance agressiva. Intitulada *Polemizando a controvérsia*, essa peça opinativa aponta as maneiras como Bolsonaro utilizou a imprensa para criar polêmicas em torno do seu nome e questionou a maneira como os meios de comunicação abordam esses assuntos, principalmente no que tange o enquadramento dado às polêmicas. Esse texto e outros similares nos levaram a criar o código Sobre o Jornalismo, em que frases que discutem diretamente o papel da imprensa na relação com o então presidente são discutidas. Destacamos uma fala de Prata (2019) sobre o uso de controvérsias por Bolsonaro. O jornalista argumenta em torno do conceito de objetividade dos jornalistas e questiona a validade deste método para lidar com um presidente que, segundo o autor, utiliza da mentira como um método comunicacional:

Quando usamos o termo ‘controvérsia’, legitimamos os supostos dois lados da moeda. Batizar uma mentira de “polêmica” é dar 50% de credibilidade para

o fato, 50% para a fraude. Os termos não são apenas vagos, eles deturpam a realidade que o jornalismo precisa reportar (PRATA, 2019).

A publicação segue questionando o tratamento dado a mentiras durante uma presidência como a de Bolsonaro. Como utilizar da objetividade quando cresce o espaço de opiniões homofóbicas, misóginas e contra a ciência tradicional? O jornalismo encontrava-se, em 2019, em uma encruzilhada, buscando um método para enquadrar as demandas trazidas pela figura de Bolsonaro e pelo método de comunicação de seu governo, marcado pela agressividade e pelo contraditório, expresso por meio da busca de controvérsias constantes. O código Sobre o Jornalismo gerou poucos resultados em 2019, com apenas três publicações, todas da Folha, trazendo parágrafos que se encaixam neste debate, mas isso muda nos anos seguintes, com o aumento considerável da discussão em torno da melhor maneira de lidar com a comunicação de Bolsonaro. Destacamos, por fim, o último exemplo de 2019, publicado no dia 03 de novembro, em matéria assinada com o título *Tradicional tensão entre governos e Folha se eleva sob Bolsonaro*. O texto apresenta, com orgulho, a jornada da Folha de sempre manter-se a oposição dos governos federais, mas aponta que a situação, durante 2019, agravou-se. A explicação para esse agravamento é, justamente, os constantes ataques de Bolsonaro a membros da imprensa, com foco nos representantes da Folha. Essa tensão seguirá ativa e crescente nos anos seguintes.

Para concluir o debate em torno da relação dos jornalistas com Bolsonaro em 2019, destacamos um caso de ataque homofóbico a um repórter do jornal O Globo. O G1 publicou sobre o tema no dia 20 de dezembro, em matéria intitulada *Bolsonaro diz que repórter tem 'cara de homossexual terrível'; entidades de jornalistas reagem*, utilizando, novamente, o método de contrapor uma fala de Bolsonaro com a posição de entidades especializadas na defesa de uma categoria profissional ou de um grupo minoritário. A conversa entre o repórter e o presidente é apresentada na íntegra, com os ataques sendo enquadrados de maneira neutra, dentro de uma conversa maior. O destaque foi para a seguinte fala do presidente: “‘Você tem uma cara de homossexual terrível. Nem por isso eu te acuso de ser homossexual. Se bem que não é crime ser homossexual’, respondeu (JORNAL NACIONAL, 2019c)”. O contraponto aos ataques de Bolsonaro foi realizado no final da matéria, por meio de protestos de entidades que defendem os direitos dos jornalistas, como a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), que é citada em diversas publicações sobre ataques a

jornalistas. A entidade aponta que atacar jornalistas para evitar perguntas difíceis é uma tática que vai contra o respeito ao trabalho da imprensa. A Folha também abordou esse tema em texto do jornalista Ricardo Della Coletta, que destaca a mesma fala, em que Bolsonaro afirma que o jornalista tem “cara de homossexual terrível (DELLA COLETTA, 2019)”. Nesse caso, a neutralidade não é buscada diretamente, e não há um contraponto às falas de Bolsonaro por meio de uma entidade. Ao invés disso, o jornalista traz uma fala antiga de Bolsonaro para contextualizar o histórico homofóbico do então presidente:

Hoje Bolsonaro nega que seja homofóbico e contra os gays. Em 2011, ainda como deputado, disse o seguinte: ‘Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí’ (DELLA COLETTA, 2019).

O resto do texto é mais direto, e trata das falas de Bolsonaro e das acusações em torno de um de seus filhos, Flávio Bolsonaro, tema que motivou a irritação do presidente e precedeu os ataques. O ano de 2019 apresentou alguns elementos, ainda em estágio embrionário, que serão importantes nas análises dessa relação nos três anos seguintes. Destacamos o esforço da Folha de São Paulo, logo no começo do governo, de marcar seu lugar como oposição de qualquer governo federal, e o distanciamento do Estadão desta temática, algo que não irá se manter.

5.3. Uma pandemia tratada com virilidade (2020-2021)

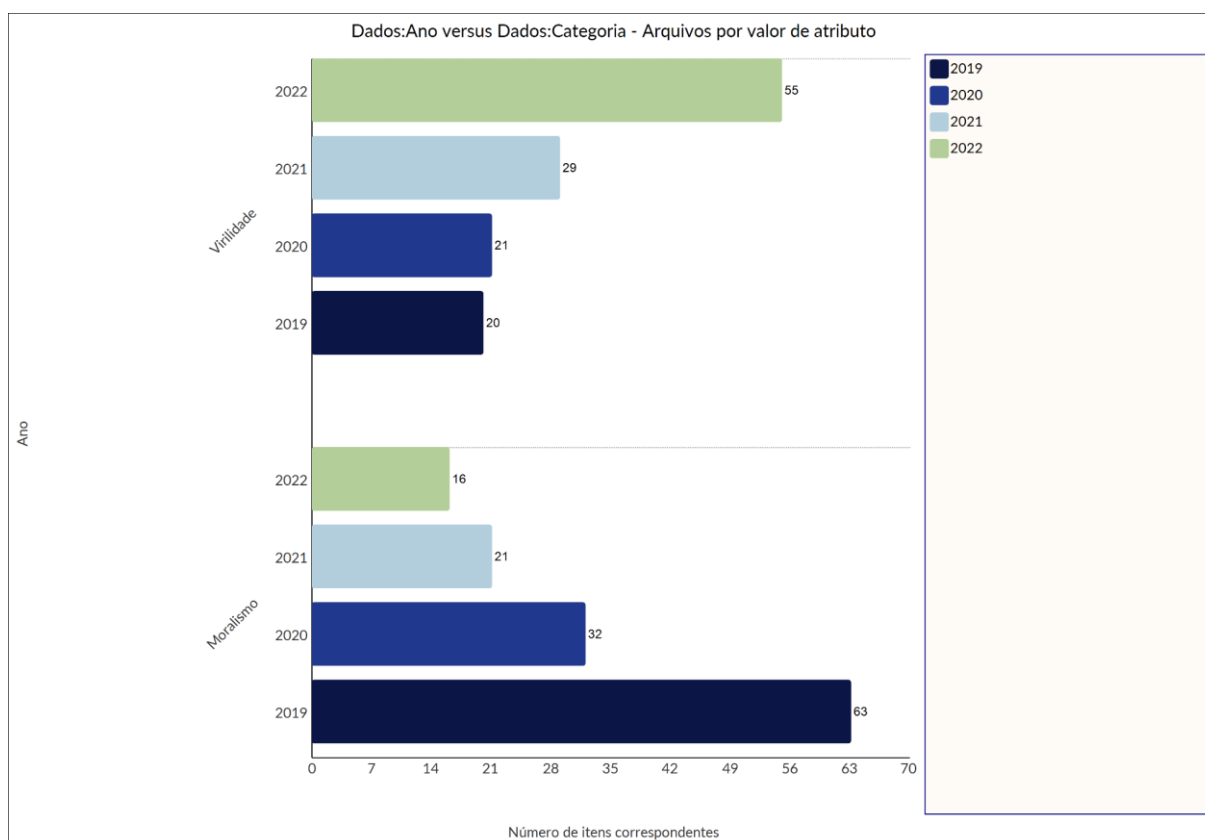
Decidimos unir, como um ponto central da presidência de Bolsonaro, os anos de 2020 e 2021 que ficaram marcados pela crise de saúde trazida pela COVID-19 no Brasil e no mundo inteiro. Além disso, os dois anos centrais carregam características similares e representam uma fase de solidificação dos confrontos de Bolsonaro com a imprensa, além do começo de críticas mais severas, que estão ligadas com a crise sanitária e a tendência de Bolsonaro de usar da sua masculinidade como um método para lidar com o problema de saúde pública.

5.3.1. As masculinidades em disputa durante a pandemia

Em 2020, a categoria Moralismo ainda foi a mais frequentemente observada, mas teve metade dos casos do ano anterior, o que demonstra uma redução

considerável, tendência que se manteve nos próximos anos. Porém, destacamos o começo do crescimento de publicações marcadas diretamente como virilidade, que representam momentos em que a performance masculinizada de Bolsonaro se tornou mais presente, com o aumento da sua agressividade e da valorização de ideias buscadas em torno de uma masculinidade dominante.

Figura 4: Ano x Categorias (moralismo e virilidade)



A figura 4 demonstra de forma direta as tendências opostas entre essas duas categorias. O moralismo começou sendo o tema mais frequente, enquanto Bolsonaro buscava reforçar a ideologia central de seu governo, e foi perdendo força quando a próxima eleição se aproximou. Por outro lado, suas bravatas masculinistas e posicionamentos agressivos aumentaram, e a pandemia de COVID-19 teve um papel importante neste processo. No dia 29 de março de 2020, o Estadão centrou uma publicação em frase de Bolsonaro, que afirmou ser necessário “enfrentar o vírus como homem, e não como moleque (FERRAZ, 2020)”. Na matéria escrita por Adriana Ferraz, o destaque central é a fala do presidente, sem nenhum contraponto ou crítica à visão do líder político, que pregava cuidado com a economia, que não podia parar

apesar da crise sanitária, segundo ele. Falta a posição de profissionais de saúde, que defendiam o isolamento social, além uma análise em torno do uso, por Bolsonaro, da virilidade como um elemento definidor da capacidade de sobrevivência aos efeitos da contaminação com o vírus. Também em 2020, Bolsonaro voltou a associar o tratamento da COVID-19 com demonstrações de virilidade. O G1 enquadró esse momento com matéria no dia 10 de novembro, intitulada *Bolsonaro volta a minimizar pandemia: Brasil 'tem que deixar de ser um país de maricas'*. A frase marcou a relação de Bolsonaro com as masculinidades e integrou um processo contínuo de minimização dos efeitos e dos perigos da pandemia. No mesmo evento, Bolsonaro também prometeu usar pólvora contra Joe Biden, que na época era candidato do partido Democrata à presidência do Estados Unidos da América, para proteger a Amazônia, tema que também foi pautado pela matéria, que coloca o uso do termo maricas ao lado de uma ameaça, construindo um quadro que codificamos tanto na agressividade como na virilidade. O texto termina citando Rodrigo Maia, então presidente da Câmara dos Deputados, que assumiu clara oposição a Bolsonaro durante a pandemia. É uma contraposição importante às falas do presidente da república e que organiza os tópicos apresentados no evento em questão.

Em uma rede social, o presidente da Câmara reagiu às declarações do presidente Jair Bolsonaro. Rodrigo Maia escreveu: 'Entre pólvora, maricas e o risco à hiperinflação, temos mais de 160 mil mortos no país, uma economia frágil e um Estado às escuras. Em nome da Câmara dos Deputados, reafirmo o nosso compromisso com a vacina, a independência dos órgãos reguladores e com a responsabilidade fiscal. E a todos os parentes e amigos de vítimas da COVID-19, a nossa solidariedade' (JORNAL NACIONAL, 2020a).

O uso de maricas e pólvora por Bolsonaro, e a crítica de Rodrigo Maia, são temas centrais de outro texto do G1, assinado pela jornalista Elisa Clavery. *'Pólvora' e 'maricas': em referência a fala de Bolsonaro, Maia lembra 160 mil mortos e economia frágil* é o título de uma análise do vai e vem entre os dois homens, que resume os pontos em debate e apresenta mais uma vez as citações anteriores de Bolsonaro, além de focar em uma nova, que demonstra a relação de Bolsonaro com a valentia, a agressividade e a crítica direta aos jornalistas: "Olha que prato cheio para a imprensa. Prato cheio para a urubuzada que está ali atrás. Temos que enfrentar de peito aberto, lutar. Que geração é essa nossa? (CLavery, 2020)," afirmou o presidente em um rompante de agressividade que pedia, em suma, pelo relaxamento da preocupação da imprensa brasileira com a crise sanitária e os constantes questionamentos sobre o

tema. A pandemia foi um combustível importante para a relação entre Bolsonaro e a imprensa, e a virilidade foi um elemento importante deste processo, que é explorado mais adiante nesta tese.

Seguindo os elementos em torno da virilidade, a Folha publicou, ainda em 2020, uma série de textos sobre a masculinidade representada por Bolsonaro. Esses materiais têm algumas das codificações mais diretas para esta tese, e demonstram que a pandemia serviu como um catalisador para críticas diretas em torno da postura de Bolsonaro, que em diversos momentos ativou seu *status* como homem para minimizar os riscos e calar críticos. O primeiro texto com esse teor foi publicado no dia 08 de março de 2020, Dia Internacional das Mulheres, data que marcou, durante os quatro anos analisados, uma presença constante de textos sobre a relação do então presidente com elas. Porém, a coluna de Janio de Freitas, intitulada *Cavalo, cavaliços e alguns corajosos*, aborda a agressividade da comunicação de Bolsonaro, destacando o fato dele ser conhecido como “cavalo” desde seus tempos de capitão do exército brasileiro, na década de 1980. Destacamos a seguinte frase, que aprofunda a comparação do então presidente com o animal: “Se é Cavalo, escolheia. É da sua natureza, identificada e batizada pelos colegas. Mas as duas afirmações mais recentes da peculiaridade natural causaram danos severos (DE FREITAS, 2020).” As falas citadas são o ataque à jornalista Patrícia Campos Mello e o pedido para seus seguidores atacarem o Congresso e o Supremo em sua defesa. O ataque à jornalista será analisado de forma aprofundada no próximo subitem deste capítulo.

O tema da virilidade e seus sentidos históricos e culturais tem papel central na publicação do dia 30 de maio de 2020, intitulada *Os que se submetem à força de Bolsonaro continuarão vivos, mas não terão alma*. A peça opinativa de Mario Sergio Conti traça um paralelo entre a comunicação agressiva de Bolsonaro, e sua postura de controle sobre os seus aliados, e o papel da virilidade e da força física na Grécia Antiga. O conceito de virilidade e sua imposição tem conexões profundas com essa sociedade, e Maurice Sartre (2013) argumenta que a noção moderna de viril nasce no termo *andreia*, do grego antigo, que significa um valor dado aos homens por proezas físicas e esportivas, que eram diretamente associadas com uma virtude importante, transposta dos campos de batalha. Em sua publicação, Conti (2020) define o presidente como alguém que usa elementos dominantes do masculino, como a performance viril, para controlar seus aliados e impor suas demandas. Porém,

apontando para assuntos que serão centrais em outros momentos da presidência de Bolsonaro, aborda a relação de Jair com a sua própria potência sexual, nesse caso usada para implicar fragilidade:

Bolsonaro também associa sexo e agressão. Contudo, como a virulência verbal não se traduz em atos, demonstra insegurança em empunhar a lança fálica e —pfff— nada acontecer: sua impotência seria desnudada. Ele fraqueja porque não sabe com quais forças de fato contará para perpetrar o crime (CONTI, 2020).

Esse trecho apresenta debates importantes para esta análise. Bolsonaro faz uso de elementos centrais para uma masculinidade dominante baseada na virilidade clássica e na agressividade como método de comunicação e manifestação de seu poder. Notamos em diversos momentos, como o citado acima, a tentativa de diminuir Bolsonaro pelo mesmo caminho, dando a entender que ele é “menos homem” do que ele afirma ser, questionando sua virilidade e sua capacidade de performar sexualmente, tema que será muito frequente na campanha eleitoral de 2022. Acreditamos que, mesmo que o objetivo seja criticar e enfraquecer a figura de Bolsonaro, esse método de questionar justamente sua virilidade reforça as condições de existência e replicação de uma masculinidade hegemônica, e normaliza sua existência nos debates públicos brasileiros.

No dia 12 de novembro, o uso do termo “maricas” por Bolsonaro volta a ser pauta, em coluna de Sergio Rodrigues, intitulada *O maricas e o ferrabrás*. O texto argumenta que “o Brasil de 2020 ainda não deixou de ser um país em que uma palavra tão imbecil pode sair da boca de um ferrabrás (RODRIGUES, 2020).” Ferrabrás é usado no texto para descrever Bolsonaro como um “valentão, o machão briguento (RODRIGUES, 2020)”, e conota crítica clara a performance masculina de Bolsonaro, representada neste texto como ultrapassada, conversadora e agressiva. O texto ainda vai mais além, e debate o profundo teor homofóbico por trás da palavra “maricas”, e discute como Bolsonaro retoma uma forma de comunicação em torno da misoginia e da homofobia antiquada, marcada por “piadas” violentas e termos pejorativos. Destacamos, portanto, o entendimento das características desta masculinidade performada e busca pela manutenção de *status quo* desejado: Bolsonaro representa, de forma muito clara, a defesa da hegemonia de um tipo de masculinidade e de seus valores, e sua performance evidencia um esforço constante para esta manutenção. O jornalista Reinaldo Azevedo publicou, na Folha, também em novembro de 2020,

coluna intitulada *A democracia e as mulheres estão sob o ataque de rifles e machos* em que reflete sobre a ascensão da extrema direita no Brasil e nos Estados Unidos da América, apontando a posição central das mulheres nos ataques e agressões de Bolsonaro e Donald Trump, presidente da nação estrangeira, que estava inserido em uma campanha eleitoral, na qual foi derrotado. É outro exemplo de uma crítica à representação masculinizada de Bolsonaro e o que ela significa no contexto das relações de gênero, nesse caso colocando a violência contra mulheres em posição central. Analisamos também a coluna de Reinaldo Azevedo do dia 12 de novembro. Nesse caso, o jornalista avalia a postura combativa de Bolsonaro, que passou todo o ano de 2020 tornando-se mais agressivo, principalmente com jornalistas. Azevedo (2020) abre sua coluna resumindo o momento de Bolsonaro no final de 2020:

Jair Bolsonaro vai dar trabalho. O cerco dos fatos ao senador Flávio Bolsonaro afeta o seu equilíbrio instável, e ele abre a tampa do bueiro. Chama os brasileiros de 'maricas', ameaça os EUA com retaliação militar, mente sobre efeitos colaterais da vacina, anuncia a cura da COVID-19, mergulha numa espiral de demência. Chega mesmo a ter um rasgo de sinceridade ao afirmar: 'A minha vida aqui é uma desgraça, é problema o tempo todo, não tenho paz para absolutamente nada'. E lá vem um novo ataque aos de sempre, aos urubus: 'Não posso mais tomar um caldo de cana na rua, comer um pastel. Quando eu saio, vem essa imprensa perturbar' (AZEVEDO, 2020).

O texto é o presságio de um presidente ainda mais focado em demonstrar sua virilidade por meio de ataques a jornalistas e pronto para transformar os meios de comunicação tradicionais em seus inimigos, mesmo (ou até por causa de) durante uma crise sanitária que seguiu para o ano de 2021. O último texto que selecionamos em 2020 segue pela mesma linha. Escrita pelo médico e figura midiática, Drauzio Varella, a coluna opinativa publicada pela Folha no dia 22 de novembro aborda o mito do sexo forte, e aponta justamente para o processo de defesa e adoração das noções hegemônicas por trás desta masculinidade. Varella (2020) apresenta, sob a ótica da psicologia, uma tentativa de entender e explicar a negação de Bolsonaro às práticas de saúde recomendadas e o isolamento para defender a população da COVID-19, tema que esteve latente no aumento da tensão entre o presidente e a Folha de São Paulo.

Essa competição de 'cachorro contra cachorro', que admite apenas duas posições (ou você está de acordo ou é meu inimigo), sintetiza a essência do que a sociedade considera masculinidade. Líderes que cultivam a imagem de machões partem do princípio de que conseguem resolver tudo sozinhos e

que ouvir as recomendações dos especialistas pode ser interpretado como falta de autoridade e pôr em dúvida sua macheza. Afinal, homem que é homem não fraqueja, anda pelas ruas de peito aberto sem medo da morte — principalmente quando é a dos outros. Reações tão desvinculadas da realidade impedem que o conhecimento científico seja traduzido em políticas públicas necessárias para proteger a população (VARELLA, 2020).

Destacamos o exemplo acima porque ele representa a forma como a Folha passou a responder a postura de Bolsonaro e a constante agressividade com membros da imprensa. É importante notar que esses textos são colunas ou peças opinativas, como editoriais, sendo esses os únicos espaços em que a Folha de São Paulo pode manifestar qualquer tipo de defesa de seus jornalistas ou da “democracia”, como dito algumas vezes, no final de 2020.

5.3.2. O presidente Bolsonaro transforma jornalistas em inimigos

Uma característica importante do ano de 2020 é o fato de Jornalismo ser a segunda temática mais frequente deste período, atrás apenas do Moralismo que, como mencionamos anteriormente, foi muito proeminente e perdeu relevância progressivamente. São 29 publicações marcadas na temática do jornalismo, o que significa dizer que este é o ano com mais casos ligados ao Jornalismo. É difícil não considerar a pandemia do COVID-19 como o principal fator, mas a questão não se resume apenas a essa motivação. Para exemplificar esse processo, é importante abordar o ataque contra Patrícia Campos Mello¹⁴, repórter da Folha de São Paulo. O caso foi marcante por ser um ataque carregado de teor sexual contra uma jornalista mulher, e que iniciou um processo aberto e claro de confronto entre o presidente e o meio de comunicação. Do dia 12 de fevereiro de 2020, quando o ataque aconteceu, até o final de março, o portal publicou 10 matérias envolvendo o presidente e ataques à imprensa, abordando o caso em diferentes ângulos e destrinchando a ética e a legalidade da ação de Bolsonaro. No próprio dia 12, em matéria intitulada *'Difamação e sexismo têm de ser punidos com rigor da lei', diz Maia sobre ataques a repórter da Folha*, o teor dessa relação fica claro. Ainda que usando da citação de um membro da oposição e seguindo vozes oficiais, a Folha deixa claro que o ataque de Bolsonaro foi sexista e coloca mulheres e profissionais da imprensa em posição de insegurança. O

¹⁴ A jornalista publicou, em 2020, um livro intitulado *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*, obra em que relata sua história com o ódio que a cercou após as acusações de Bolsonaro e todo o ambiente político que a cercava durante esta presidência.

mesmo tipo de pauta acontece nos dias 18 e 19 de fevereiro, quando são publicados textos trazendo a opinião de entidades ligadas ao jornalismo, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e de outras jornalistas e apresentadoras de televisão. As críticas do jornal giram em torno do teor sexista das falas e do ataque a democracia marcado por esse caso, mas o fato de ser um ataque misógino é deixado de lado no Editorial da Folha sobre o caso, publicada também no dia 18 de fevereiro, com o título *Sob ataque, aos 99*.

Ao completar 99 anos de fundação, esta Folha está mais uma vez sob ataque de um presidente da República. Jair Bolsonaro ataca as falanges governistas contra o jornal e seus profissionais, mas seu alvo final não é um veículo nem tampouco a imprensa profissional. Ele faz carga contra o edifício constitucional da democracia brasileira... ao entrar no seu centésimo ano, a Folha está convicta de que o jogo sujo encontrará a resposta das instituições democráticas. Elas, como o jornalismo, têm vocação de longo prazo. Jair Bolsonaro, não (EDITORIAL, 2020).

O tom do editorial é de clara defesa do jornalismo como um elemento importante da democracia brasileira, e em alguns momentos recai sobre a ideia de que a própria democracia depende do jornalismo para existir. Para além de um debate ideológico sobre essa posição, é relevante entender como o jornalismo, especialmente a Folha, se colocou nesse caso: em defesa da democracia diante de um presidente que lutava contra ela, principalmente durante a pandemia. Se a misoginia e o masculinismo eram pontos de partida dos ataques, em algum momento isso importava menos, já que o fundamental era proteger a democracia, função central do jornalismo, pelo menos na visão deste editorial. É importante pontuar também que, além do teor sexual, Bolsonaro afirmou que a jornalista queria “dar o furo¹⁵” como uma maneira de se esquivar de perguntas difíceis e de imputar à Folha um ato de desonestidade, por topar qualquer coisa por uma manchete bombástica contra ele, pois a insinuação de Bolsonaro e de seu aliado, Hans River, era de que Patrícia teria trocado favores sexuais por informações contra o presidente. Foi esse o ângulo usado pelo Estadão para cobrir esse de forma tímida, apenas pontuando que os ataques à imprensa estavam baixando de nível, além de citar todos os ataques de Bolsonaro a Patrícia na íntegra, ainda no dia 12 de fevereiro. Eugênio Bucci (2020), em sua coluna do dia 13 de fevereiro, afirma que “não há como ter a dimensão precisa da campanha

¹⁵ No jargão jornalístico, o “furo acontece quando um meio de comunicação consegue ser o primeiro a dar uma notícia, superando seus concorrentes.

difamatória que o poder deflagrou contra a imprensa neste país. O tema é nauseante e repulsivo, mas obrigatório (BUCCI, 2020)”. O G1, por sua vez, seguiu em sua linha técnica e objetiva, ao apresentar os ataques de Bolsonaro e, novamente, contrapor com a citação de entidades que defendem a imprensa e seus profissionais, criando um contraste relativamente neutro entre os dois lados. Esse caso, que teve grande repercussão e foi o que gerou mais resultados na temática do jornalismo, ocorreu antes da pandemia do COVID-19 estourar no Brasil e tornar-se o tema central nas redações brasileiras, o que demonstra que, para além da pandemia, 2020 começou com uma tensão crescente entre Bolsonaro e os membros da imprensa, principalmente com os funcionários da Folha de São Paulo.

O G1 também aborda ataques de Bolsonaro à imprensa antes do começo da pandemia. Em 16 de janeiro, em outra publicação tipificada como Redação do Jornal Nacional, é apresentada uma pesquisa que contabilizou os ataques a jornalistas durante o ano de 2019, e reforça o papel do então presidente como o principal responsável pelo aumento desse tipo de caso, intitulando o texto da seguinte forma: *Maioria dos ataques a profissionais de imprensa em 2019 partiu de Bolsonaro*. O levantamento pautado nesta publicação foi feito pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e apontou que os números de ataques contra jornalistas e seus veículos aumentaram 54% em 2019 com relação ao ano anterior, somando um total de 208 casos (JORNAL NACIONAL, 2020b). O relatório conclui que 60% desses ataques, que também contabilizaram tentativas de desacreditar jornalistas, foram cometidos por Jair Bolsonaro, e a publicação utiliza de uma citação do presidente da Fenaj para contextualizar esses números:

‘Quando o chefe maior de uma nação faz um trabalho sistemático para desacreditar o trabalho da imprensa, isso afeta diretamente a democracia. Por quê? Porque a democracia precisa da imprensa, do jornalismo, dos jornalistas para se efetivar. É por meio das notícias que o cidadão e a cidadã se informam sobre o que está acontecendo no país e podem se posicionar sobre os fatos, os acontecimentos’, disse a presidente da Fenaj, Maria José Braga (JORNAL NACIONAL, 2020b).

Com essa citação, o G1 utiliza da métrica que compara a defesa do jornalismo com a defesa da democracia sem emitir opinião direta e, portanto, sem fugir da objetividade, já que está apenas ouvindo um especialista responsável pela pesquisa que pauta a publicação. Porém, para manter o dever de ouvir os dois lados, a publicação abre os últimos parágrafos para o Palácio do Planalto, que não quis se

manifestar, e conclui com outra citação de Bolsonaro: “A nossa imprensa tem medo da verdade, deturpam o tempo todo e, quando não conseguem deturpar, mentem descaradamente (JORNAL NACIONAL, 2020b).” Dessa forma, não podemos dizer que a publicação traz uma postura clara sobre os ataques de Bolsonaro, mas o seu enquadramento deixa claro que a atitude de Bolsonaro vai contra o bom jornalismo e a democracia. Durante todo o ano de 2020, o G1 segue esse padrão para falar sobre ataques contra jornalistas. Foram oito publicações nessa temática, sendo cinco dentro da Redação do Jornal Nacional e nenhum texto opinativo. Destacamos a publicação do dia 03 de março, que aborda o lançamento de uma cartilha sobre a proteção de direitos dos jornalistas, lançada pelo Ministério dos Direitos Humanos. O simples fato de haver um enquadramento importante para a temática demonstra o interesse de falar sobre a proteção dos profissionais, e a escolha das citações da cartilha comprova essa linha:

A cartilha destaca ‘que jornalistas e outros comunicadores e comunicadoras mantêm a sociedade informada sobre crimes relacionados à corrupção e à atuação de milícias, por exemplo’. Diz, ainda, que ‘a violência contra profissionais do jornalismo objetivando impedir a ampla divulgação de tais crimes impede a sociedade de cobrar das autoridades públicas o enfrentamento da criminalidade organizada, bem como prejudica a transparência no uso de recursos públicos’ (JORNAL NACIONAL, 2020b).

Essa publicação demonstra outro momento em que, em seu *framing*, o G1 aponta a necessidade de proteção dos jornalistas para a garantia do bom funcionamento da democracia brasileira. Esse processo é feito de forma mais sutil, dentro dos métodos jornalísticos que fogem da opinião, mas está inegavelmente presente. Podemos, entretanto, discutir a eficiência desse método, e se ele consegue deixar claro uma linha editorial do portal que comunique com clareza para o público a posição contrária aos ataques do presidente. Enquanto o Estadão e a Folha utilizam de editoriais e textos opinativos para defender o campo, o G1 mantém uma postura focada nos métodos por trás do “bom jornalismo”.

Citamos anteriormente o efeito da COVID-19 na relação entre os jornalistas e o presidente, que se tornou mais acirrada durante o período em que Bolsonaro tentou, ativamente, negar as informações publicadas sobre o tema. Nesse processo, as ações governamentais eram criticadas pelos meios de comunicação, o que gerava ataques de Jair, que acreditava estar sendo perseguido. Já citamos o caso em que ele disse que o País tinha que deixar de ser formado por “maricas” e encarar a pandemia como

“homens”, mas esse não foi o único exemplo em 2020. No dia 24 de agosto, o G1 publicou sobre um evento realizado no Palácio do Planalto chamado *Brasil vencendo a Covid*, que contou com uma fala do presidente sobre o tema. Na matéria, também publicada pela Redação do Jornal Nacional, o enquadramento é feito em torno de um ataque de Bolsonaro aos jornalistas, marcado por elementos importantes da construção de uma masculinidade hegemônica:

‘Em 78, um soldado numa oficina de cordas caiu numa lagoa que tinha mais ou menos 2,5 metros de profundidade. É pouca coisa, mas 2,5 metros é isso aqui. Mas eu consegui, era um jovem aspirante do Exército Brasileiro, tinha 23 anos, sempre fui atleta das Forças Armadas. Aquela história de atleta, que o pessoal da imprensa vai para o deboche, mas quando pega num bundão de vocês, a chance de sobreviver é bem menor’, disse Bolsonaro (JORNAL NACIONAL, 2020c).

Bolsonaro faz referência a uma frase sua, dada na primeira manifestação oficial do Governo Federal sobre o tema da COVID-19, em que o presidente tentou minimizar os riscos da doença associada com o vírus ao afirmar que ele não sofreria nada grave por ter um histórico de atleta¹⁶, referência clara ao seu período no Exército Brasileiro, em que ele realmente era considerado um grande atleta, conhecido como “cavalo.” A contraposição entre sua posição de relaxamento quanto à doença por sua suposta capacidade atlética — Bolsonaro estava prestes a completar 65 anos quando fez essa afirmação, e estava afastado do exército por trinta anos — e o suposto medo de jornalistas “bundões”, utilizado aqui como forma sarcástica para se referir a um homem considerado frágil, representa uma clara dinâmica de disputa pela hegemonia da masculinidade. O presidente tentou, nesse caso, impor sua virilidade ao mesmo tempo em que tentou diminuir os jornalistas, medrosos por causa de uma “gripezinha”, outra forma usada por ele para se referir à doença associada ao vírus da COVID-19. Esse texto do G1 é curto, não adiciona contexto e não aprofunda os significados de um presidente chamar jornalistas e brasileiros preocupados com uma doença letal de bundões, em claro tom de deboche. O único elemento que emprega sentido crítico ao texto é o uso da construção “volta a atacar a imprensa” no título da matéria, que enquadra a repetição do ato e reafirma que a fala foi uma forma de ataque. É um framing negativo ao presidente, ainda que mantenha os elementos fundamentais da objetividade e da neutralidade.

¹⁶ A citação de seu histórico de atleta gerou diversas reações nas redes sociais. O presidente virou alvo de piadas, memes e críticas.

No começo de maio de 2020, uma agressão a jornalistas, feita por apoiadores de Bolsonaro, teve destaque na Folha. No dia 03 de maio, manifestantes pró-Bolsonaro agrediram e expulsaram jornalistas do Jornal Estado de São Paulo que cobriam o ato na rampa do Palácio do Planalto. Os textos cobrindo a agressão não entraram em nossas pesquisas, pois a ligação com Bolsonaro esteve terceirizada, e o foco dos meios seguiu por essa linha, apenas usando o termo pró-Bolsonaro para qualificar os agressores. Porém, a Folha deu espaço para a reação do presidente no dia seguinte, em matéria de Daniel Carvalho intitulada *Bolsonaro atribui agressão a jornalistas a 'algum maluco' infiltrado em frente ao Palácio do Planalto*. Nesse texto, a fala sobre o caso é colocada em posição central para qualificar o caso. O presidente se distancia de seus manifestantes e do ato de violência, mas aproveita a chance para reclamar, novamente, dos jornalistas, ao pontuar que o programa Fantástico, que vai ao ar nos domingos à noite, “se dedicou a ataques ao presidente Jair Bolsonaro (CARVALHO, 2020)” por uma agressão que, segundo ele, foi cometida por infiltrados. O presidente também afirmou condenar a agressão, apesar de negar que ela tenha acontecido:

‘Vocês viram que o Fantástico deu um espaço enorme para me criticar. Teria havido uma agressão lá. Teria havido, não sei. Nós condenamos qualquer agressão’, disse Bolsonaro. ‘Eu não vi nada, eu estava dentro do Palácio, estava na rampa, não vi. Recriminamos qualquer agressão que porventura tenha havido. Se houve agressão, alguém que está infiltrado, algum maluco, deve ser punido. Não existe agressão da nossa parte. Agora, vaia, apupo, isso é natural da democracia’, disse aos apoiadores (CARVALHO, 2020).

Destacamos o trecho acima por ilustrar claramente a postura de Bolsonaro sobre esse caso. Há uma recriminação a atos de violência que o próprio presidente nega ter acontecido, pelo menos no que diz respeito a seus seguidores. Além disso, sua crítica à cobertura do caso reforça ainda mais a relação de rivalidade entre o líder da nação e os meios de comunicação, que mesmo após sofrer uma agressão não podem manifestar-se contra o presidente, que comandou um ato a seu favor. Esse caso acelerou a tensão entre as partes mais uma vez e tornou o mês de maio de 2020 em um período muito relevante para esta pesquisa.

No dia 05 de maio, José Marques e Flávio Ferreira publicaram a seguinte matéria: *Ataque à imprensa mostra disposição autoritária e antidemocrática de Bolsonaro, dizem estudiosos*. Nesse texto, especialistas são acionados para apontar a tendência antidemocrática de Bolsonaro seguindo os parâmetros da objetividade, e

mantendo o argumento dentro das quatro linhas do jornalismo tradicional, sem a utilização da opinião. Esse texto seguiu um novo ataque de Bolsonaro, que mandou repórteres da própria Folha calarem a boca após perguntas envolvendo uma possível interferência do presidente na Polícia Federal. No mesmo dia, um texto de Ricardo Della Coletta, focou em abordar especificamente os acontecimentos, apresentando apenas falas de Bolsonaro, em que o presidente chama a imprensa de canalha e manda os jornalistas presentes calarem a boca. A resposta da Folha saiu por meio de nota, e não editorial, então não entrou diretamente nesta pesquisa, mas Della Coletta (2020) traz o ponto principal desta resposta, que consideramos muito relevante:

A Folha se manifestou em nota. 'Mais uma vez o presidente Jair Bolsonaro desrespeita a liberdade de expressão e insulta o jornalismo profissional. Seguiremos ativos e vigilantes, cobrindo os atos desta administração com isenção e independência, como fizemos em todos os governos. E, não, a Folha não vai se calar' (DELLA COLETTA, 2020)

O fato de o presidente mandar membros da imprensa se calarem teve posição central nesta resposta, e a Folha deixa claro, mais uma vez, que pretende seguir atuando contra o esforço presidencial de diminuir a imprensa e sua credibilidade, assumindo uma postura que é relevante para o seguimento desta pesquisa. Voltando para o texto de Marques e Ferreira (2020), destacamos o uso de citações de professores de jornalismo, advogados e professores de ciência política para corroborar a ideia de que Bolsonaro ataca a imprensa para caminhar um projeto autoritário, em que vozes dissidentes devem ser caladas e agredidas. A atuação de Bolsonaro foi definida pelos entrevistados como uma forma de censura, ideia corroborada por entidades focadas na defesa dos direitos dos jornalistas, que também são chamadas para a conversa por meio de notas. A Associação Nacional de Jornais (ANJ) e a Abraji reforçam a sensação de que jornalistas não se sentiam seguros no governo Bolsonaro por estarem pressionados e perdendo direitos básicos, que são fundamentais para a manutenção de uma democracia.

Um elemento central a este debate é a utilização de citações de Bolsonaro. O presidente é citado em 176 dos 506 artigos selecionados para esta pesquisa, e nesses casos suas frases ganham destaque central em boa parte deles. Portanto, o jornalismo brasileiro garantiu espaço para falas com teor misógino, LGBTfóbico, agressivo e contrário a sua própria existência. Por isso, destacamos publicação do dia 27 de maio de 2020, em que o jornal apresenta apontamentos da filósofa Carolin

Emcke sobre a forma de lidar com pessoas de discurso alinhado com Bolsonaro. A publicação de João Perassolo (2020) traz logo no título a cerne do texto: *Imprensa é ingênua ao dar espaço excessivo a propagadores de ódio, aponta filósofa*. A ingenuidade apontada pela filósofa e enquadrada pela Folha nesta matéria vive justamente na tendência de usar vozes oficiais de maneira que, muitas vezes, beira a inocência e que não conta com o contexto necessário ou uma desconstrução que permita ao leitor entender a gravidade de uma afirmação agressiva. Perassolo (2020) descreve a posição de Emcke da seguinte forma na publicação:

Mas a filósofa acrescenta que a imprensa tem sido ingênua ao dar espaço excessivo a esses movimentos, tornando-se cúmplice na normalização e na legitimação do ódio, a exemplo de programas de TV que apresentam políticos bizarros como se fossem entretenimento... 'É crucial que os jornalistas entendam que eles devem ser imparciais em relação a diferentes partidos políticos, mas parciais em relação à verdade e aos direitos humanos', ressalta. Ela cita como exemplo a ser combatido a linguagem e a atuação do presidente Jair Bolsonaro, que ela considera vergonhosas. 'Ele nem tenta fingir respeitar os direitos humanos ou os direitos iguais de todos os brasileiros. Ele age como se não fosse o presidente de todos os brasileiros, mas apenas de alguns' (PERASSOLO, 2020).

O trecho acima aponta para alguns elementos que pensamos ser cruciais para esta pesquisa. Há apontamentos sobre a missão e os compromissos do jornalismo, ao mesmo tempo em que se aponta a agressividade perene nas falas de Bolsonaro, dois elementos que foram codificados nessa pesquisa e tiveram um resultado amplo e relevante. A união entre essas noções merece destaque aqui, e entendemos que remonta a um projeto comunicacional que levou jornalistas da Folha de São Paulo a ter mais espaço para argumentar a favor da imprensa e, nesse contexto, contra o presidente durante o ano de 2020. Esse texto, e a visão de que a imprensa estava sendo atacada, podem explicar o porquê de 2020 ser o ano com mais casos na temática que envolve o jornalismo.

5.3.3. Simbolismos em debate

Entre os quatro anos da presidência de Jair Bolsonaro, destacamos 2021 como o ano menos movimentado. Entre a fase final da pandemia e a distância para o processo de reeleição, que só ocorreu em 2022, encontramos apenas 99 publicações que entraram nos nossos parâmetros. Devido a esse fato, a única temática que teve

um aumento com relação aos anos anteriores é a de Virilidade, reforçando ainda mais a percepção de que esse tipo de abordagem, focada diretamente na masculinidade hegemônica performada por Bolsonaro, tornou-se gradativamente mais frequente durante o período de análise. Todos os outros elementos perdem força, enquanto os meios, e o próprio presidente, trazem o debate sobre o que significa ser homem e como a postura masculina deve ser apresentada ao centro do debate.

O código *Esporte* apareceu em apenas 21 arquivos durante toda a análise, mas teve um papel importante a partir de 2021. A aproximação da Copa do Mundo, que ocorreu em 2022, e o apoio de Neymar, principal nome do futebol brasileiro à época, a Bolsonaro, criou uma abertura importante para o futebol ser argumentado em torno dos elementos da virilidade. O primeiro exemplo disso foi publicado no dia 01 de junho de 2021, quando Alberto Bombig fez uma análise sobre o papel ocupado pela seleção brasileira na simbologia de Bolsonaro. Durante a eleição em 2018 e toda a sua presidência, a imagem de Bolsonaro esteve associada com a camisa da seleção brasileira, vestimenta preferencial de seus apoiadores em ações públicas em sua defesa. Esse assunto estava em voga em junho de 2021 porque a CONMEBOL, federação que gere o futebol da América do Sul, pretendia realizar uma edição da Copa América. Diversos países declinaram receber o evento por causa da COVID-19, mas Bolsonaro enxergou na competição uma chance de associar seu nome ainda mais com essa paixão nacional, e dar o pontapé inicial de sua campanha para o pleito do ano seguinte, então sugeriu o Brasil como sede da competição. Bombig (2021) descreve esse momento da seguinte maneira:

Na simbologia do 'bolsonarismo', o futebol ocupa lugar de destaque, basta ver a coleção de camisas do presidente. Desde as manifestações pelo impeachment em 2015 e 2016, a 'amarelinha' da seleção passou a ser associada ao 'Brasil acima de tudo, Deus acima de todos'. Portanto, se Bolsonaro aceitar a Copa América, estará recorrendo à 'paixão nacional' como colete salva-vidas em momento de mar bastante mexido na política, a quase um ano das eleições (BOMBIG, 2021).

Ao utilizar a seleção como símbolo central do patriotismo bolsonarista, o então presidente tentava também acionar a virilidade associada ao esporte. Voltando ao significado do viril, temos a clara compreensão de que a atividade esportiva, e a competição que a circunda, estão diretamente associadas com a concepção do viril como um valor desejado ao masculino, ainda nas sociedades antigas, como é o caso da Roma antiga. Thuillier (2013) argumenta sobre o papel da atividade esportiva na

representação do viril na sociedade romana, e articula a importância do corpo atlético como imagem desejada ao viril, colocando a atividade esportiva como necessidade recreativa do guerreiro fora de combate. Os guerreiros romanos, portanto, construíam sua virilidade por meio de esportes, recriando as características da batalha, subjugando homens com virilidade e capacidade física “inferior” no contexto de uma atividade recreativa. O futebol moderno ainda é, mesmo que consideremos seu processo profissionalizante e o peso da razão capitalista em seu cerne, um espaço em que homens praticam sua virilidade e representam cores, como em um campo de batalha. Ao acionar esse imaginário utilizando a seleção brasileira, Bolsonaro tenta introjetar este tipo de virilidade, marcada pelo físico e pelo confronto, no cerne de sua masculinidade hegemônica, em um claro esforço de colocar-se como o representante ideal desta construção. A decisão de ser a casa da Copa América de 2021 é narrada, pelo Estadão, como uma ação eleitoral de Bolsonaro, que definiu a competição como um ponto de partida para as suas pretensões de reeleição no ano seguinte. No dia 14 de junho, após o começo da competição, o portal destacou o fato de Bolsonaro publicar uma imagem apontando para o logo do SBT na transmissão da partida. Essa foto foi definida pela redação do Estadão como uma ação publicitária para a rede de televisão que comprou os direitos da competição e apoiou Bolsonaro nessa e em outras decisões.

Esse caso serve para iluminar sobre o papel simbólico do esporte na figura de Bolsonaro e de seus seguidores, o que marca uma tendência de todo o ano de 2021 no Estadão e na Folha de São Paulo. Mesmo com menos publicações, percebemos um aumento considerável em matérias argumentando em torno da simbologia de Bolsonaro e do “bolsonarismo”, termo presente em 20 publicações de 2021. Para entendermos o aumento do uso desse termo no ano em questão, apresentamos os números de frequência de palavras do período total. Nos quatro anos analisados, 43 publicações usam esse termo, e praticamente metade delas estão em 2021. Destacamos dois editoriais do Estadão, centrados no simbolismo que circunda Bolsonaro. O primeiro foi ao ar no dia 22 de junho, justamente quando o Brasil bateu a infeliz marca de 500 mil mortos para a COVID-19, dado que intitula o editorial. O texto faz uma crítica profunda a postura de Bolsonaro, que em diversos momentos se posicionou de forma contrária ao cuidado com a doença e vai no cerne da construção do mito em torno de sua imagem, marcada pelo desrespeito, pela agressividade e pela negação de cuidados básicos com o outro, segundo o editorial em questão:

Há algo de profundamente perturbador quando parte da sociedade, estimulada pela desumanidade do governo de Jair Bolsonaro, considera natural a morte de meio milhão de conterrâneos na pandemia de COVID-19... em março passado, quando mais uma vez estimulou os brasileiros a ignorarem medidas de isolamento social, Bolsonaro disse que 'temos que enfrentar os problemas, respeitar obviamente os mais idosos, aqueles que têm doenças, comorbidades'. A respeito dos mortos, declarou na mesma ocasião: 'Chega de frescura, de mimimi! Vão ficar chorando até quando?' (NOTAS, 2021).

A opinião do Estadão, neste caso, vai diretamente na construção em torno da imagem de Bolsonaro que normalizou absurdos durante a pandemia e expandiu essa sensação para outras temáticas, nos interessando aqui a questão do gênero. Na citação trazida pelo Estadão, reproduzida acima, temos um caso claro de valorização de características que Bolsonaro considera inerentemente masculinas e fundamentais para a sociedade, como a força, a coragem e a capacidade física de lidar com doenças e graves crises sanitárias. Não importando os riscos, Bolsonaro individualiza a sobrevivência ao vírus e culpabiliza os mortos por sua própria fragilidade, reforçando elementos hegemônicos da masculinidade. Nesse sentido, homens frágeis, idosos e mulheres podem morrer para a COVID-19, enquanto homens, fortes e corajosos, não podem ficar chorando e precisam encarar o risco de frente. O editorial evidencia que o jornal está elaborando uma leitura em torno da virilidade, e consequentemente do seu papel na construção da masculinidade projetada por Bolsonaro, no trecho a seguir, codificado em torno de uma busca incessante pela representação de valentia:

Para os 'fortes' do país de Bolsonaro, o uso de máscara e as restrições de movimento, essenciais para conter a disseminação do coronavírus, são atentados às 'liberdades' de que se julgam titulares e que estão acima do direito à saúde e à vida dos demais brasileiros. São, ademais, sinais de covardia, incompatíveis com a imagem viril que pretendem imprimir ao país que inventaram (NOTAS, 2021a).

É um caso claro de uso da contraposição entre valentia e covardia para construir consensos hegemônicos nas masculinidades por um dos meios selecionados. Destacamos que esse texto não foi assinado por um colunista ou por uma opinião individual, mas foi publicado como opinião da Folha, na página digital que regularmente apresenta o Editorial da empresa. São críticas fortes, centradas em elementos hegemônicos das masculinidades, e que não medem palavras para colocar Bolsonaro como um homem que busca, por meios prejudiciais, promover um tipo

idealizado do masculino. Tipo esse, aliás, que é diretamente associado com a morte de 500 mil brasileiros nesse editorial.

O segundo editorial do Estadão que destacamos em 2021 foi publicado no dia 21 de dezembro, e cita nominalmente o fenômeno do Bolsonarismo em seu título: *A polícia que o bolsonarismo quer*. O texto que carrega a opinião do Estadão trabalha em torno de frases como “Bandido bom é bandido morto”, dita diversas vezes por Bolsonaro e repetida como mantra pelos seus seguidores mais fiéis. Nesse contexto, a violência policial e a abordagem violenta contra jovens periféricos não é apenas incentivada, mas celebrada, como parte importante da construção de uma sociedade mais “segura”. Sabemos que isso não é segurança, e que apenas reforça um ciclo de violência, porém consideramos importante apresentar esse debate, principalmente pensado pelo ângulo crítico a Bolsonaro trazido pela Folha. Remontamos ao capítulo três desta tese, em que destrinchamos a marginalização dos homens periféricos como uma maneira de impor uma visão hegemônica de masculinidade, em que homens pobres e pretos são definidos como “marginais”, tratados, portanto, como homens inferiores, que podem sofrer da violência policial, necessária para controlar sua marginalidade latente. Apresentamos anteriormente a visão de Lehen (2022), que encontra elementos dessa marginalização no cinema brasileiro, principalmente nos filmes *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*. Esse processo é discutido no editorial do Estadão do dia 21 de dezembro, definindo Bolsonaro como um defensor de uma polícia que repreende homens marginalizados em defesa de uma “forma superior de ser homem”. O editorial foca na relação política da polícia com Bolsonaro, e no crescimento de forças milicianas, que em grande medida foram justificadas e normalizadas pelo discurso de Bolsonaro.

É sabido que o clã Bolsonaro celebra confrontos policiais com resultado de morte, busca normatizar a impunidade à violência policial em expedientes como o ‘excludente de ilicitude’ e manteve relações promíscuas com milicianos...Essa inversão de valores, a total indistinção entre o uso legítimo e ilegítimo do monopólio da violência, se não prevalece na população, causa barulho e degrada a hierarquia das forças policiais. Quem começa justificando a violência ilegal contra criminosos em nome dos cidadãos honestos acabará fatalmente justificando o ocultamento da violência contra esses cidadãos praticada por policiais desonestos (NOTAS, 2021b).

A violência justificada por Bolsonaro em nome da subjugação de homens considerados marginais e inferiores é criticada pelo Estadão nos termos da justiça e do monopólio da violência, não entrando profundamente no processo de

marginalização de certos homens em nome da defesa de uma masculinidade projetada e desejada. Há, porém, uma sinalização ao valor dado a violência policial e militar na construção de uma masculinidade hegemônica em torno de Bolsonaro, algo que consideramos fundamental para construção desse processo narrativo. A Folha também abordou a relação de Bolsonaro com símbolos em 2021. Um exemplo que destacamos foi publicado no dia 28 de maio, com o título *Estética fascista une fantasias de Bolsonaro e Mussolini com motos*. A associação com o fascismo de Mussolini é feita por Fábio Palácio, em texto da coluna Ilustríssima, que apresenta imagens para promover debates simbólicos como este. As motocicletas de Bolsonaro foram tema frequente a partir do ano de 2021, quando o presidente começou a preparar o terreno para a campanha eleitoral do ano seguinte. Usando a pesquisa por palavra do Nvivo, constatamos que esse termo realmente só começou a aparecer em 2021, em três publicações da Folha, incluindo a de Palácio (2021), e todas elas carregam um tom profundamente crítico ao presidente. Voltando ao texto de Palácio (2021), percebemos uma associação direta entre o uso de motocicletas por homens com a valorização de uma certa visão de virilidade, ligada à força física e à potência de máquinas. Segundo Palácio (2021), Bolsonaro e seus aliados utilizam as motocicletas como uma espécie de extensão de suas virilidades, remetendo a simbolismos do fascismo do século passado:

Sabemos que imagens de força, potência e vigor são caras ao fascismo. Elas contribuem para fixar no imaginário a ideia de 'raças superiores'. Nessa visão, a tecnologia é concebida como extensão do corpo humano, capaz de torná-lo mais vigoroso. É este o significado que se oculta por trás da apologia fascista das armas e outras engenhocas, incluindo meios de transporte como o automóvel, o avião... e a motocicleta (PALÁCIO, 2021).

Para além do debate em torno das comparações entre Bolsonaro e Mussolini, que não entram diretamente no escopo desta tese, nos interessa o fato de um meio de comunicação tradicional como a Folha ter publicado essa comparação em uma de suas colunas mais tradicionais e relevantes, como a Ilustríssima. O uso de motocicletas para desfiles pelo Brasil também recebeu críticas no dia 14 de junho de 2021, em coluna de Nabil Bonduki (2021), que critica a moto como um modal de transporte para reforçar uma crítica mais ampla a Bolsonaro como líder e sua relação com o veículo, que estava sendo usado em 2021 para realizar uma espécie de campanha antecipada pelas ruas do Brasil. Notamos que o autor dessa matéria é um

professor de arquitetura, o que segue a linha de adicionar a autoridade de um especialista a um texto opinativo, padrão frequente na Folha. A crítica novamente abordou elementos da masculinidade, sinalizando o papel central que este debate ocupou na cobertura em torno de Bolsonaro. Nesse sentido, a citação a seguir resume esse processo discursivo:

A motociata não teve nenhuma mensagem de utilidade pública que justificasse tal desperdício. Demonstração machista de virilidade e poder, como mostrou artigo de Maria Homem na Folha, o evento foi um ato de campanha eleitoral, patrocinado pelo dinheiro público. Além das despesas do governo federal (que precisam ser apuradas), o custo da brincadeira foi estimado em R\$1,8 mi pela Polícia Militar, com 1.433 policiais e 600 viaturas desviados da segurança da cidade (BONDUKI, 2021).

A Folha, portanto, abordou o tema com um enquadramento centrado na virilidade e na tentativa de Bolsonaro de afirmar sua masculinidade por meio do desfile de motos, que foi um ponto central para esse momento que iniciou a campanha presidencial do ano seguinte, marcada pelo crescimento do uso de simbologias masculinistas por Bolsonaro, algo que será explorado mais adiante.

5.3.4. Homofobia em pauta na política brasileira

Apesar da queda de publicações que abordam diretamente o tema do moralismo, o uso da palavra homofobia foi frequente durante 2021, principalmente por conta de falas sobre o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), que revelou publicamente ser gay em entrevista em julho daquele ano. O tema gerou debates sobre o uso político desta informação e gerou ataques de Bolsonaro, que foram pautados pelos meios analisados. Porém, antes desse acontecimento, a homofobia também foi citada em 25 de janeiro pela Folha, em coluna de Thiago Amparo intitulada *Trump era o boy lixo de Bolsonaro*. O texto argumenta em torno da relação de Bolsonaro com Donald Trump, ironizando uma possível comparação homoafetiva nesse laço. Destacamos nesse texto uma citação clara ao debate em torno da masculinidade na formação da nova extrema-direita, simbolizada por figuras como Trump e Bolsonaro. Esse ponto na coluna de Amparo (2021) adiciona elementos importantes para o debate em torno deste tópico na cobertura jornalística sobre Bolsonaro, e é relevante para esta pesquisa:

Deve ser difícil para um presidente da república cuja ascensão política está calcada em ultranacionalismo e homofobia, como é o caso de Bolsonaro, sofrer com a desilusão de um amor não correspondido do qual ficam para a posteridade apenas cenas de subserviência por parte do presidente brasileiro, como quando filmou a si mesmo assistindo a pronunciamentos do seu colega norte-americano. Quem dera fora apenas um amor não correspondido; era, ademais, um amor tóxico (AMPARO, 2021).

A homofobia é apresentada como um ponto central da construção do discurso da nova extrema direita. Este ponto também é abordado pela Folha de São Paulo no dia 05 de abril, em matéria de Joelmir Tavares (2021). Com o título *Teor homofóbico em ataques do bolsonarismo a Doria e Leite provoca indignação e reações na Justiça*, Tavares (2021) aborda o papel da homofobia no embate travado por Bolsonaro com dois governadores que surgiam como uma nova oposição a ele, centrada na questão da pandemia e na busca por vacinas: Eduardo Leite, do Rio Grande do Sul, e João Doria, de São Paulo. Importante pontuar que essa matéria foi ao ar antes de Leite afirmar publicamente ser gay, portanto as insinuações e ataques a sua identidade como homem eram baseadas somente em sua performance masculina que, para Bolsonaro e seus apoiadores, o desqualificava no debate público. Enquanto isso, o presidente ironizou, diversas vezes, o governador de São Paulo, João Doria, o chamando de “calcinha apertada”, por causa das calças usadas pelo representante do PSDB paulista. Doria foi o principal alvo de Bolsonaro em 2021, em disputa que girou em torno dos esforços do estado de São Paulo em trazer vacinas para a COVID-19 rapidamente para o Brasil, além de críticas diretas a Bolsonaro feitas pelo governador paulistano. Leite, entretanto, logo entrou nessa disputa, e o teor homofóbico dos ataques é inquestionável, como mostra o trecho a seguir de Tavares (2021):

Bolsonaro também tem disparado insinuações ofensivas sobre Leite. Já se referiu a ele como ‘outro amiguinho’ de Doria e o questionou sobre ‘onde ele enfiou’ dinheiro repassado pelo governo federal. O gaúcho foi alvo ainda do presidente nacional do PTB, Roberto Jefferson, bolsonarista que usou o adjetivo pejorativo ‘veado’ ao criticar Leite por atitudes contra a disseminação da COVID-19. O governador entrou com um pedido de investigação sobre o ex-deputado no Ministério Público do Rio Grande do Sul (TAVARES, 2021).

Desde a expressão “outro amiguinho” até o uso de palavras abertamente homofóbicas, Bolsonaro e seus aliados atacaram Eduardo Leite em um tom que não apenas beira o homofóbico, mas que faz questão de diminuir o gaúcho por sua

posição como homem. Primeiramente, ele é subordinado a Doria, como o “outro amiguinho”, uma figura inferior, ao lado de um homem superior. Depois, é chamado de “veado”, termo pejorativo para tratar homens gays.

O texto de Tavares (2021) aprofunda esse debate, demonstrando que a homofobia representada por Bolsonaro remete a campanha presidencial de 2018, período em que o então presidente começou a chamar Doria de “calcinha apertada”, além de trazer citações de lideranças nacionais do PSDB, que defende seus dois governadores manifestando solidariedade e rejeitando qualquer tipo de ataque homofóbico. Por fim, a matéria tradicional da Folha não emite opiniões, mas conclui o texto trazendo a posição de especialistas sobre o assunto, como o antropólogo e advogado Lucas Bulgarelli, que define Bolsonaro como um “hábil manipulador da LGBTfobia (TAVARES, 2021)”.

Como dito anteriormente, o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, se assumiu homossexual no dia 02 de junho de 2021, em entrevista para a Rede Globo, em um momento que gerou muita repercussão em toda a imprensa brasileira. Porém, selecionamos apenas duas publicações, ambas da Folha, que abordaram diretamente este fato, por enquadrarem a entrevista de Leite diretamente com Bolsonaro. A primeira foi ao ar no mesmo dia em coluna de Mônica Bergamo, intitulada *Jean Wyllys ataca Eduardo Leite por se declarar gay, mas apoiar Bolsonaro 'homofóbico'*. O texto versa sobre a crítica do ex-deputado federal Jean Wyllys à declaração de Leite, considerada por ele e muitos membros da comunidade LGBTQIA+ como um ato de oportunismo, em uma fase em que Eduardo estudava a possibilidade de se candidatar para a presidência da nação. Wyllys relembrou o apoio dado por Leite a Bolsonaro na campanha de 2018, afirmando que não é possível celebrar a “saída do armário” de alguém que apoiou um candidato abertamente homofóbico. O texto não elabora mais adiante nesse debate, porém enquadra a posição de Jean Wyllys no centro do quadro, sem apresentar contraposições, construindo assim uma versão dos fatos completamente contrária a Eduardo Leite, que é enquadrado como um hipócrita por ter apoiado Bolsonaro em 2018. Essa sensação fica ainda mais presente na outra publicação que aborda esse tema. Lucas Bulgarelli (2021) assina a coluna da Ilustríssima do dia 11 de julho, como doutorando

em antropologia e diretor do Instituto Matizes¹⁷, o colocando como especialista no tópico, e aborda abertamente as complexidades em torno de Eduardo Leite e sua sexualidade, com um título carregado de significados: *Saída do armário de Eduardo Leite é tão política quanto homofobia de Bolsonaro*.

Não à toa, parte das críticas direcionadas a Leite questionaram se sua declaração seria motivada meramente por cálculo político ou eleitoral. Conforme aumentava a repercussão do episódio, no entanto, tornava-se cada vez mais evidente que essa não deveria ser uma pergunta, e sim uma premissa. Questionar em 2021 se um político eleito e provável presidenciável tem pretensões políticas ao se assumir gay em um programa de televisão a que milhões de brasileiros assistem é como questionar se Bolsonaro lucra politicamente ao ser homofóbico. A resposta às duas perguntas é sim (BULGARELLI, 2021).

Discutimos, ao analisar o papel do moralismo na cobertura de 2019, o quanto a LGBTfobia sempre esteve presente na construção do personagem de Bolsonaro e em sua busca por apoiadores. Ao analisarmos 2021, percebemos um claro amadurecimento no debate desta relação nos meios pesquisados. Os debates estavam avançando ao mesmo tempo que a retórica do presidente torna-se, novamente, mais agressiva, por causa da proximidade de um novo pleito eleitoral. O tema eleitoral também está em pauta em texto opinativo de Mathias Alencastro (2021), que traz o título *A um ano da eleição, chegou a hora de dar nome ao boi*. Alencastro apresenta-se como professor e pesquisador de relações internacionais, e no texto discute a carreira política de Bolsonaro e a mudança no seu discurso nos meses finais de 2021, em que a eleição do ano seguinte começava a ser programada. Alencastro (2021) aponta para o papel do militarismo e da defesa à ditadura militar como elementos importantes da construção de Bolsonaro até 2018 e reforça o aumento do discurso LGBTfóbico de Bolsonaro no período eleitoral que se iniciava em setembro de 2021, mês da publicação de sua coluna:

O presidente vem recorrendo a instrumentos retóricos que se assemelham aos dos antissemitas para agredir adversários com insinuações sobre as suas orientações sexuais. Ao tentar criar uma divisão fictícia da sociedade entre 'machos e homossexuais', Bolsonaro está colocando um alvo nas costas de toda a comunidade LGBT... A linha da violência política foi definitivamente cruzada. Terminologias contam, e a hesitação em designar Bolsonaro como líder da extrema direita talvez ajude a explicar a dificuldade da formação de

¹⁷ Em seu site, a instituição se define como “uma organização LGBTQIA+ de pesquisa fundada em 2020 que tem como missão institucionalizar os direitos LGBTQIA+ no Brasil por meio da produção de dados e difusão de conhecimento (MATIZES, 2025)”.

uma oposição coesa e irredutível ao seu governo. A um ano da eleição, chegou a hora de dar nome ao boi (ALENCASTRO, 2021).

Esse texto, apesar de opinativo, faz uma clara chamada aos jornalistas brasileiros pedindo mais assertividade ao tratar de Bolsonaro e de sua conexão com a estética fascista e a construção de uma nova extrema direita brasileira em torno de sua figura. Destacamos também a divisão entre “machos e homossexuais (ALENCASTRO, 2021)” bem apontada pelo colunista, que pode explicar por que a LGBTfobia, com foco especial na homofobia, esteve tão presente neste momento. Bolsonaro, pensando no processo eleitoral que se aproximava, tentou formalizar ainda mais a luta hegemônica pela masculinidade em torno de sua figura. Para isso, atacou homossexuais com mais força, aumentou os ataques de conotação sexual a jornalistas e adversários, e reforçou sua virilidade em diferentes momentos, que serão explorados com profundidade na próxima seção deste capítulo, em que trataremos do ano derradeiro da presidência de Bolsonaro.

No final de 2021, o G1 também tratou da homofobia de Bolsonaro, mas mantendo seu padrão, enquadrando apenas em torno de um caso factual e seguindo os parâmetros da objetividade, sem abrir espaço para a opinião. A matéria assinada por Márcio Falcão e Fernanda Vivas e intitulada *STJ envia ao Supremo recurso de Bolsonaro contra condenação por declarações homofóbicas* foca na parte jurídica de uma condenação de Bolsonaro sobre uma frase antiga, quando ainda frequentava programas de entretenimento na televisão, em que afirma “que não ‘corre risco’ de ter um filho gay por ter sido um pai presente (FALCÃO E VIVAS, 2021)”. O tema é tratado de forma direta, abordando apenas a ação do ministro Ricardo Villas Bôas Cueva, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que enviou um recurso para liberar Jair Bolsonaro de ter que pagar uma indenização ao Grupo Diversidade Niterói, que venceu a ação contra o então presidente.

Para concluir esta seção, destacamos quatro matérias, duas do Estadão e duas da Folha que também citam a homofobia de Bolsonaro e aconteceram nos últimos meses de 2021, apontando para tendências do ano derradeiro da presidência de Bolsonaro e do processo eleitoral que se aproximava. No Estadão, dois textos de Davi Medeiros abordam o tema da LGBTfobia e como a política brasileira, para além de Bolsonaro, estava lidando com ela nesse momento da história. Em 30 de outubro, o texto intitulado *Mobilização contra a LGBTfobia ganha espaço na arena política* aborda a mobilização de parlamentares contra falas de Mauricio Souza, que na época

era jogador de vôlei e hoje atua como deputado federal pelo PL de Minas Gerais. O ex-atleta foi o pivô de um movimento que Medeiros (2021a) definiu como resposta conservadora ao aumento da inserção de interesses da comunidade LGBTQIA+ na política brasileira:

A mobilização dos 20 parlamentares que protocolaram, nesta quinta-feira, 28, uma ação contra o jogador de vôlei Maurício Souza por LGBTfobia é a mais recente de uma série de eventos que evidenciam a inserção do tema LGBT na arena política. Resultado da chegada de mais gays, lésbicas, bissexuais e trans aos espaços de poder, o debate sobre LGBTfobia, antes marginalizado, ganhou espaço na agenda política. ‘A simples presença de pessoas LGBT em espaços de poder gera reações’, afirmou a vereadora Duda Salabert (PDT), eleita com o maior número de votos da história para o cargo em Belo Horizonte. Mulher trans, ela compõe o grupo que moveu a ação contra Maurício Souza no Ministério Público de Minas Gerais (MEDEIROS, 2021a).

Em 08 de dezembro do mesmo ano, Medeiros (2021) continuou a tratar da inserção de temáticas caras à comunidade LGBTQIA+ na política brasileira, desta vez com um enquadramento centrado em Bolsonaro, e não em um de seus aliados. Em matéria intitulada *Alvo de críticas de Bolsonaro, ‘linguagem neutra’ gera debate nas redes antes de julgamento no STF*, o jornalista aborda um processo que estava ativo no Supremo Tribunal Federal (STF) no final de 2021 e que dividia a política brasileira. Enquanto membros da comunidade LGBTQIA+ defendiam o uso da linguagem neutra, membros conservadores da política brasileira marcavam uma oposição ferrenha a esse tipo de variação na linguagem brasileira. Neste segundo grupo, o presidente Jair Bolsonaro era um membro muito proeminente. Ele fez questão de manifestar sua posição contrária à linguagem neutra, em uma declaração carregada de teor homofóbico, que é enquadrada por Davi Medeiros (2021b) da seguinte forma:

Nesta terça-feira, 7, o presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou que esta forma de se comunicar — segundo ele, ‘dos gays’ — ‘estraga a garotada’. ‘Cada um faz o que bem entender com o seu corpo. Mas por que a linguagem neutra dos gays? O que soma para a gente em uma redação? Estimula a molecada a se interessar por essa coisa para o futuro. Vai estragando a garotada’, disse (MEDEIRO, 2021b).

A citação acima merece destaque pois, apesar de utilizar as palavras de Bolsonaro sem grande contexto, ela faz uma contextualização inicial importante, ao deixar claro o teor homofóbico de Bolsonaro. Além disso, percebemos outro momento em que Bolsonaro procura promover um confronto de “nós x eles” entre homossexuais

e pessoas que, segundo ele, são “normais”. Neste caso, ele alega que a linguagem neutra pode fazer com que crianças se interessem e virem gays, o que por si só é uma forma de ataque. Além disso, presume a preservação de uma masculinidade centrada na tradição e na conservação daquilo formado anteriormente, até na própria linguagem, apontando mais ainda seu interesse em negar qualquer elemento que possa impor um risco à hegemonia de sua masculinidade desejada e projetada para o homem brasileiro.

A gestão do Ministério da Saúde foi tema constante durante os anos de 2020 e 2021 por causa da COVID-19, que provocou caos na pasta, e o jornalismo pautou as mudanças e as variações nesse ministério de forma aprofundada, mas poucos casos entraram no escopo desta pesquisa. Um desses casos versa sobre a homofobia e foi ao ar na Folha no dia 30 de novembro de 2021, com o título *O cancelamento da prevenção à AIDS*. O texto aborda o efeito do moralismo de Bolsonaro na campanha nacional de prevenção à AIDS durante toda a presidência de Bolsonaro, mas com foco principal em 2021, momento em que a escassez nas ações e a redução no investimento nesse tipo de processo chegou a um ponto alarmante. O vírus do HIV¹⁸, desde sua origem na década de 1980, foi diretamente associado com a comunidade gay nos Estados Unidos e posteriormente no mundo inteiro. A doença chegou a ser conhecida como “câncer gay”, em um termo carregado de homofobia e preconceito com este grupo. Bolsonaro, ao diminuir a prevenção e importância do tratamento desta doença no governo federal, retomava um processo de ataque à comunidade LGBTQIA+ e traçava mais uma linha entre o jeito certo de “ser homem” e o jeito errado, que merece a marginalização e até a morte. O texto da Folha é assinado por Mário Scheffer e Caio Rosenthal (2021), que são apresentados como médico e professor de medicina da USP, respectivamente, não mede palavras para apontar críticas à gestão de Bolsonaro no que tange à AIDS:

A péssima gestão da pandemia de COVID-19 e o moralismo do governo Jair Bolsonaro resultaram no cancelamento da prevenção contra a Aids no Brasil. Nesta quarta-feira (1º), Dia Mundial de Luta contra a Aids, é preciso lembrar que houve grande queda na realização de testes de HIV, o que faz acumular casos não diagnosticados, aumentar a transmissão do vírus e o número de pessoas que deixam de iniciar o tratamento... Antes da Covid, as campanhas de prevenção em Aids do atual governo federal já eram raras e insípidas. Peças e conteúdos dirigidos a gays, profissionais do sexo, adolescentes e jovens, entre outras populações mais vulneráveis ao HIV, foram banidas. No

¹⁸ Sigla em inglês do Vírus da Imunodeficiência Humana.

Ministério da Saúde, o Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis tirou a Aids do nome, congestionou a área técnica e ficou refém de fundamentalismos (SCHEFFER E ROSENTHAL, 2021).

Além de apontar críticas ao Ministério da Saúde e a Bolsonaro, o texto também apresenta uma contextualização importante sobre a relação do HIV com homens gays, e o histórico homofóbico em torno desta doença, reforçando que o tratamento equivocada dela nasce de um moralismo preconceituoso de Bolsonaro. Novamente, reforçamos que esse caso parece apontar para uma delimitação sobre como um homem deve se portar durante a presidência de Bolsonaro. No que diz respeito ao jornalismo, este é mais um texto opinativo da Folha, o que reforça a sensação de que o jornal deu espaço para vozes de especialista críticos ao presidente, mesmo com a aproximação de um novo pleito eleitoral.

O último texto que destacamos nesta seção foi publicado no dia 01 de dezembro de 2021, com um título que não deixa espaço para dúvidas: *Não há homofobia do bem*. O texto de Renan Marinho Sukevicius reflete sobre o uso do termo “Noivinha de Aristides” para se referir a Bolsonaro por uma mulher que estava gritando contra ele. O termo, com claro caráter homofóbico, recai na luta hegemônica pelas masculinidades, definindo um valor excludente para o “ser homem”, neste caso colocando Bolsonaro como inferior por ser afeminado, ou “Noivinha.” Sukevicius (2021) aponta que, apesar do histórico homofóbico de Bolsonaro, atacá-lo da mesma maneira não tende a provocar bons resultados, principalmente para membros da comunidade LGBTQIA+, que acabam escutando ofensas de ambos os lados da política brasileira. Mais do que isso, essa noção também reforça o feminino como algo inferior e valoriza um masculino opressor, violento e sexualmente ativo — sempre em relação a uma mulher. Sukevicius (2021) traz a seguinte reflexão para as páginas do portal da Folha:

No cargo, Bolsonaro deu declarações homofóbicas, como quando disse que um repórter tinha uma cara de homossexual terrível. Antes de sentar na cadeira de presidente, não foram poucas as ofensas à comunidade LGBTQIA+. Bolsonaro acha que é errado ser dissidente da heterossexualidade. Seus opositores também? Não parece haver cenário possível para ‘brincadeiras’ homofóbicas e machistas. Ser LGBT não deveria ser visto como humilhante (Sukevicius, 2021).

A presença de termos abertamente homofóbicos e misóginos na política brasileira promoveu uma normalização destes usos que, como mostram os números

desta pesquisa, foram muito frequentes durante a presidência de Bolsonaro. Tal normalização pode, em diversos momentos, naturalizar ataques homofóbicos contra ou em torno de Bolsonaro, aprofundando ainda mais a hegemonia de uma masculinidade marcada pela negação do diferente e pela conservação de uma virilidade violenta. Ao final de 2021, esses processos já estavam bastante consolidados, e foram ainda mais marcantes durante o ano final da presidência de Bolsonaro que aumentou o tom de seus discursos e defendeu mais vezes os elementos hegemônicos de sua performance masculina.

5.4. A hegemonia do masculino disputada abertamente no Brasil (2022)

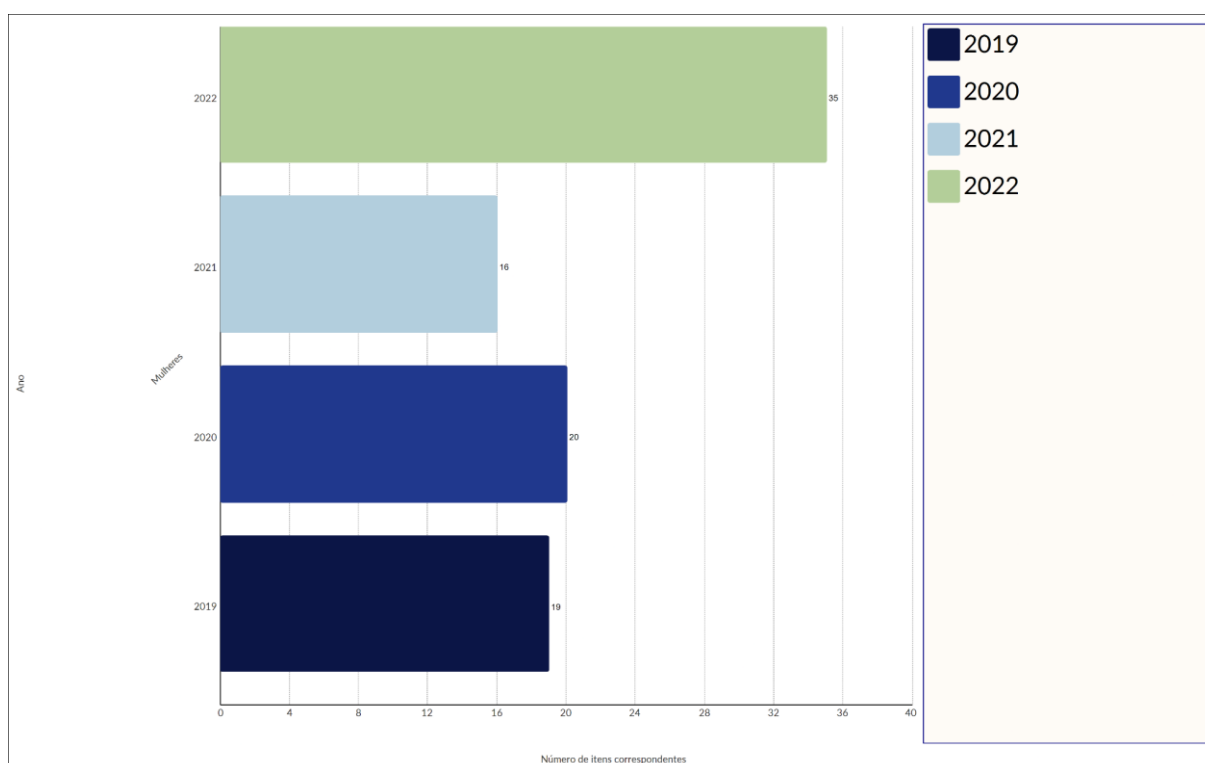
O ano de 2022 é marcado pela consolidação de tendências que marcaram a cobertura jornalística dos quatro anos analisados nesta tese, com foco especial no processo eleitoral que foi pauta central durante todo o ano. Por isso, nesta seção, refletimos sobre algumas tendências em tópicos que tiveram destaque neste ano decisivo, olhando para as características dos anos anteriores e como a conclusão da presidência e a dinâmica eleitoral modificaram os processos da imprensa brasileira.

5.4.1. Entre a misoginia e a necessidade por votos

Desde o começo de 2019, o papel das mulheres na política de Bolsonaro é marcado pela instrumentalização desta relação e pela necessidade de conquistar votos de um público que, desde a campanha de 2018, foi o mais distante de Bolsonaro. Já no primeiro ano, protestos de mulheres marcaram os meses iniciais da presidência de Bolsonaro, e os meios de comunicação trataram deste tema e da relação do presidente com o Dia Internacional das Mulheres, outra marca do período: toda comunicação de Bolsonaro com as mulheres brasileiras foi tratada como uma maneira de ganhar votos de um eleitorado que, para os meios analisados, não apoiou o presidente em sua primeira vitória e seria fundamental para as suas chances de reeleição em 2022. Essas duas tendências foram encontradas nos quatro anos da análise, mas tiveram destaque no período decisivo da presidência de Bolsonaro, e o número de publicações na temática Mulheres demonstra isso. Há um aumento considerável em 2022, quando o presidente abertamente tentava garantir mais votos

femininos enquanto percorria o País em motocicletas e atacava jornalistas mulheres. Foram 35 publicações em 2022, contra apenas 16 no ano anterior, solidificando a maneira instrumentalista como os meios de comunicação analisados enquadraram a questão feminina durante a presidência de Bolsonaro: quanto mais próximo de uma eleição, mais relevante essa pauta tornou-se.

Figura 5: Gráfico de frequência da temática Mulheres



A figura 5 aponta que 2022 é o ano com a maior frequência destes casos, porém consideramos importante contextualizar todo o período, principalmente o começo da presidência de Jair Bolsonaro. Em 2019, Bolsonaro assumiu o poder com uma grande onda crítica de mulheres, em um movimento que tomou conta do Brasil no final de 2018, marcado pela *Hashtag #EleNão*. Esse movimento registrou protestos de mulheres por todo o País, portanto o presidente que assumiu em janeiro do ano seguinte tinha uma relação tumultuada e marcada por críticas vindas do eleitorado feminino, elemento que foi enquadrado pelos meios de comunicação analisados nesta tese. Em março de 2019, os três meios de comunicação analisados nesta pesquisa deram destaque para protestos por todo o País organizados por mulheres contra Bolsonaro, e focaram nas críticas ao governo que estava começando. Essas ações

aconteceram no dia 08 de março, Dia Internacional das Mulheres, e coincidiram com eventos públicos de Bolsonaro, em que o presidente tentava comunicar uma imagem positiva para as mulheres, logo após assumir a presidência. Essa tendência seguiu durante os quatro anos analisados, por isso consideramos crucial apresentar este ponto de partida nesta seção. O G1 promoveu um contraste interessante no enquadramento de duas matérias: a primeira aborda o evento de Bolsonaro, em que ele falou sobre o fato de seu governo contar apenas com duas mulheres, e utilizou essas duas ministras como um ponto central de sua comunicação com as mulheres, afirmando que:

'Pela primeira vez na vida o número de ministros e ministras está equilibrado em nosso governo. Temos 22 ministérios, 20 homens e duas mulheres. Somente um pequeno detalhe: cada uma dessas mulheres que estão aqui equivale por dez homens. A garra dessas duas transmite energia para os demais.' afirmou o presidente (MAZUI E NETTO, 2019).

Essa fala apontou para uma tendência que percebemos durante toda a presidência de Bolsonaro e registramos como um caso para esta pesquisa: falas sobre a Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, ou uso de citações diretas dela para qualificar o presidente e suas ações. Ela tornou-se uma figura importante do governo Bolsonaro sendo, inclusive, fundamental para a construção da relação do então presidente com grupos religiosos, que compuseram uma parte importante de seu eleitorado. Nas 506 publicações separadas para esta pesquisa, 55 mencionam a ministra diretamente, sendo que 16 delas aconteceram em 2019 e 17 em 2022, sendo os dois anos em que sua presença foi mais frequente nos temas relacionados às masculinidades e a diferentes conceitos do estudo do gênero, que entraram no escopo desta tese. Voltando para a cobertura do dia 08 de março de 2019 no G1, o segundo texto analisado aqui é o de Lara Pinheiro, que trata da Marcha das Mulheres na Avenida Paulista, na cidade de São Paulo. Com o *título Protesto na Paulista pede o fim da violência contra mulheres e critica governo Bolsonaro*, a publicação aborda os acontecimentos na maior cidade do País e ouve algumas das manifestantes, enquadrando uma fala que trata diretamente de Damares Alves e da fala de Bolsonaro, que havia ocorrido horas antes:

Bolsonaro também foi criticado, acusado de racismo, homofobia e misoginia pelas mulheres. Máscaras e faixas contra o presidente eram levados por

algumas manifestantes, que diziam, em coro: 'Eu não sou representada pela ministra [da Mulher] Damares [Alves]' (PINHEIRO, 2019).

O tópico do Dia Internacional das Mulheres e a busca pelo voto feminino seguiu em pauta durante toda a presidência de Bolsonaro, mas destacamos um aumento desse processo no último ano, principalmente com aproximação das eleições de 2022. No dia 08 de março de 2022, o último da presidência de Bolsonaro, o então presidente promoveu um evento para, novamente, conversar com as mulheres brasileiras. O Estadão foi o meio, entre os analisados, que mais atrelou as ações do presidente com essa data, e, portanto, publicou três publicações que entraram no escopo desta pesquisa sobre a data em questão. Em texto de Eduardo Gayer e Eduardo Rodrigues (2022), intitulado *Bolsonaro diz que mulheres estão 'praticamente integradas à sociedade'*, o Estadão apresenta falas de Bolsonaro que foram dadas em evento com o objetivo de alinhar votos femininos para presidente no pleito que se aproximava, mas que em grande medida acabaram se virando contra Bolsonaro. O enquadramento dado ao evento é justamente centrado no objetivo eleitoral da ação, partindo deste ponto para apontamentos sobre os efeitos de sua fala, além de uma contextualização quanto à tendência machista na comunicação do então presidente:

Em busca de aproximação com o eleitorado feminino, segmento em que enfrenta baixa aprovação, o presidente Jair Bolsonaro (PL) celebrou nesta terça-feira, 8, o Dia Internacional da Mulher cometendo uma gafe. Bolsonaro afirmou que hoje em dia as mulheres estão 'praticamente integradas à sociedade'. 'Assim como a mulher foi feita do homem, assim também o homem nasce da mulher e tudo vem de Deus', disse ainda o chefe do Executivo durante a solenidade no Palácio do Planalto. As declarações se somam a uma série de falas de Bolsonaro consideradas machistas. Ele já afirmara, por exemplo, que sua filha Laura foi uma 'fraquejada' após ser pai de quatro filhos homens. No final do ano passado, foi filmado dançando uma paródia de funk que comparava mulheres de esquerda a cadelas e oferecia a feministas 'ração na tigela' (GAYER E RODRIGUES, 2022).

Destacamos no trecho acima uma nova referência ao caso que aconteceu antes de Bolsonaro tornar-se presidente, quando ele afirmou que sua filha foi resultado de uma "fraquejada". Usando a busca por palavras no material selecionado, encontramos 10 publicações em que esse termo é utilizado, sempre com a lembrança dessa fala do presidente, seguida pela constatação de machismo e misoginia. Essa lembrança, aliás, ocorreu nos quatro anos analisados em torno do Dia Internacional das Mulheres, marcando uma contraposição realizada pelos meios de comunicação que analisamos: Bolsonaro promovia um evento para buscar a simpatia por mulheres,

falava algo machista e os meios contextualizam seu histórico misógino, com foco no caso da fraquejada. O texto de Gayer e Rodrigues (2022) também retoma uma polêmica que marcou o final de 2021 e seguiu sendo um tema importante durante o último ano de presidência de Bolsonaro: a criação do Programa de Fornecimento de Absorventes Higiênicos, que foi idealizado com o objetivo de distribuir absorventes para mulheres em situação econômica frágil. O presidente, entretanto, vetou a criação desse programa, o que provocou manifestações organizadas por mulheres que foram pautadas em 2021. Em 08 de março de 2022, Bolsonaro aprovou o programa, e o enquadramento do Estadão apontou o objetivo eleitoral desta decisão, afirmando que o presidente “Agora, no entanto, regulamenta o programa como parte da estratégia do Executivo de se aproximar das mulheres em ano eleitoral (GAYER E RODRIGUES, 2022).”

No Dia da Mulher, Bolsonaro barra homens em café da manhã no Alvorada é outra matéria assinada por Eduardo Gayer que debate os objetivos de Bolsonaro com a aproximação com as mulheres em ano eleitoral. Outros momentos de misoginia de Bolsonaro são apresentados, além do já citado caso da fraquejada, montando outro quadro que demonstra Bolsonaro como um homem misógino tentando instrumentalizar as mulheres para ganhar voto em ano eleitoral:

O afago feito nesta manhã às mulheres difere de manifestações machistas de Bolsonaro, praticadas como presidente ou parlamentar. Em 2016, por exemplo, o então parlamentar declarou que mulheres deveriam ganhar menos do que os homens no trabalho porque engravidam. ‘Eu não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente’, afirmou, em entrevista... neste ano, foi a vez de expor sua esposa. Em cerimônia oficial no Planalto, em cena de total constrangimento, deu bom dia a todos, menos para a primeira-dama Michelle, que, segundo ele, já tinha recebido um ‘bom dia mais do que especial’ (GAYER, 2022).

Concluindo a tríade de publicações do Estadão selecionadas no dia 08 de março de 2022, temos matéria de Davi Medeiros (2022). Em *Evento com Bolsonaro sobre inclusão da mulher só inclui homens no anúncio* o jornalista aborda um evento do Grupo Voto sobre a inclusão feminina que contava apenas com falas de aliados homens de Bolsonaro, como Arthur Lira¹⁹, Paulo Guedes²⁰ e Tarcísio de Freitas²¹.

¹⁹ Presidente da Câmara dos Deputados entre 2021 e 2025.

²⁰ Ministro da Economia do governo Bolsonaro entre 1º de janeiro de 2019 e 1º de janeiro de 2023.

²¹ Ministro da Infraestrutura do governo Bolsonaro entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de março de 2022 e atual governador de São Paulo pelo Republicanos.

Para contrapor e criticar a criação e as características deste evento, o jornalista segue a linha da objetividade e não se posiciona diretamente sobre o tema, mas traz a fala de mulheres e membros da oposição a Bolsonaro, que contextualizam o histórico de Bolsonaro e deixam claro a problemática por trás do uso destas vozes masculinas — e apenas elas — para tratar da inclusão feminina em uma data como o 08 de março:

A deputada Tabata Amaral (PSB-SP) compartilhou a imagem de divulgação do evento e publicou a figura de um palhaço em seguida, em tom crítico. A deputada federal Sâmia Bomfim (PSOL-SP) também repudiou a lista de convidados e escreveu: 'Não é possível!'. O vereador Toninho Vespoli (PSOL), de São Paulo, classificou o ciclo de palestras como 'absurdo', 'misógino' e 'machista' (MEDEIROS, 2022).

O texto conclui ouvindo a versão do CEO do grupo responsável pelo evento, que defende a fala dos “homens mais importantes do País (MEDEIROS, 2022)” para tratar sobre a importância da participação feminina na política nacional. Com isso, o texto acaba não aprofundando em um debate mais profundo sobre o tema, e fecha com a posição oficial do grupo que idealizou o evento, em um movimento que, em grande medida, o enquadra como natural.

Seguindo no tópico da relação de Bolsonaro com as mulheres durante a sua presidência, destacamos adicionalmente a diferença na relação do então presidente com jornalistas mulheres. Durante a análise do material, separamos os casos em que mulheres eram atacadas de outros casos, em busca da compreensão quanto à frequência desses momentos e do teor dos ataques envolvendo mulheres. Nesta análise, encontramos 51 publicações que abordam ataques feitos a mulheres jornalistas, número que supera a outra tipificação de casos, chamada de Geral — que inclui ataques a jornalistas homens, aos meios de comunicação ou ao jornalismo como um todo —, que reuniu 37 casos. Esses dados apontam para um foco maior de Bolsonaro às mulheres. Dentre esses 51 resultados, 25 foram em 2022, o que aponta o último ano da presidência de Bolsonaro como um ponto relevante para esse caso, por isso vamos analisar algumas destas publicações nesta seção para contextualizar o tratamento de Bolsonaro ao tema das mulheres durante sua presidência. O caso mais marcante de ataque a uma jornalista mulher aconteceu entre agosto e setembro de 2022, quando a jornalista Vera Magalhães foi atacada em dois debates diferentes. Em agosto, uma fala de Bolsonaro ganhou grande destaque pelo teor sexual e misógino, que deixou evidente que a agressividade de sua colocação acontecer por

ela ser uma mulher exercendo a função de mediadora em um debate presidencial. Os três meios analisados pautaram esse ataque, utilizando quadros diferentes e integrando temáticas diferentes ao ponto central, que é o próprio ataque, reforçando a relevância deste acontecimento para a fase definitiva da corrida eleitoral de 2022. A Folha é o meio que mais foca nas falas de Bolsonaro no debate do dia 28 de agosto, realizado pela TV Cultura, com três publicações sobre o tema. A primeira foi ao ar no dia seguinte ao debate e traz o título *Bolsonaro ataca jornalista Vera Magalhães e Tebet e diz que são uma vergonha; veja vídeo*, que contextualiza o ataque e traz junto da jornalista uma outra presidenciável, Simone Tebet, do MDB, que também ouviu ofensas de Bolsonaro durante o debate. O texto de Paulo Passos e Livia Marra inicia falando diretamente e objetivamente sobre os fatos do ataque:

O presidente Jair Bolsonaro (PL) atacou a jornalista da TV Cultura Vera Magalhães, que o questionou sobre vacinação. 'Vera, não podia esperar outra coisa de você. Acho que você dorme pensando em mim. Você tem alguma paixão por mim. Você não pode tomar partido num debate como esse, fazer acusações mentirosas ao meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro', disse Bolsonaro exaltado... Simone Tebet (MDB) saiu em defesa da jornalista e acusou o presidente de atacar mulheres. Bolsonaro, então, passou a mirar Tebet. 'A senhora é uma vergonha para o Senado, não vem com essa historinha de que eu ataco mulheres, de se vitimizar' (PASSOS E MARRA, 2022).

A fala do presidente carrega um tom sexual inegável, e usa de elementos dos papéis dos gêneros para tentar colocar Vera "em seu lugar", impondo à jornalista a sua sexualidade como único motivo para a sua crítica ao presidente. Seguindo as definições de Gilligan (1982), vemos uma implicação, por parte de Bolsonaro, de que Vera estaria "obcecada" nele por ela ser uma mulher, em um movimento que reduz seu valor profissional e retira sua independência como mulher. Dentro da masculinidade, também verificamos nesse caso uma clara tentativa de Bolsonaro de impor sua performance de masculinidade por meio da afirmação de seu charme e de sua sexualidade, que faz com que a jornalista durma "pensando nele." Esses elementos, como aponta Connell (2005), funcionam para reafirmar o poder masculino sobre mulheres, em um processo que reafirma a hegemonia de uma masculinidade agressiva e baseada na subjugação feminina. Não é surpreendente, portanto, que Bolsonaro estenda seu ataque a Simone Tebet, uma mulher que concorreu em igualdade com ele pela presidência, e não para Ciro Gomes, candidato do PDT, que também o repreendeu pelo ataque a Vera, mas saiu ileso das bravatas de Bolsonaro.

O texto em questão também utiliza um método narrativo que percebemos com muita frequência durante esta análise, que é a retomada de assuntos e citações antigas de Bolsonaro para contextualizar o acontecimento atual. Nesse caso, os jornalistas relembram que o presidente foi condenado a indenizar a jornalista Patrícia Campos Mello, da própria Folha, que foi atacada por Bolsonaro com um tom igualmente sexualizado. Também destacamos na cobertura da Folha sobre esse caso o texto do mesmo dia, publicado na coluna Celebidades, que se dedica a fazer um compilado de opiniões de famosos sobre o ataque de Bolsonaro a Vera Magalhães, apontando que eles demonstraram solidariedade à jornalista. As opiniões centrais desta peça são de duas jornalistas mulheres, com grande história na Tv Globo, e que foram muito incisivas contra o presidente:

A apresentadora Fátima Bernardes demonstrou solidariedade à jornalista no Twitter. 'Não é a primeira vez que mulheres jornalistas são atacadas por esse governo', escreveu Fátima na rede social. 'Bolsonaro é misógino com Vera Magalhães. Ataca a jornalista em vez de responder', escreveu o jornalista Kennedy Alencar. Sandra Annenberg disse que faz suas as palavras de Fátima. 'Não podemos mais permitir misoginia seja onde for. Não vamos nos intimidar, mulheres são a maioria da população brasileira. Somos fortes! Vera Magalhães, minha solidariedade' (F5, 2022a).

O uso de um espaço utilizado normalmente para tratar de assuntos do entretenimento e da vida de famosos para fazer uma crítica ao presidente e suas falas misóginas e agressivas contra uma jornalista apontam um grande interesse interno do meio de comunicação em tratar deste tema. O uso de citações de especialistas, nesse caso de jornalistas mulheres, para trazer opiniões abertamente críticas sem negar a objetividade, foi visto em diversos momentos nesta análise, mas são poucos casos em que uma coluna de entretenimento é utilizada desta forma. A última matéria da Folha sobre o debate de agosto foi publicada no dia 29 de agosto e é assinada pelo jornalista Matheus Teixeira com o título *Bolsonaro nega ofensa após ter ofendido jornalista Vera Magalhães*. Seguindo a análise de conteúdo definida como método para a leitura qualitativa do material empírico nesta tese, destacamos esse título por ironizar a fala do presidente de forma sutil, chamando elementos contextuais do caso, que ainda estava fortemente pautado no jornalismo brasileiro, para criticar a postura de Bolsonaro quanto ao caso. Sua negação de ofensa, sem um pedido de desculpas, e a afirmação de que sua fala não passou de uma crítica natural a uma jornalista que, segundo ele, não segue os elementos do bom jornalismo, é tratada com ironia e uma

pitada de contextualização, considerando que a agressão proferida no debate é trazida no texto logo após a justificativa do presidente. Por fim, o jornalista novamente lembra um caso anterior de ataque a uma mulher jornalista para enquadrar a fala de Bolsonaro:

Na saída do debate, Bolsonaro negou que tenha sido misógino em seu ataque à jornalista. 'Ela [Vera] mentiu ao meu respeito. Fez uma acusação mentirosa. Só porque é mulher eu não posso falar que ela está mentindo? Eu tô agredindo as mulheres? Não tem cabimento isso', afirmou. O presidente acumula frases preconceituosas contra diferentes alvos. Em junho, A 8ª Câmara de Direito Privado do TJ-SP (Tribunal de Justiça de São Paulo) decidiu manter a condenação de Bolsonaro e elevar a indenização a ser paga por ele por ofender a honra da jornalista Patrícia Campos Mello, repórter da Folha (TEIXEIRA, 2022).

O trecho que fala sobre o histórico de Bolsonaro e relembra o ataque a Patrícia Campos Mello é idêntico ao texto que finaliza a primeira matéria que citamos ao tratar deste caso, o que nos aponta para o uso de um modelo padrão para apontar o histórico misógino de Bolsonaro, além de refletir um compromisso editorial da Folha em lembrar outros ataques a jornalistas, principalmente com a semelhança no teor das acusações.

Esse caso não foi a única tensão entre Bolsonaro e Vera Magalhães durante o pleito eleitoral de 2022. Em setembro, em debate realizado pela TV Cultura, a jornalista foi atacada pelo Deputado Estadual de São Paulo, do Republicanos, Douglas Garcia, que estava presente no debate como parte da equipe de apoiadores de Bolsonaro. Vera foi, mais uma vez, acusada de ser uma vergonha para o jornalismo brasileiro pelo deputado, em uma situação que criou tensão e um princípio de briga nos bastidores do evento. O Estadão publicou quatro vezes sobre este acontecimento. Destacamos, inicialmente, o texto de Samuel Lima, que foi ao ar no dia 14 de setembro, intitulado *Nas redes bolsonaristas, mulheres se dividem entre contestar agressão a Vera Magalhães e criticar deputado* que aborda o efeito que a agressão de um aliado de Bolsonaro no eleitorado feminino. O elemento central desta matéria é o apontamento de que, no caso de agosto, em que Bolsonaro atacou diretamente Vera, as apoiadoras do presidente o apoiaram verbalmente, inclusive criando uma hashtag para demonstrar o apoio ao presidente, enquanto esse mesmo grupo criticou o deputado ou calou-se sobre o tema, evitando associar o presidente com a ação de Douglas. Esse texto segue linha similar ao de Daniel Vila Nova, que traz o título *Lula, Ciro Gomes e Simone Tebet saem em defesa de Vera Magalhães após ataque em*

debate, e reflete sobre a posição de outros presidentiáveis ao ataque de Douglas Garcia, sinalizando que eles tiveram uma posição mais firme neste caso do que nos acontecimentos de agosto. Destacamos aqui que o texto traz a resposta nas redes sociais dos presidentiáveis citados no título, com enquadramento claro e evidente na culpabilização de Bolsonaro por agitar seu eleitorado e provocar a normalização desse tipo de violência.

Logo de manhã, o ex-presidente Lula ressaltou o caráter machista dos ataques, afirmando que ‘debates deveriam ser notícia pelas propostas, não por ataques contra mulheres jornalistas’... Simone Tebet responsabilizou o presidente Bolsonaro pelos ataques contra Vera Magalhães. ‘O comportamento covarde do Presidente é uma licença para esse tipo de absurdo, agora de um parlamentar’, ela afirmou no Twitter... Ciro Gomes classificou o ataque como ‘uma múltipla ação terrorista’ e responsabilizou Bolsonaro pelo ataque. O pedetista também cobrou um posicionamento do Legislativo paulista contra as ações do deputado estadual Douglas Garcia (VILA NOVA, 2022).

Importante também notar que Lula e Tebet são enquadrados em torno do ataque a uma mulher jornalista, enquanto Ciro aparece nesta matéria sinalizando que Bolsonaro promove uma ação terrorista ao tentar, consistentemente, menosprezar o papel e o trabalho da imprensa na democracia brasileira. Esses quadros criados para contar uma história em torno das reações dos presidentiáveis constroem um *framing* que culpabiliza Bolsonaro pelas ações do deputado e levanta uma preocupação quanto à segurança dos meios de comunicação e seus trabalhadores durante um período de tensão crescente, que os próprios políticos citados defendem ser culpa de Bolsonaro.

Para concluir essa seção, destacamos o Editorial do Estadão do dia 15 de setembro de 2022, que tira a culpabilização de Bolsonaro e a sensação de hostilidade à imprensa do subtexto e coloca em posição central, como opinião clara da redação do Estadão. Com o título *O apito de cachorro*, o editorial não deixa margem para dúvida e logo no seu subtítulo associa o ataque de Douglas a uma escalada na agressividade e na tensão incentivada por Bolsonaro. Mais adiante, o texto explora como o discurso de Bolsonaro promove ataques contra membros da imprensa e coloca jornalistas em uma posição de perigo, além de fazer uma associação entre Bolsonaro e táticas fascistas:

O episódio não serve somente para confirmar o padrão bolsonarista de desrespeito a mulheres, a jornalistas profissionais e à imprensa

independente. Foi uma oportunidade para ver, na prática, como o discurso virulento de Bolsonaro se presta a atirar suas camisas pardas a transformar palavras em ação. É a versão bolsonarista do ‘dog whistle’, expressão da política norte-americana que pode ser traduzida literalmente como ‘apito de cachorro’ e que serve para definir frases do líder que são entendidas por seus seguidores como uma espécie de comando (NOTAS, 2022a).

Além de defender que Bolsonaro tem culpa pelo ataque de um aliado por realizar incitação à violência contra membros da imprensa, o Estadão aproveita este espaço para destrinchar o método de Bolsonaro no tratamento de jornalistas, em um padrão que foi verificado em diversos momentos nesta pesquisa. Em 82 publicações colocadas na categoria Jornalistas, encontramos muitos momentos em que Bolsonaro agride o jornalista por não gostar de uma pergunta, incitando seus apoiadores a ignorar a questão, e focando apenas em uma suposta falta de profissionalismo da jornalista do outro lado da conversa. O editorial do Estadão resume este padrão da seguinte forma:

Recorde-se que a jornalista Vera Magalhães se tornou foco dos fanáticos bolsonaristas porque fez uma pergunta que incomodou Bolsonaro durante um debate. Foi o que bastou para sua vida virar um inferno. Agressões contra jornalistas no exercício da profissão, quase sempre mulheres, tornaram-se norma desde que Bolsonaro chegou ao Palácio do Planalto... eis o padrão de comportamento do presidente em relação à imprensa que não lhe presta vassalagem: um misto de agressividade e diversionismo. Diante de perguntas incômodas, Bolsonaro agride e desqualifica quem as formula, sem responder ao que foi perguntado (NOTAS, 2022a).

Percebemos, com a cobertura deste caso, que o Estadão demonstrava em sua linha editorial a compreensão do crescimento dos ataques a mulheres jornalistas. Assim como a Folha, o Estadão contextualizava novos ataques de Bolsonaro a uma jornalista mulher com acontecimentos anteriores, apontando para uma presidência agressiva contra mulheres e membros da imprensa. O G1, por sua vez, manteve-se dentro dos limites da objetividade e não tratou sobre esse tópico de forma marcante, trazendo alguns textos informativos sem elementos de maior destaque, o que por si só demonstra um padrão importante nesta redação. Na seção seguinte apresentamos como esse desenvolvimento se deu no debate em torno da virilidade de Bolsonaro, tópico mais frequente durante o ano de 2022.

5.4.2. O presidente “imbrochável” em combate aberto

A virilidade esteve em pauta durante todo o ano de 2022. Como apontamos anteriormente, essa temática teve uma tendência de crescimento constante até o último ano da análise, em que selecionamos 55 matérias que tratam da virilidade em torno da figura de Bolsonaro. Logo em fevereiro, a Folha e o G1 replicaram matéria da BBC, assinada pela jornalista Mariana Sanches, que trata de representações de masculinidade hegemônica em torno da figura de Vladimir Putin, presidente da Rússia, e traça comparações entre ele e Bolsonaro. A matéria é intitulada *Como Putin converteu Rússia em 'potência masculina mundial' e inspirou líderes como Trump e Bolsonaro* e aborda elementos hegemônicos em torno do líder russo. O texto é pautado por uma viagem de Bolsonaro para encontrar Putin e foi ao ar dia 15 de fevereiro. De nota, o texto reforça a ideia de que Putin construiu um modelo de virilidade e uma masculinidade hegemônica que passou a ser seguida por líderes da nova extrema-direita, apontando para Bolsonaro como um desses seguidores. Essa linha de raciocínio está presente na coluna de Mathias Alencastro, da Folha do dia 06 de fevereiro, intitulada *Objetivo da viagem de Bolsonaro para encontrar Putin é exaltar masculinidade tóxica*. Pelo seu teor opinativo, o texto de Alencastro (2022) aprofunda no debate sobre o valor da construção de uma masculinidade hegemônica para Bolsonaro, apresentando uma opinião muito clara sobre os objetivos do presidente com sua visita a Moscou no trecho abaixo:

Sobram a Bolsonaro, apequenado e isolado, o vício e a vigarice. Desde as eleições de 2018, ele vem usando as relações internacionais para virilizar a sua imagem. Sob esse ponto de vista, a agenda russa cumpre plenamente a sua função. Nos últimos 20 anos, Putin praticamente reinventou o uso da masculinidade como um instrumento de poder, pilotando tanques e desafiando ursos para resgatar a autoestima dos homens russos traumatizados pelo colapso da União Soviética. Ao se aproximar do rei da masculinidade tóxica, Bolsonaro reafirma a sua associação a Donald Trump, Mohammed bin Salman, Matteo Salvini e outras figuras admiradas pelo eleitor de extrema direita (ALENCASTRO, 2022).

A masculinidade hegemônica, segundo essa coluna, é um motivador fundamental da construção imagética de Bolsonaro, e precisou ser acionada no começo do ano eleitoral com uma ida à Rússia, para se encontrar com Vladimir Putin e reforçar a comparação entre os líderes. Se Putin ativa signos da virilidade para reforçar sua hegemonia como homem, Bolsonaro foi à Rússia para tentar “pegar emprestado” esses elementos para o processo eleitoral de 2022. Nesse sentido, o texto deixa claro o papel da adoração ao viril para a composição da masculinidade

representada por Bolsonaro, principalmente por terminar com uma palavra que será analisada mais profundamente nesta seção: “viagem a Moscou vai deixar claro, outra vez, a insignificância do imbrochável” (ALENCASTRO, 2022).

As motociatas²² de Bolsonaro e os elementos de virilidade que marcaram esses eventos voltaram a ser pauta em abril de 2022, quando a coluna de João Wainer do dia 18 foi ao ar com o título *Entre Viagras, próteses penianas e motocicletas*. O texto contextualiza, novamente, o uso de motos com a virilidade, e reproduz novamente a relação de Benito Mussolini com esse mesmo tipo de automóvel. Além disso, como o título bem aponta, conecta as ações de Bolsonaro com a apuração de jornalistas que descobriram que as Forças Armadas brasileiras compraram cerca de 35 mil comprimidos de Viagra e 60 bombas penianas, em um caso marcante da conexão entre a virilidade com a manutenção de uma masculinidade hegemônica. Para tratar sobre o valor da moto e a disputa destes homens pela manutenção de uma masculinidade hegemônica, Wainer (2022) opina que:

Não é à toa que a potência de um motor se mede em ‘cavalos’. A virilidade dos equinos, a força de seus corpos encapsulados em uma máquina barulhenta que poucos podem comprar, uma explosão de vigor e masculinidade que Bolsonaro tenta se apropriar sem perceber o tamanho do recibo que ele e seus amigos de quatro patas ou duas rodas estão passando. Homens se identificam com motores e onde há identificação há projeção da personalidade... São homens frustrados com a ascensão profissional das mulheres, que não aceitam uma sexualidade diferente da própria, um Deus que não seja o dele e que não gostaram nem um pouco de perder privilégios que consideravam seus por direito divino, mas que não são mais aceitáveis nos dias de hoje. Acrescente a isso o cabelo que não para de cair, o pau que não fica mais duro, a circunferência abdominal que só aumenta e pronto, temos uma bomba relógio prestes a explodir (WAINER, 2022).

Essa é mais uma citação à potência sexual masculina, o que aponta para um aumento considerável da relevância deste tópico no Brasil de 2022, que se preparava para ir às urnas escolher um presidente no final do ano. A Folha abriu espaço para colunas que criticam a postura masculina de Bolsonaro, permitindo que colunistas enquadrem o tema de maneira aberta e sem medo de colocar opiniões claras sobre as demonstrações — ou tentativas — de virilidade de Bolsonaro.

²² As motociatas são atos político compostos apenas por motos. Bolsonaro desfilou em diversas cidades brasileiras acompanhado de aliado e apoiadores durante todo o seu governo.

Em agosto, Bolsonaro foi chamado de “tchutchuca²³ do centrão²⁴” por um manifestante na porta do Palácio da Alvorada, em Brasília, no dia 18. Esse acontecimento foi marcante, e acabou gerando resultados em nossa pesquisa para os três meios de comunicação, que fizeram questão de cobrir esse caso. Temos exemplos do uso do método clássico do jornalismo, como por exemplo a publicação do G1 do mesmo dia, que aborda os acontecimentos de forma bem direta e não entra de forma muito profunda nos significados do termo “tchutchuca”. O texto intitulado *Após confusão com Bolsonaro, youtuber publica vídeo editado em que chama o presidente de 'tchutchuca do Centrão'* remonta os fatos do evento, que começa com a entrada do influencer de direita, Wilker Leão, em uma aglomeração de apoiadores de Bolsonaro. Wilker tem o celular na mão e pergunta sobre assuntos como a mudança no regimento sobre delações premiadas. Após não receber resposta do presidente, “Leão então chamou Bolsonaro de ‘covarde’, ‘vagabundo’, ‘safado’ e ‘tchutchuca do Centrão’” (G1, 2022). Essas ofensas fizeram com que os seguranças do presidente partissem para cima de Leão, tentando parar com a gravação. Tudo, entretanto, foi gravado por outras câmeras presentes no local. O texto do G1 também aponta que, em seu vídeo pessoal, postado mais tarde em seu canal do Youtube, Wilker Leão também chama Bolsonaro de mito, de forma irônica. Seguindo o padrão encontrado no restante desta análise, o G1 publicou mais duas vezes sobre o assunto, mas sem nunca utilizar textos opinativos ou peças autorais de jornalistas, focado em apresentar outras versões da mesma história. No dia 19 de agosto, a jornalista Andréia Sadi publicou um texto intitulado *Centrão ironiza fala de youtuber a Bolsonaro: 'Quem não vai ser tchutchuca do Centrão?'* que aborda a reação de membros do Centrão. Sadi não foca no termo centrão, e sim na subjugação de Bolsonaro, e de tantos outros membros da política brasileira, ao Centrão e seu grande poder no Congresso Brasileiro. Outro texto, do mesmo dia, intitulado *Imprensa internacional notícia incidente entre Bolsonaro e youtuber; veja repercussão*, também não promove um debate profundo sobre o significado de tchutchuca ou o contexto da fala de Wilker Leão, pontuando apenas que a imprensa internacional também não soube lidar com esse termo.

²³ Referência a termo utilizado inicialmente na música *Tchuchuca*, do grupo Bonde do Tigrão, lançada no ano 2000.

²⁴ O Centrão é configurado por um grupo no Congresso Federal de deputados que votam como um bloco e tem grande poder na política brasileira.

O Estadão, por sua vez, resolveu ouvir o outro lado deste caso, ao publicar uma entrevista com o *youtuber* Wilker Leão. Em matéria assinada por Daniel Weterman e Lauriberto Pompeu, sob o título *‘Chamei Bolsonaro de tchutchuca do Centrão porque ele só sabe conversar assim’, diz youtuber*, vemos o Estadão abrindo espaço para alguém que confrontou Bolsonaro usando um termo homofóbico e misógino, sem aprofundar o debate em torno desse uso. O foco da matéria, portanto, é entender uma outra versão dos acontecimentos e dar uma chance do *youtuber* ser ouvido, em uma versão abertamente contrária a Bolsonaro:

‘O que o pessoal pode ver ali é um recorte de eu chamando o Bolsonaro de tchutchuca do Centrão porque, no final das contas, ele é mesmo. Mas tudo se iniciou com eu tentando debater com ele política’, disse Wilker Leão ao Estadão. ‘Ele não quer debater, ele foge, aí você precisa se utilizar dos artifícios que ele utiliza. Ele não gosta de falar ‘gripezinha’, não é ‘coveiro’, não sei o que? Então meio que foi nesse jogo de chamar a atenção de um cara que só sabe conversar assim. Mas, no final das contas, eu tento debater política’ (WETERMAN E POMPEU, 2022).

Destacamos o trecho acima porque ele contextualiza, mais uma vez, a tendência de Bolsonaro de ser agressivo, mesmo que de forma discursiva, ou de ignorar quem faz perguntas que ele prefere não responder. No caso em questão, o Estadão permite que Wilker Leão fale sobre isso, justificando seu ataque por estar tratando com alguém que “só sabe conversar assim (WETERMAN E POMPEU, 2022)”. O único meio de comunicação que tentou contextualizar o uso do termo “tchutchuca” para seus leitores e aprofundou o debate sobre o termo, foi a Folha de São Paulo. Inicialmente, o jornal dedicou, novamente, a coluna Celebidades para tratar de Bolsonaro e sua performance de masculinidade, com a coluna *‘Tchutchuca’: funkeiro explica origem do termo que fez Bolsonaro perder a compostura*. O texto contextualiza o uso do termo, e apresenta uma defesa do funkeiro Leandrinho, do grupo Bonde do Tigrão, que diz que a música não carrega nenhum teor misógino ou homofóbico:

Em entrevista ao F5, o vocalista do Bonde, Leandro Moraes, conta o que, afinal, é uma Tchutchuca, e quem o inspirou a escrever a letra. Ao contrário do que muita gente pensa, não é o caso de tirar as crianças da sala. Leandrinho, como o funkeiro é chamado, nega qualquer resquício de machismo ou vulgaridade... o funkeiro não nega que a palavra é, sim, uma gíria voltada ‘para a mulherada’, segundo suas próprias palavras. Ele, no entanto, refuta a ideia de uma mulher submissa. ‘Por mais que nossas letras tenham um duplo sentido, Tchutchuca tem um significado legal de amor, afeto, carinho e respeito’, assegura o funkeiro. Ok, ok. Mas faltou combinar com

Bolsonaro e com Paulo Guedes, o primeiro integrante do alto escalão a subir nas tamancas ao ser chamado assim (F5, 2022b).

Apesar do tom leve e de estar presente em uma coluna do entretenimento, este texto contextualiza também a posição de Bolsonaro e Paulo Guedes, que já utilizaram o termo “tchutchuca” anteriormente para agredir membros da oposição. Destacamos a repetição do uso de colunas mais leves para tratar de acontecimentos em torno do presidente, e a entrada de debates envolvendo temas de gênero e a performance de masculinidade de Bolsonaro na rotina brasileira, apontando mais um sinal de normalização.

Para finalizar a análise em torno deste acontecimento, focamos no texto publicado pela Folha no dia 27 de agosto, na coluna de Ricardo Araújo Pereira. O jornalista traz o título *Apelido 'tchutchuca do centrão' foi como facada na dignidade de Bolsonaro* e um texto que reflete sobre uma possível sensação de humilhação sentida por Bolsonaro e seus seguidores após esse fato, reforçada pela tentativa do presidente e de seus seguranças de retirar o celular de Wilker Leão para apagar a filmagens. O título também faz uma clara referência ao ataque sofrido por Bolsonaro em 2018, quando ainda era candidato, e levou uma facada na barriga²⁵. O jornalista tenta fazer uma contraposição entre um ataque físico e uma espécie de ataque ao orgulho do presidente, ao ser chamado de *tchutchuca* do centrão. Consideramos necessário refletir sobre a origem desta possível vergonha. O termo foi claramente pensado para ser usado para se referir a uma mulher, e a associação de Bolsonaro com ela serve para o colocar em uma posição de fragilidade e subserviência, apontando para elementos importantes para a construção de uma masculinidade hegemônica, como a comparação com o feminino, que deve ser necessariamente tratado como algo a ser evitado, como bem aponta Connell (2005). A vergonha para Bolsonaro, neste caso, está associada justamente a uma comparação com uma mulher em uma posição sexual, subjugada por outro homem — neste caso um grupo de homens, que compõem o Centrão e supostamente controlam Bolsonaro.

Dentre os temas que viraram pauta durante o último ano da presidência de Bolsonaro, nenhum destacou-se como o discurso do presidente no dia 07 de setembro, importante data para a política e para a representação patriótica nacional

²⁵ Quando era candidato a presidência, Jair Bolsonaro sofreu um ataque com uma faca no dia 06 de setembro de 2018 durante um ato de campanha, na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Fonte: G1, 2018.

por marcar o Dia da Independência do Brasil. Todo ano, o presidente da República desfila por Brasília e comunica-se com a população, em discurso transmitido por diferentes meios de comunicação. Em 2022, o enquadramento deste acontecimento foi todo cercado pelo coro de “imbrochável” puxado por Bolsonaro²⁶ para referir-se a sua capacidade sexual, em um momento repleto de significados para o debate em torno da construção e da manutenção de uma masculinidade hegemônica. O termo foi encontrado em 38 publicações de 2022, e está presente em textos que variam em categoria, tipo e meio. Os três meios de comunicação deram ampla cobertura ao caso e apresentaram críticas ao presidente, seja por meio de textos opinativos, seja ao ouvir um especialista que se coloca contra o presidente. Nesse sentido, depois de quatro anos de tensão, este caso parece ser uma espécie de catarse na relação, em que todas as tensões em torno da manutenção hegemônica de uma masculinidade agressiva, conservadora e patriarcal tornaram-se evidentes quando o presidente usou uma data nacional para vangloriar-se sobre a sua capacidade sexual.

Selecionamos seis publicações do Estadão que abordam o 07 de setembro de 2022 e suas ramificações, com o foco no uso do termo imbrochável. O primeiro caso é a matéria de Felipe Frazão, que serve como um resumo das falas do presidente na data e aponta o enquadramento dado pelo jornal. O título *Bolsonaro liga Lula ao ‘mal’ e reforça chavão machista em busca de conexão com base; leia análise* aponta o teor misógino do uso do termo imbrochável, além de enquadrar uma fala machista do presidente sobre a primeira-dama, Michelle Bolsonaro. O texto resume a fala do presidente da seguinte forma:

Emendou uma grosseria às mulheres, ao comparar as ‘primeiras-damas’. Ao usar a própria esposa de forma eleitoreira, o presidente correu o risco de reforçar o rechaço entre as mulheres, justamente o segmento que, no diagnóstico de seu próprio comitê, impede que a campanha deslanche. Apelou a estereótipos machistas, como a busca de uma ‘princesa’ para o casamento, e de masculinidade, regendo os gritos de ‘imbrochável’... ‘Podemos fazer várias comparações, até entre as primeiras-damas. Não há o que discutir. Uma mulher de Deus, família e ativa na minha vida. Não é ao meu lado, não. Muitas vezes ela está à minha frente. Tenho falado para os homens solteiros, para os solteiros que estão cansados de ser infelizes. Procure uma mulher, uma princesa, se case com ela, para serem mais felizes ainda’, disse antes de beijar Michelle Bolsonaro (FRAZÃO, 2022).

²⁶ O coro de “imbrochável” puxado pelo presidente pode ser visto no link a seguir:
<https://www.youtube.com/watch?v=y9F0IGeFwx8>

Devido à proximidade com o primeiro turno das eleições presidenciais, que ocorreu no dia 02 de outubro, o quadro usado para abordar o evento é profundamente preocupado com o valor eleitoral, e a dificuldade de Bolsonaro em conquistar votos femininos é novamente pautada. Sua postura misógina com as primeiras-damas e a chamada por gritos sobre sua capacidade sexual foram definidas como problemas para as suas pretensões eleitorais, já que poderiam afastar ainda mais as mulheres. Na mesma data, o Estadão explorou os efeitos do coro de imbrochável no antigo *Twitter*, rede social agora chamada de X. O texto de Samuel Lima aborda a viralização²⁷ do termo na rede, que se tornou o assunto mais falado do Brasil no dia da independência. Os sentimentos em torno do tema também são explorados, e mantendo a objetividade e seguindo uma técnica frequente, Lima (2022) traz falas de uma especialista para introduzir opiniões no texto:

Segundo Barciela²⁸, a incidência de posts sobre a fala de Bolsonaro é significativamente maior do que temas como fome, deflação, emprego, auxílio e Pix. 'É o pior dos cenários para a campanha? Não necessariamente. Ao pautar o imbrochável, ele evita que os holofotes foquem nos ataques contra a democracia, presentes na manifestação de Brasília', analisa. Segundo o Monitor de Redes do Estadão, o termo se divide entre críticas e apoios ao presidente, mas com predomínio de sentimento negativo. Os posts também aparecem acompanhados de afirmações como 'patético', 'vergonhoso', 'inocência' e 'crianças' -uma das situações exploradas por opositores foi que os gritos ocorreram em meio à presença de menores no evento. As redes também colocaram as palavras 'Broxonaro' e 'Viagra' nos trending topics (LIMA, 2022).

O Estadão deu espaço para a posição do presidente no dia seguinte, ao estampar sua explicação sobre o coro de imbrochável no título da matéria *Bolsonaro: 'Sou imbrochável porque resisto. Vou reagir a tudo isso'*. Bruno Luiz e Iander Porcella assinam texto que centra em fala de Bolsonaro após o discurso de 07 de setembro, em que o presidente explica se considerar imbrochável por resistir a ataques diários que recebe da oposição e da própria imprensa, sendo esse termo, portanto, usado para afirmar sua força física e sua capacidade de resistência contra adversidades. O texto, apesar de não apresentar uma opinião direta, ironiza o canto de imbrochável do presidente, ao dizer que "a autodeclaração sobre a virilidade se tornou um dos pontos

²⁷ A viralização online ocorre quando alguma notícia, vídeo, imagem ou postagem em rede social consegue se espelhar rapidamente por meio de compartilhamento dos usuários.

²⁸ Pesquisador Pedro Barciela, responsável pelo Monitor de Redes do Estadão que foi entrevistado em matéria do dia 07 de setembro de 2022, por Samuel Lima (2022).

mais comentados do dia, sendo alvo de piadas nas redes sociais (LUIZ E PORCELLA, 2022).”

O texto mais importante do Estadão para a nossa pesquisa sobre o tema também foi publicado no dia 08 de outubro e é o Editorial do meio de comunicação. Intitulado *Bolsonaro envergonha o País no Bicentenário* é um texto que não mede palavras para tratar sobre a postura masculina representada por Bolsonaro em uma data importante para a história brasileira. Esse é o editorial mais contundente que encontramos nesta análise, indo diretamente a críticas importantes sobre o caráter de Bolsonaro e sobre o como a sua performance hegemônica de masculinidade provoca vergonha ao País, pelo menos na opinião do Estadão:

Em vez de festa da Independência, o País assistiu ontem a atos de campanha de reeleição no mais genuíno estilo bolsonarista. Jair Bolsonaro não propôs nada nem se comprometeu com algum programa de governo. Fez grosseria pública, chegando a comparar sua mulher, Michelle, com a do ex-presidente Lula... Jair Bolsonaro simplesmente provoca asco. Para que não houvesse dúvida do seu caráter, ainda puxou um indecoroso coro a respeito de sua alardeada virilidade. Em respeito ao leitor, não reproduziremos aqui o que disse o presidente, mas é o caso de perguntar: há limites para este senhor? (NOTAS, 2022b).

A pergunta que conclui o trecho acima deixa bem evidente que as tensões entre o então presidente e os meios de comunicação mais importantes do Brasil haviam chegado em ponto de ebulição. Nesse sentido, acreditamos que o coro de imbrochável no dia 07 de setembro serviu como um marcador importante, um momento em que esses elementos do subtexto se tornaram expressivos demais para serem ignorados. Se em diversos momentos dos quatro anos, Bolsonaro performou uma masculinidade hegemônica marcada pelo viril, pela agressividade e pela imposição contra pessoas consideradas inferiores a ele, no dia 07 de setembro de 2022 ele puxou um coro de reafirmação desta hegemonia.

O G1 também deu um espaço amplo para este caso, com quatro publicações falando diretamente sobre o tema. A primeira delas repassa os termos dos acontecimentos, porém destaca o teor misógino e machista do seu discurso, a usar um título que enquadra justamente estes elementos. *7 de setembro: em discurso em Brasília, Bolsonaro puxa coro de 'imbrochável' e sugere que 'homens solteiros procurem uma princesa'* é uma notícia objetiva sobre o tema, mas seu enquadramento é claramente centrado nas falas de Bolsonaro e em seu valor misógino. O presidente é enquadrado como um homem obcecado pelo tema da sexualidade e com sua

própria virilidade. Além disso, as mulheres são pautadas em torno de sua figura de maneira sexual, aprofundando ainda mais esse efeito. Duas matérias do G1 sobre o tema ouvem mulheres e colocam suas falas na manchete, contrapondo diretamente o texto que foca em Bolsonaro e colocando ainda mais valor em sua posição como misógino. O primeiro caso é uma entrevista com a presidenciável Simone Tebet, que diz não ter medo apesar dos chamados de violência e de faixas antidemocráticas que cercavam o discurso, como aponta o texto dos jornalistas Giuliano Tamura e Arthur Menicucci (2022):

‘Vergonhoso e patético! No dia da Independência do Brasil, o Presidente mostra todo seu desprezo pelas mulheres e sua masculinidade tóxica e infantil. Como brasileira e mulher, me sinto envergonhada e desrespeitada.’
 ‘Além de pária internacional devido à falta de segurança e estabilidade política, agora o país também vira motivo de chacota pelas falas machistas do seu líder, que deveria dar exemplo. O Brasil não merece o governo que tem,’ completou a candidata (TAMURA E MENICUCCI, 2022).

No dia 08 de setembro, o texto que acompanha o podcast O Assunto, importante programa de áudio do G1, traz o seguinte título, importante para a compreensão do tema: *Bolsonaro se mostra acuado ao usar 7 de setembro para conclamar a própria virilidade, diz Maria Cristina Fernandes*. Novamente a fala de uma mulher é contrastada com a posição de Bolsonaro, e mais uma vez o presidente é colocado na posição de machista e misógino. Como descrevemos em outros momentos desta análise, o G1 não costuma fazer manifestações claras de suas opiniões, preferindo manter-se o mais próximo o possível da objetividade. A opinião de especialistas e de pessoas ligadas ao evento acabam sendo usadas para adjetivar os eventos e contextualizar para além do simples fato. Considerando isso, vemos um quadro bem claro de um G1 mais contundente neste caso, pelo menos com relação à própria rotina de sua redação.

Por fim, discutimos a cobertura que a Folha de São Paulo deu ao discurso de Bolsonaro no dia 07 de setembro de 2022. Em outros momentos desta análise destacamos que a Folha é o meio, dentre os selecionados, que mais abre espaços para textos opinativos e colunas, portanto também é o meio de comunicação que mais gerou resultados para esse e praticamente todo caso registrado nesta tese. Porém, os números neste caso surpreendem: são 17 publicações que abordam, de alguma maneira este caso, em colunas que foram ao ar durante toda a semana seguinte, quando no dia 13 de setembro o humorista Gregório Duvivier publicou coluna

intitulada *Lá se vão duzentos anos de homens imbroxáveis broxando*, em mais um caso de provocação à fala e à masculinidade representada por Bolsonaro. Outros exemplos que destacamos brevemente são: mais uma peça na coluna Celebidades intitulada *Internautas dizem que Michelle fez cara de nojo após beijo de Bolsonaro*, *Imbrochável uma ova*, de Voltaire de Souza, *Bolsonaro disse à Playboy que já broxou*, do jornalista Ricardo Araújo Pereira e *Imbrochabilidade ou prisão*, assinada por Thiago Amparo. Todas as colunas citadas acima utilizam da ironia para debochar com o presidente e sua bravata viril, o colocando em uma posição fragilizada com relação a seu coro marcante. De fato, a Folha utilizou deste método em diversos momentos, mas esse processo aprofundou-se em 2022, e o coro de imbrochável aprofundou este efeito. Diversos colunistas aproveitaram a oportunidade para brincar com o caso e expor uma posição contrária a Bolsonaro.

Porém, como também aconteceu em outros casos, a Folha utilizou de matérias mais padronizadas, voltadas para a manutenção da objetividade. Esses textos iluminam ainda mais o momento discursivo deste meio de comunicação com o então presidente e o tratamento para o coro de imbrochável em uma data importante para a história nacional. O primeiro texto que identificamos foi ao ar no próprio dia 07 de setembro e trata da maneira como a imprensa internacional cobriu o evento, algo que os outros meios de comunicação também publicaram neste caso. Porém, a Folha enquadra essa reflexão sobre a cobertura internacional no teor machista do discurso de Bolsonaro, como podemos ver no trecho abaixo:

Outros como La Nación e a agência Télam, ambos da Argentina, e o português Público (abaixo, com o brasileiro ao lado do presidente de Portugal) arriscaram destacar, inclusive nas páginas iniciais, o 'discurso machista' e a 'vulgar referência sexual', usando o 'bicentenário para defender sua virilidade'... Foi necessário explicar a expressão, nos textos. No Público, 'Bolsonaro beijou a primeira-dama e começou a entoar a palavra 'imbroxável' (termo calão para designar um homem sexualmente viril) para que fosse repetida pelos seus apoiantes' (DE SÁ, 2022).

Outro texto que também foi ao ar no mesmo dia do evento é assinado por Maria Homem e está nas páginas da seção Poder do jornal, importante parte da Folha. Com o título *Pedir para te saudarem com um 'imbrochável' é puro pânico de brochar* o texto segue a linha de ironizar a postura de Bolsonaro, mas de uma forma muito mais próxima dos modelos clássicos do jornalismo e fora de uma coluna de opinião. A

jornalista, porém, não mede palavras e centra o texto em sua opinião com relação ao então presidente e o coro de imbrochável no trecho abaixo:

Imbrocháveis são os milhões de mulheres e homens que trabalham, cuidam de suas famílias e seguram esse Brasil. Chega de ficar interpretando o que todos sabemos: só falar de cu é fixação em cu, só falar de gay é inquietação com o tema, só falar de pinto é tara em pinto, pedir para milhares de pessoas te saudarem com um imbrochável é puro pânico de brochar (HOMEM, 2022).

Para além de um debate sobre a política da Folha com relação ao espaço dado para os textos opinativos e a maior liberdade dada para os seus jornalistas, chama a atenção o uso de termos tão abertamente contrários ao presidente em um espaço como este. Novamente, acreditamos que a Folha, durante todo 2022, utilizou uma linguagem abertamente opositora a Bolsonaro, e essa posição esteve fortemente marcada nos elementos de uma masculinidade hegemônica projetada por ele e abertamente criticada e ironizada pelo meio de comunicação em questão.

Para concluir esta análise, trazemos mais um caso claro do uso da ironia pela Folha, mas que desta vez gerou uma resposta do presidente, que também foi abordada pela Folha. No dia 07 de setembro, a jornalista Danielle Castro publicou matéria intitulada *Problemas de ereção atingem cerca de 70% dos homens na idade de Bolsonaro* que traz um texto informativo e cheio de dados sobre problemas de ereção em homens mais velhos. Porém, o subtexto da matéria é uma clara ironia à fala de Bolsonaro, que está dentro de um grupo com risco maior de ter impotência.

A cada década de vida aumenta chance de um homem ter problemas para ter ou manter uma ereção em relações sexuais. Mesmo após 24 anos da descoberta de remédios para a impotência, o medo de envelhecer ainda é um problema para alguns, como aponta a fala do presidente brasileiro Jair Bolsonaro (PL) nesta quarta-feira, 07 de setembro. Também candidato à presidência, Bolsonaro entoou um coro de 'imbrochável' após beijar a primeira-dama na presença de milhares de seguidores, como se não ter um problema de disfunção erétil fosse uma 'vantagem' eleitoral e de personalidade. Na idade de Bolsonaro, 67 anos, o índice de indivíduos do gênero masculino com disfunção erétil é próximo a 70%, mostram estudos (CASTRO, 2022).

O texto, que abre com o trecho acima, gerou uma resposta de Bolsonaro que, em uma live no dia seguinte, manifestou-se contra a Folha. O meio de comunicação, por sua vez, reportou a revolta do presidente, colocando todas as suas falas e as contextualizando com a própria versão do meio de comunicação, que defendeu o texto

de Castro (2022) com matéria de Marianna Holanda (2022), intitulada *Bolsonaro critica reportagem da Folha e diz que 'imbrochável' é reação a ataques de adversários*.

O presidente disse que faz parte dos outros 30% e acusou a Folha de ser machista com a reportagem. 'Ô Folha, se aqui [está] em 70%, eu tô nos 30%, falou? taokey? Tem nada de machismo aqui, não', afirmou. 'Aí é natural, não sei se tá certo, tá errado, idade vai chegando, as pessoas vão realmente tendo alguma deficiência em algum lugar. Agora, vocês que estão sendo machistas dizendo que 70% dos homens são brocha, vocês que estão dizendo, ou quem não votar em mim é porque é brocha. Vocês estão levando para esse lado, imprensa porca como sempre', completou. Ao contrário do que disse Bolsonaro, a reportagem não fala que quem não votar no presidente tem problemas de ereção. O texto mostra que, na idade próxima do presidente, aos 67 anos, o índice de indivíduos do gênero masculino com disfunção erétil é de cerca de 70%, segundo estudos. O presidente costuma se chamar de 'imbrochável', 'imorrível' e 'incomível'. Tem até mesmo uma medalha com seu rosto e os dizeres, que entrega para amigos (HOLANDA, 2022).

Em termos da normalização de falas misóginas e do debate da masculinidade hegemônica nos meios de comunicação brasileiras, esse momento é emblemático, A Folha publicou e reforçou um debate direto com o presidente sobre a sua capacidade sexual e sobre a relação da impotência com o envelhecimento masculino. Além disso, o número alto de publicações sobre esse caso também comprova que o jornalismo brasileiro, no final de 2022, fazia uma ligeira restrição no que tange ao tema, enquanto a disputa hegemônica pelas masculinidades estava deflagrada no debate público nacional.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disputa hegemônica em torno das masculinidades esteve constantemente na pauta dos meios de comunicação analisados nesta tese durante a presidência de Jair Messias Bolsonaro. Esse elemento fica evidente quando refletimos sobre as 506 matérias selecionadas para a análise desta tese, mesmo considerando as limitações e os parâmetros traçados para esta seleção. Portanto, temos clareza quanto ao aumento da proeminência desta temática na rotina profissional de jornalistas brasileiros, em um processo que foi diretamente incentivado por falas do então presidente e pelos métodos comunicacionais utilizados por ele durante a sua gestão. A agressividade com que Bolsonaro tratou de temas ligados ao debate de gênero e a sua postura com relação à imprensa fizeram do período entre 2019 e 2022 um corte fundamental para a compreensão em torno da presença destas temáticas na rotina dos principais meios de comunicação do País.

Outro elemento que reforça essa compreensão foi o grande número de citações a Bolsonaro durante o período na mídia hegemônica. Entre as 506 publicações selecionadas, 176 utilizam alguma fala de Bolsonaro em torno da temática de gênero ou de sua relação com membros da imprensa, apontando uma clara abertura dos meios selecionados para este tipo de retórica. Para além da cobertura ser crítica ou positiva, em um primeiro momento, destacamos que é inegável a grande importância dada a esse tipo de narrativa, marcada por uma postura agressiva e combativa por parte do presidente. Esses elementos nos apresentam um quadro de normalização deste debate, que em grande medida promoveu um aumento da valoração de uma masculinidade hegemônica representada pela agressividade, e que teve em Bolsonaro o seu principal representante.

A carreira militar que precedeu a jornada política de Bolsonaro também adiciona elementos armamentistas para essa masculinidade performada e idealizada. O G1, a Folha de São Paulo e o Estadão, por sua vez, não conseguiram articular de uma forma ampla, ou organizada, um discurso para a compreensão de masculinidades que escapasse justamente desta hegemonia. Nessa linha, o debate em torno da homofobia, da misoginia e da transfobia presentes nas falas de Bolsonaro também não formou uma linha narrativa que permitiu a quebra destes padrões totalizantes e

preconceituosos. Portanto, entendemos que os meios de comunicação analisados nesta tese se viram presos aos métodos jornalísticos tradicionais e não conseguiram oferecer métodos narrativos capazes de opor o discurso de Bolsonaro.

A objetividade teve papel central neste processo. A grande maioria das publicações analisadas nesta tese foi organizada em uma das tipificações voltadas para textos sem opinião, sendo elas “Assinada”, “Redação” e “Redação JN”. Estes textos apresentam táticas importantes para a manutenção de um jornalismo considerado ético e neutro, como o uso de vozes oficiais (que acreditamos motivar o número excessivo de citações diretas de Bolsonaro), a articulação da opinião de especialistas para contrapor Bolsonaro, ou algum elemento argumentativo qualquer, e a abertura de espaço para opiniões divergentes, dependendo pouco da posição deste contraponto no que tange o debate de gênero. Dessa maneira, em diferentes momentos percebemos que os meios de comunicação analisados, principalmente o G1, reproduziram defesas de posições homofóbicas ou misóginas. Esse processo se deu sem uma crítica aprofundada dos problemas por trás deste tipo de fala, principalmente no começo da presidência de Bolsonaro, durante o ano de 2019. Outro elemento técnico do jornalismo que consideramos fundamental para o processo de normalização de uma masculinidade hegemônica durante a presidência de Bolsonaro foram os valores-notícias, pois essa conceitualização levou os momentos mais polêmicos de Bolsonaro à pauta, sem que uma linha para a desconstrução destas falas fosse estabelecida.

Em diversos momentos Bolsonaro usou de linguagem agressiva para tratar de minorias e reforçar seu papel de dominação sobre masculinidades dissidentes, e os meios que estudamos nesta pesquisa deram ampla cobertura para estes casos, em um processo que se justifica pela necessidade de cobrir todos os passos do presidente. Há valor em noticiar os movimentos do presidente, principalmente quando ele assume posições polêmicas, e os meios seguiram essa linha sem demonstrar clara preocupação com a possibilidade de normalizar falas machistas e a glamourização de uma performance masculina excludente e agressiva. Com o avançar da presidência, verificamos, principalmente durante o ano de 2022, um aumento em textos que questionam a posição do jornalismo neste tipo de movimento, mas o foco destas publicações centrou-se na relação entre o presidente e a profissão jornalística, que foi abertamente confrontada pelo presidente, acreditamos que os meios começaram alguns debates envolvendo gênero durante o período, e até questionaram a

performance masculinista de Bolsonaro, mas esse processo foi raso, demorado e focou em uma defesa da liberdade de imprensa e da integridade física dos jornalistas. São posições justas e importantes, mas que não evitaram a normalização e a dominação da masculinidade hegemônica representada pelo então presidente.

Destacamos que textos opinativos e colunas representaram espaços para debates mais aprofundados em alguns destes tópicos, mas salientamos a tática usada pela Folha de São Paulo, portal que mais fez uso destes tipos de publicação: humoristas, professores, sociológicos e especialistas em diferentes áreas das ciências humanas são os principais responsáveis por críticas mais claras à homofobia, misoginia e a postura masculinista de Bolsonaro. Citamos novamente o caso do advogado e professor Thiago Amparo, que assina sete textos opinativos, que tratam de diferentes tópicos e foram publicados em diferentes momentos dos quatro anos. Além disso, o professor é citado em uma matéria objetiva como um especialista para contrapor o presidente. Esse caso é o mais extremo da nossa análise, mas outros colunistas tiveram presença similar durante estes quatro anos na Folha. Defendemos que esse processo permite que o jornal publique críticas abertas ao presidente sem precisar colocar seus jornalistas em uma posição “comprometedora”, em que eles tenham que renunciar à lógica da objetividade. Além disso, um especialista empresta seu conhecimento e sua carreira para dar mais potência e credibilidade a uma coluna, enquanto o mesmo texto assinado por um jornalista ou pela redação do jornal perderia credibilidade, por não ser objetivo. Estes elementos estiveram em negociação constante enquanto Bolsonaro atuou como presidente, e por isso utilizamos uma linha do tempo para desenhar um quadro geral do período, com suas variações e irritações.

A relação de Bolsonaro com a sua própria imagem *como homem* também é um elemento que consideramos fundamental apontar nesta finalização. Em 2019, quando Jair assume a presidência, percebemos um homem buscando aproximar-se do eleitorado feminino, por meio de eventos públicos, em uma clara tentativa de suavizar sua imagem. Lembramos, novamente, que Bolsonaro foi recebido na presidência entre protestos feministas e um amplo movimento marcado pela *hashtag #EleNão*. Os meios de comunicação, em um primeiro momento, aceitam essa postura e fazem longas reportagens sobre as mulheres que fazem parte do governo. Damares Alves e Carla Zambelli são tratadas como parte de uma “redenção” da imagem misógina de Bolsonaro e funcionam para criar um quadro otimista em torno do homem que assumia a presidência e para o período em que ele ocuparia este cargo. Portanto, a temática

do moralismo tomou posição central em 2019: Bolsonaro não queria agredir as mulheres, e não pretendia manifestar-se como um homem agressivo, pelo menos nos tópicos em que ele não julgava ser necessário. Temos casos de censura à comunidade LGBTQIA+ ainda no começo de 2019, mas os meios de comunicação não empreendem em grandes críticas destes movimentos, apesar de usarem tons críticos, mesmo em textos objetivos. Percebemos isso em situações em que especialistas ou os próprios censurados recebem a última palavra em uma publicação, criando uma narrativa que coloca o presidente em uma posição defensiva. Porém, não há um esforço amplo e contundente em um período em que o presidente também não está abertamente em combate com a imprensa.

O começo de 2020 e da crise pandêmica, no Brasil, representa uma virada na performance masculina de Bolsonaro. Se no primeiro ano de mandato ele tentou recuperar o público feminino apresentando uma versão mais suave, isso muda logo em suas primeiras falas públicas sobre a Covid. Bolsonaro assume uma postura cética com relação à doença e crítica medidas restritivas para a contenção do vírus, iniciando uma linha narrativa que defende a força masculina como elemento chave para a contenção da doença. A fala do “histórico de atleta” representa o ponto de partida de uma disputa entre o presidente e os meios de comunicação que segue escalando até o final do governo. Por isso consideramos a escolha de unir os aspectos de 2020 e 2021 fundamental para a compreensão deste processo de enrijecimento e agravamento da postura masculinista de Bolsonaro.

Em cada fala sobre o vírus, em cada embate com os meios de comunicação, o presidente tornava-se mais agressivo. Essa agressividade atingia jornalistas, mulheres, membros da comunidade LGBTQIA+ e todos que defendiam medidas que, para ele, não eram condizentes com as demandas de uma masculinidade hegemônica e necessária para o Brasil lidar com o vírus. Não é por acaso que ele manda o País, como um todo, deixar de ser uma nação de “maricas” por causa do vírus, em uma sinalização clara de que a masculinidade hegemônica construída em torno de sua figura era fundamental para superar aquela crise sanitária. Os meios de comunicação, por sua vez, também subiram o tom. Os textos assinados e oriundos das redações não mudaram muito, mas a frequência de textos opinativos, de colunas e, principalmente, de editoriais, que abertamente criticavam o presidente nos termos de sua performance masculina e de sua relação com mulheres e a comunidade LGBTQIA+ aumentou vertiginosamente. O ano de 2019 é o que conta com menos

casos de um destes três tipos, enquanto 2022 é o mais repleto de publicações com esse teor. O presidente, por sua vez, também subiu o tom.

Em 2022, a aproximação de um novo pleito eleitoral, em que Bolsonaro buscava a reeleição, aprofundou ainda mais o teor hegemônico e dominante de sua performance de masculinidade. As publicações em torno do presidente passaram a focar ainda mais em falas sexualizadas, em demonstrações de valentias e momentos que marcaram esse processo hegemônico. Destacamos as motocicletas, abertamente associadas pelos meios analisados com o fascismo italiano, com a construção da virilidade e com a demonstração de “potência” por meio das máquinas, e a polêmica envolvendo a compra de Viagra e próteses penianas para membros do exército brasileiro, que foi enquadrada em torno da relação destes homens com a sua capacidade sexual. A relação de Bolsonaro com as mulheres foi pautada em todo o último ano do mandato, mas o enquadramento esteve focado no valor eleitoral desta relação, já que o voto feminino se mostrava um importante fator na balança do pleito (e acabou sendo crucial para a derrota de Bolsonaro em sua tentativa de reeleição). Percebemos que poucas publicações nesse sentido abordaram diretamente a masculinidade representada por Bolsonaro como um elemento de dominação ao corpo feminino e a tentativa de colocar a mulher em seu “papel”. O foco era entender como ações do presidente teriam efeito no pleito. A única exceção ocorreu no dia 07 de setembro de 2022. Quando o presidente usa uma data importante para a história do Brasil para fazer campanha e cantar sua virilidade com gritos de imbrochável.

O tom aumentou de forma definitiva: o presidente assumiu uma performance agressiva, machista e viril, enquanto os meios de comunicação, com destaque novamente para a Folha de São Paulo, promoveram amplas tentativas de desqualificar esta fala e colocar Bolsonaro em uma posição defensiva. Esses textos, principalmente as colunas, recaíram em um processo de normalização ainda maior de uma masculinidade hegemônica, reduzindo o homem Bolsonaro a sua virilidade e usando da ironia como uma forma de reduzir o ex-capitão em sua macheza. Bolsonaro foi chamado de brocha pela imprensa e teve que defender, novamente, sua capacidade sexual, em um momento que reforçou justamente o valor dado para esta suposta demonstração de virilidade. Esse momento, acreditamos, reforça ainda mais a sensação de uma masculinidade hegemônica em torno da capacidade sexual e da virilidade, e os meios não apresentaram oposição a este processo, e acabaram aprofundando o efeito.

Nesse sentido, destacamos a eleição presidencial de 2022 como um grande elemento para a normalização e a valoração de uma masculinidade dominante. Bolsonaro tentou vencer por meio de uma postura viril, e suas falas foram contrapostas pelos meios de comunicação selecionados, e até pelo seu principal adversário no pleito, o agora presidente Luís Inácio Lula da Silva, com uma negação da virilidade, da capacidade sexual e da valoração de Bolsonaro como homem, reforçando a necessidade destes “valores” para um presidente e um líder, em um processo que desvalorizou masculinidades periféricas e a própria feminilidade, que foi menosprezada por meio de ataques a jornalistas e a candidatas à presidência. Os meios selecionados criticaram Bolsonaro no final de sua presidência, mas não o fizeram em defesa da ampliação do entendimento em torno das masculinidades ou por meio de uma linha feminista. Essa consideração é fundamental para esta tese, e responde questionamentos centrais envolvendo a normalização de uma masculinidade hegemônica viril, agressiva e militarizada, que cresce no Brasil e no mundo por intermédio da extrema direita e de grupos digitais como os *redpill*²⁹. Esses grupos ganham relevância política e midiática na última década a partir, justamente, do crescimento de lideranças políticas e produtores de conteúdo para as redes sociais focados na construção de narrativas masculinistas e na manutenção do *status quo* do homem como dominante. Para esses novos movimentos, os homens devem representar agressividade, dominação e controle, principalmente sobre as mulheres, que são consideradas as grandes culpadas pela mudança na definição daquilo que significa ser homem. Consideramos que a cobertura dos meios de comunicação ao discurso masculinista de Bolsonaro ajudou a normalizar o papel e a relevância destes grupos dentro da sociedade brasileira.

A decisão de analisar ataques de Bolsonaro a jornalistas e a resposta dos meios selecionados para esses momentos de hostilidade mostrou-se fundamental. Se percebemos que as críticas de Bolsonaro não foram baseadas em defesa de masculinidades subalternas, podemos afirmar com certeza que a defesa do próprio campo motivou os textos mais críticos ao então presidente, o que acabou desaguando em críticas a sua homofobia, misoginia e virilidade exacerbada. Mesmo que esses

²⁹ O nome surge no filme *Matrix* (1999), em que o personagem principal, Neo, precisa escolher entre tomar uma pílula vermelha e conhecer a realidade obscura, ou tomar a pílula azul e seguir em uma vida boa, mas mentirosa. Os homens que adotam essa ideologia acreditam que estão desvendando a verdade de uma sociedade que ataca os homens e protege as mulheres.

temas tenham apresentado críticas importantes, o ponto de partida da tensão entre a imprensa e Bolsonaro sempre foram as críticas à imprensa e o ataque a jornalistas. Um exemplo muito claro disso pode ser percebido na forma como Bolsonaro tratou as mulheres durante toda a sua presidência. O tema esteve latente durante os quatro anos, mas o debate só focou com mais clareza em discursos feministas e na proteção das mulheres no ambiente profissional quando jornalistas mulheres, como Patrícia Campos Mello e Vera Magalhães foram atacadas de forma sexualizada. Nesses casos, tanto a Folha quanto o G1 subiram o tom, produziram editoriais e atacaram diretamente às falas do presidente e a sua tentativa de assustar e coagir mulheres. Em termos gerais, os textos mais críticos a Bolsonaro estão atrelados a algum caso de ataque a jornalistas ou à imprensa como um todo, o que demonstra que o esforço em proteger o campo e o *status* do jornalismo como defensor da democracia esteve sempre a frente de qualquer linha feminista ou da defesa de masculinidades marginais. Essa compreensão nos permite entender com mais clareza a evolução temporal das tensões entre Bolsonaro e os meios selecionados. No primeiro ano de presidência, quando os ataques eram tímidos e pontuais, e os jornais ainda mantinham uma linha objetiva ao tratar do presidente, a relação pode ser considerada boa, com alguns pequenos momentos de tensão. Quando a crise pandêmica começa, uma linha editorial divide o presidente e a imprensa, o que levou Bolsonaro a aumentar o tom contra os jornalistas, que segundo ele estavam sendo “bundas moles” e “covardes”. Os meios selecionados, então passaram a ser mais críticos a Bolsonaro, defendendo o direito do jornalismo de ser livre, crítico aos poderosos e independente. Concluimos que, para além do debate acadêmico e social do gênero, às críticas dos meios selecionados a Bolsonaro nasceram principalmente de uma tentativa de preservação de um campo que se percebe atacado.

Ao analisar três meios de comunicação hegemônicos, mas com histórias e redações bem diferentes, conseguimos captar diferentes formas de entender o jornalismo e a cobertura presidencial. Entendemos que em uma ponta do espectro temos o G1, que utilizou poucos textos opinativos e manteve uma linha primordialmente objetiva. Suas críticas a Bolsonaro se restringiram a defesa do jornalismo como profissão e da democracia, e os textos oriundos do Jornal Nacional foram centrais nestes casos. As matérias produzidas para o portal seguiram padrões bem rígidos e poucos colunistas tiveram espaço para tratar de temas polêmicos em torno do gênero, o que demonstra preocupação pela manutenção da credibilidade por

meio de textos objetivos e pelo uso de enquadramentos supostamente neutros. O Estadão, por sua vez, está no centro deste espectro. Alguns textos opinativos trazem críticas duras a Bolsonaro e sua representação do masculino, mas são momentos pontuais e que focam na defesa da profissão. A linha editorial do Estadão, em nossa análise, não aparece como muito aberta a opiniões e desvios dos elementos basilares do jornalismo, mas apresenta uma permissividade um pouco maior que o G1. Por fim, destacamos o perfil arrojado e focado no contraditório da Folha de São Paulo. Ainda em 2019, um editorial da publicação afirma que imprensa é sempre oposição e demonstra orgulho pelo histórico do jornal de estar sempre do lado oposto do presidente, atuando como um vigia constante do líder da nação. Essa característica ficou clara pelo grande número de textos opinativos e colunas que iam diretamente contra Bolsonaro. Já mencionamos o uso de especialistas nestas colunas para aumentar a permissividade de críticas, e a ironia foi uma arma particularmente frequente no repertório da Folha contra Bolsonaro. Porém, é crucial pontuar que esta postura não foi baseada em uma linha ideológica ou pela defesa de pautas LGBTQIA+ e feministas. As críticas a Bolsonaro seguiram sua linha editorial: foi oposição ao presidente, em um processo que se agravou a medida em que os ataques de Bolsonaro a jornalistas aumentaram e sua performance masculinista passou a ser mais frequente e virulenta. Não percebemos, portanto, uma posição unificada da imprensa contra Bolsonaro no que tange uma narrativa feminista ou em defesa da comunidade LGBTQIA+, mas notamos, em diferentes níveis de articulação, um processo coletivo de defesa do próprio jornalismo enquanto ele estava sendo atacado.

Por fim, percebemos um processo de normalização ampla do espaço ocupado por uma masculinidade hegemônica no debate público brasileiro durante o período analisado. Os meios, ao abrir páginas de seus portais para Bolsonaro e suas falas mais polêmicas, permitiram que esses discursos entrassem na rotina editorial brasileira, e a fragilidade da oposição feita aos argumentos do capitão também apontaram para esta mesma direção. Nesse sentido, os elementos centrais do método jornalismo acabaram sendo centrais para esta normalização, permitindo que falas agressivas e uma performance masculinista também tomassem centro do debate. Isso aponta para um futuro desafiador para o jornalismo brasileiro, já que a normalização de narrativas de uma masculinidade hegemônica agressiva, percebida durante a presidência de Bolsonaro, tem efeitos que perduram e demandam ações mais diretas. O crescimento de movimentos masculinistas nas redes sociais e o aumento de falas

frustradas quanto à posição masculina na sociedade preocupam, e apontam para o crescimento do combate hegemônico em torno das masculinistas. Para além de figuras como Bolsonaro, temos na religião, na cultura e no esporte diferentes elementos de disputa pela idealização do masculino. Enxergamos que a normalização deste tipo de narrativa hegemônica no período entre 2019 e 2022 tem papel fundamental para o atual momento desta disputa, e as reflexões e considerações apresentadas nesta tese apontam para questionamentos importantes sobre o futuro da disputa e da representação das masculinidades na imprensa, na internet, no esporte e na rotina de homens e mulheres em geral, no espaço que Connell (2005) define como uma arena dos gêneros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, R. **Esquerda tentava caracterizar cidadão “normal” como exceção, diz presidente do BB**. Estadão, 2019. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/politica/esquerda-tentava-caracterizar-cidadao-normal-como-excecao-diz-presidente-do-bb/>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

ALENCASTRO, M. **A um ano da eleição, chegou a hora de dar nome ao boi**.

Folha, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mathias-alencastro/2021/09/a-um-ano-da-eleicao-chegou-a-hora-de-dar-nome-ao-boi.shtml>.

Acesso em: 30 de abril de 2025.

ALENCASTRO, M. **Objetivo da viagem de Bolsonaro para encontrar Putin é exaltar masculinidade tóxica**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mathias-alencastro/2022/02/objetivo-da-viagem-de-bolsonaro-para-encontrar-putin-e-exaltar-masculinidade-toxica.shtml>.

Acesso em: 30 de abril de 2025.

ALVES, F. P. **Saúde do Homem**: ações integradas na atenção básica. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2018.

AMPARO, T. **Ao censurar comercial do BB, Bolsonaro mostra ter medo da diversidade**; decisão vai na contramão do mercado. São Paulo: Folha de São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/thiago-amparo/2019/04/ao-censurar-comercial-do-bb-bolsonaro-mostra-ter-medo-da-diversidade-decisao-vai-na-contramao-do-mercado.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

AMPARO, T. **Trump era o boy lixo de Trump**. Folha, 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/thiago-amparo/2021/01/trump-era-o-boy-lixo-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

AZEVEDO, R. **A democracia e as mulheres estão sob o ataque de rifles e machos**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldoazevedo/2020/11/a-democracia-e-as-mulheres-estao-sob-o-ataque-de-rifles-e-machos.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

BALBI, C. **Governo suspende edital com séries de temática LGBT criticadas por Bolsonaro**. Folha de São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/edital-com-series-lgbt-criticadas-por-bolsonaro-em-live-e-suspenso.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARBOSA, M. O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. **Contracampo**, Niterói, Rio de Janeiro, n.12, p.51–62, 2005.

BIERNATH, C. A. G.; SILVA, M. da. Entre subjetividade, manipulação e efeito de verdade: problemáticas do jornalismo como “Quarto Poder”. **Revista Multiplicidade**, v.6, n.6, 2015.

BOMBIG, A. **Seleção tem lugar de destaque na simbologia do ‘bolsonarismo’; leia análise**. Estadão, 2021. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/selecao-tem-lugar-de-destaque-na-simbologia-do-bolsonarismo-leia-analise/>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

BONDUKI, N. **Queridinha de Bolsonaro, a motocicleta é o modal que mais cresceu, mais mata e mais polui no Brasil**. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nabil-bonduki/2021/06/queridinha-de-bolsonaro-a-motocicleta-e-o-modal-que-mais-cresceu-mais-mata-e-mais-polui-no-brasil.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

BORGES, A. **‘Fiz uma metáfora contra ideologia de gênero’, diz Damares sobre vídeo**. Estadão, 2019. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/brasil/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damare-alves>. Acesso em: 24 de abril de 2025.

BROOKE, J. **Conversations/Jair Bolsonaro; A Soldier Turned Politician Wants To Give Brazil Back to Army Rule**. New York, The New York Times, 1993.

Disponível em: <https://www.nytimes.com/1993/07/25/weekinreview/conversations-jair-bolsonaro-soldier-turned-politician-wants-give-brazil-back.html>. Acesso em: 01 de maio de 2024.

BUCCI, E. **...e os ataques do poder contra a imprensa se rebaixam ainda mais**.

Estadão, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/espaco-aberto/e-os-ataques-do-poder-contra-a-imprensa-se-rebaixam-ainda-mais/>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. São Paulo, Editora Civilização Brasileira, 2003.

CAREY, J. W. The problem of journalism history. **Journalism History**, v.1, n.1, p.3–27, 1974.

CARNEIRO, C. **Entrevista**: Jair Bolsonaro: "Eu defendo a tortura". Istoé Gente, 2000. Disponível em:

https://web.archive.org/web/20121221224136/http://www.terra.com.br/istoegente/28/reportagens/entrev_jair.htm. Acesso em: 02 de maio de 2024.

CARR, D. J.; BARNIDGE, M.; LEE, B. G.; TSANG, S. J. Cynics and skeptics: Evaluating the credibility of mainstream and citizen journalism. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, Los Angeles, CA, v.91, n.3, p.452–470, 2014.

CARVALHO, D. **Bolsonaro atribui agressão a jornalistas a “algum maluco” infiltrado em frente ao Palácio do Planalto**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-atribui-agressao-a-jornalistas-a-algum-maluco-infiltrado-em-frente-ao-palacio-do-planalto.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

CASTRO, D. **Problemas de ereção atingem 70% na idade de Bolsonaro**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2022/09/problemas-de-erecao-atingem-cerca-de-70-dos-homens-na-idade-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

CHODOROW, N. The reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender. **University of California Press**, Berkeley, 1978.

CLIVERY, E. **“Pólvora” e “maricas”: em referência a fala de Bolsonaro, Maia lembra 160 mil mortos e economia frágil**. G1, 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/polvora-e-maricas-em-referencia-a-fala-de-bolsonaro-maia-lembra-160-mil-mortos-e-economia-fragil.ghtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

COLLUCCI, C. **Política moralista só fez aumentar taxa de transmissão de HIV entre jovens**. Folha de São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2019/01/politica-moralista-so-fez-aumentar-taxa-de-transmissao-de-hiv-entre-jovens.shtml>. Acesso em: 24 de abril de 2025.

COMERLATO, E. Pré-jornalismo: operações de tempo e narrativa nas reportagens das Grandes Navegações., [S.I.], 2021.

CONBOY, M. Journalism: A critical history. **Journalism**, [S.I.], p.1–256, 2004.

CONJUR, R. **Fuzilamento pregado por Bolsonaro pode sair pela culatra**. Conjur, 2000. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2000-jan-04/fuzilamento-pregado-bolsonaro-sair-avessas>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

CONNELL, R. **The men and the boys**. Los Angeles: Univ of California Press, 2000

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Reino Unido, Polity Press, 2005.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v.21, n.01, p.241–282, 2013.

CONTI, M. S. **Os que se submetem à força de Bolsonaro continuarão vivos, mas não terão alma**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariosergioconti/2020/05/os-que-se-submetem-a-forca-de-bolsonaro-continuarao-vivos-mas-nao-terao-alma.shtml>.

Acesso em: 29 de abril de 2025.

DAMO, A. S. Ah! Eu sou gaúcho. **Revista Estudos Históricos**, [S.l.], v.13, n.23, p.87–118, 1999.

DE FREITAS, J. **Cavalão, cavalariços e alguns corajosos**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodefrees/2020/03/cavalao-cavalaricos-e-alguns-corajosos.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

DE MORAES, D. Comunicação, Hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, v. 4, n. 1, p. 54, 2010. DOI: 10.22456/1982-5269.12420. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/12420>. Acesso em: 2 maio. 2025.

DE SÁ, N. **No português Público, “Bolsonaro usa bicentenário para defender sua virilidade”**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nelsondes/2022/09/no-portugues-publico-bolsonaro-usa-bicentenario-para-defender-sua-virilidade.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

DELLA COLETTA, R. **Bolsonaro ataca repórter após perguntas sobre Flávio e Queiroz: “Você tem uma cara de homossexual terrível**. Folha de São Paulo,

20019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/12/bolsonaro-ataca-reporter-apos-pergunta-sobre-queiroz-voce-tem-uma-cara-de-homossexual-terrivel.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

DELLA COLETTA, R. **Bolsonaro manda repórteres calarem a boca, ataca a Folha e nega interferência na PF**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-manda-reporteres-calarem-a-boca-ataca-a-folha-e-nega-interferencia-na-pf.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

DEMETRIOU, D. Z. Connell's concept of hegemonic masculinity: A critique. **Theory and society**, [S.l.], v.30, n.3, p.337–361, 2001.

DETAQ. **DISCUSSÃO ENTRE OS DEPUTADOS JAIR BOLSONARO E MARIA DO ROSÁRIO**. Câmara dos Deputados, 2003. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=11&nmComissoa=Outros%20Eventos&tpReuniaoEvento=&dtReuniao=11/11/2003&hrInicio=14:00:00&hrFim=14:10:00&origemDiscurso=&nmLocal=Plen%C3%A1rio%20Principal%20-%20CD&nuSessao=2102/03&nuQuarto=0&nuOrador=0&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:00&sgFaseSessao=&Data=11/11/2003&txApelido=&txFaseSessao=&txTipoSessao=&dtHoraQuarto=14:00&txEtapa=>. Acesso em 10 de maio de 2024.

DETAQ. **Sessão**: 208.4.53.O. Câmara dos Deputados, 2010. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=208.4.53.O&nuQuarto=29&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:56&sgFaseSessao=PE&Data=30/11/2010&txApelido=JAIR%2520BOLSONARO,%2520PP-RJ>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

DETAQ. **Sessão**: 002.1.54.P. Câmara dos Deputados, 2011. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/internet/plenario/sumario/extraord/e010211v.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

DIAS, N. F.; CARDIN, E. G. O homem gaúcho e o pacto “narcísico da masculinidade”: a música regional como ferramenta mediadora do ideal masculino.

Tempo da Ciência, [S.l.], v.29, n.58, p.11–30, 2022.

EDITORIAL. **Editorial - Sob ataque, aos 99**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2020/02/sob-ataque-aos-99.shtml>>.

Acesso em: 29 de abril de 2025.

ESTADÃO. **Acervo**. Estadão, 2000. Disponível em:

<https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada2000.shtm>. Acesso em: 11 de junho de 2023.

F5. **Famosos demonstram solidariedade a Vera Magalhães após ataque de Bolsonaro**. Folha de São Paulo, 2022a. Disponível em:

<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/08/famosos-demonstram-solidariedade-a-vera-magalhaes-apos-ataque-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

F5. **“Tchutchuca”: funkeiro explica origem do termo que fez Bolsonaro perder a compostura.** Folha de São Paulo, 2022b. Disponível em:

<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/08/tchutchuca-funkeiro-explica-a-origem-do-termo-que-fez-bolsonaro-partir-para-cima-de-youtuber.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

FALCÃO, M.; VIVAS, F. **STJ envia ao Supremo recurso de Bolsonaro contra condenação por declarações homofóbicas.** G1, 2021 Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/14/stj-envia-ao-supremo-recurso-de-bolsonaro-contr-condenacao-por-declaracoes-homofobicas.ghtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

FERRAZ, A. **Bolsonaro diz que é preciso “enfrentar vírus como homem e não como moleque”.** Estadão, 2020. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-e-preciso-enfrentar-virus-como-homem-e-nao-como-moleque/>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

FILHO, W. H. **Há 20 anos, Bolsonaro defendeu fechamento do Congresso e a morte do então presidente, Fernando Henrique.** O Globo, 2019. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/ha-20-anos-bolsonaro-defendeu-fechamento-do-congresso-e-morte-do-entao-presidente-fernando-henrique-cardoso.html>. Acesso em: 01 de maio de 2024.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa-3.** [S.l.]: Artmed editora, 2008.

FOLHA. **Folha passa a cobrar por conteúdo digital.** Folha de São Paulo, 2012.

Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2012/06/1106766-folha-passa-a-cobrar-por-conteudo-digital.shtml>. Acesso em: 11 de junho de 2023.

FOLHA. **História da Folha.** Folha de São Paulo, 2023. Disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm. Acesso em: 12 de junho de 2023.

FOSTER, G. **Bolsonaro diz que não teme processos e faz nova ofensa: "Não merece ser estuprada porque é muito feia".** Gaúcha ZH, 2015. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-diz-que-nao-teme-processos-e-faz-nova-ofensa-nao-merece-ser-estuprada-porque-e-muito-feia-cjkf8rj3x00cc01pi3kz6nu2e.html>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

FRAGA, P. **Bolsonaro é o ‘moleque sabido’ que ajudou na captura de Lamarca?** Rio de Janeiro, O Globo, 2018. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/epoca/bolsonaro-o-moleque-sabido-que-ajudou-na-captura-de-lamarca-22971054>. Acesso em: 25 de abril de 2024.

FRAZÃO, F. **Bolsonaro liga Lula ao ‘mal’ e reforça chavão machista em busca de conexão com base; leia análise**. Estadão, 2022. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-liga-lula-ao-mal-e-reforca-chavao-machista-em-busca-de-conexao-com-base-leia-analise/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

G1. **Grupo Globo bate recorde de acessos no digital e passa de 100 milhões de usuários únicos**. G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2018/11/26/grupo-globo-bate-recorde-de-acessos-no-digital-e-passa-de-100-milhoes-de-usuarios-unicos.ghtml>. Acesso em: 11 de junho de 2024.

G1. **Após confusão com Bolsonaro, youtuber publica vídeo editado em que chama o presidente de “tchutchuca do Centrão”**. G1, 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/08/18/apos-confusao-com-bolsonaro-youtuber-publica-video-editado-em-que-chama-o-presidente-de-tchutchuca-do-centrao.ghtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

GAYER, E. **No Dia da Mulher, Bolsonaro barra homens em café da manhã no Alvorada**. Estadão, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/no-dia-da-mulher-bolsonaro-barra-homens-em-cafe-da-manha-no-alvorada/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

GAYER, E.; RODRIGUES, E. **Bolsonaro diz que mulheres estão ‘praticamente integradas à sociedade’**. Estadão. 2022. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-mulheres-estao-praticamente-integradas-a-sociedade/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

GAZIANO, C.; MCGRATH, K. Measuring the concept of credibility. **Journalism quarterly**, [S.l.], v.63, n.3, p.451–462, 1986.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**. Editora Rosa dos Tempos, 1982.

GLOBO, Memória. **G1: O portal de notícias da Globo é líder de audiência no jornalismo digital**. G1, 2022. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/produtos-digitais/g1/noticia/g1.ghtml>. Acesso em: 11 de junho de 2024.

GOFFMAN, E. **Frame analysis: An essay on the organization of experience**. [S.l.]: Harvard University Press, 1974.

HAYES, A. S. e. a. Shifting Roles, Enduring Values: The Credible Journalist in a Digital Age. **Journal of Mass Media Ethics**, [S.l.], v.22, n.4, p.262–279, 2007.

HOLANDA, M. **Bolsonaro critica reportagem da Folha e diz que “imbrochável” é reação a ataques de adversários**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-critica-reportagem-da-folha-e-diz-que-imbrochavel-e-reacao-a-ataques-de-adversarios.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

HOMEM, M. **Pedir para te saudarem com um “imbrochável” é puro pânico de brochar**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/pedir-para-te-saudarem-com-um-imbrochavel-e-puro-panico-de-brochar.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

JESUS, G. M. d. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul.

Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital, Buenos Aires, [S.l.], v.5, p.26, 2000.

JOAS, H.; KNOBL, W. **Teoria social**: vinte lições introdutórias. Petrópolis: Vozes, 2017.

JORGE, M. P. **Imprensa é oposição**. Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2019/01/imprensa-e-oposicao.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

JORNAL NACIONAL. **Bolsonaro publica vídeo de conteúdo pornográfico e causa polêmica**. G1, 2019a. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/03/06/bolsonaro-publica-video-de-conteudo-pornografico-e-causa-polemica.ghtml>. Acesso em: 29 de abril 2025.

JORNAL NACIONAL. **Globo repudia em nota ataques de Bolsonaro a Miriam Leitão**. G1, 2019b. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/07/19/globo-repudia-em-nota-ataques-de-bolsonaro-a-miriam-leitao.ghtml>. Acesso em: 29 de abril 2025.

JORNAL NACIONAL. **Bolsonaro diz que repórter tem “cara de homossexual terrível”; entidades de jornalistas reagem**. G1, 2019c. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/20/entidades-de-jornalistas-protestam-contra-ataque-de-bolsonaro-a-reporteres.ghtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

JORNAL NACIONAL. **Bolsonaro volta a minimizar pandemia: Brasil “tem que deixar de ser um país de maricas”**. G1, 2020a. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/11/10/bolsonaro-volta-a-minimizar->

[pandemia-brasil-tem-que-deixar-de-ser-um-pais-de-maricas.ghtml](#). Acesso em: 29 de abril de 2025.

JORNAL NACIONAL. **Maioria dos ataques a profissionais de imprensa em 2019 partiu de Bolsonaro**. G1, 2020b. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/01/16/maioria-dos-ataques-a-profissionais-de-imprensa-em-2019-partiu-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

JORNAL NACIONAL. **Bolsonaro volta a atacar a imprensa em evento sobre Covid**. G1, 2020c. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/08/24/bolsonaro-volta-a-atacar-a-imprensa-em-evento-sobre-covid.ghtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

LEHNEN, J. **Neo-Authoritarian Masculinity in Brazilian Crime Film**. Florida: University Press of Florida, 2022.

LIMA, D. C.; BÜCHELE, F. Revisão crítica sobre o atendimento a homens autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.l.], v.21, p.721–743, 2011.

LIMA, J. L. O.; MANINI, M. P. Metodologia para análise de conteúdo qualitativa integrada à técnica de mapas mentais com o uso dos softwares Nvivo e Freemind. **Informação & Informação**, [S.l.], v.21, n.3, p.63–100, 2016.

LIMA, S. **Nas redes bolsonaristas, mulheres se dividem entre contestar agressão a Vera Magalhães e criticar deputado**. Estadão, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/timeline-eleicoes-2022/nas-redes-bolsonaristas-mulheres-se-dividem-entre-contestar-agressao-a-vera-magalhaes-e-criticar-deputado/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

LISBOA, S. S. d. M. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor**: independência, imparcialidade, honestidade, objetividade e coerência. Porto Alegre, Lume UFRGS, 2012.

LISBOA, S. S. d. M.; BENETTI, M. O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v.11, n.2, 2015.

LUIZ, B.; PORCELLA, I. **Bolsonaro: ‘Sou imbrochável porque resisto. Vou reagir a tudo isso’**. Estadão, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-sou-imbrochavel-porque-resisto-vou-reagir-a-tudo-isso/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

MACHADO, L. Z. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. **Cadernos Pagu**, n.11, p.231–273, 1998.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

MANNARA, B. C. Jornalismo na internet e as organizações Globo no mundo virtual: estudos de casos do G1, Globo.com, O Globo Online e Techtudo. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Jornalismo)**. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MARQUES, J.; FERREIRA, F. **Ataque à imprensa mostra disposição autoritária e antidemocrática de Bolsonaro, dizem estudiosos**. Folha de São Paulo, 2020.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/ataque-a-imprensa-mostra-disposicao-autoritaria-e-antidemocratica-de-bolsonaro-dizem-estudiosos.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

MATIZES. **Sobre - Instituto Matizes - Pesquisa e Educação para a Equidade**.

Disponível em: <<https://www.institutomatizes.com.br/sobre/>>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

MAZUI, G. **“Não queremos que dinheiro público seja usado dessa maneira”, diz Bolsonaro sobre propaganda do BB retirada do ar**. G1, 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/27/nao-queremos-que-dinheiro-publico-seja-usado-dessa-maneira-diz-bolsonaro-sobre-propaganda-do-bb-retirada-do-ar.ghtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

MAZUI, G.; NETTO, J. C. **No Dia da Mulher, Bolsonaro diz que ministério é**

“equilibrado” e cada ministra vale “por dez homens”. G1, 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/08/no-dia-da-mulher-bolsonaro-diz-que-ministerio-com-20-homens-e-duas-mulheres-e-equilibrado.ghtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

MEDEIROS, D. **Mobilização contra a LGBTfobia ganha espaço na arena política**.

Estadão, 2021a. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/mobilizacao-contra-a-lgbtfobia-ganha-espaco-na-arena-politica/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

MEDEIROS, D. **Alvo de críticas de Bolsonaro, ‘linguagem neutra’ gera debate nas redes antes de julgamento no STF**. Estadão, 2021b. Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/politica/linguagem-neutra-stf-jair-bolsonaro-debate-homofobia/>>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

MEDEIROS, D. **Evento com Bolsonaro sobre inclusão da mulher só inclui homens no anúncio**. Estadão, 2022. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/politica/grupo-voto-semana-mulher-jair-bolsonaro-paulo-guedes-arthur-lira-tarcisio-freita-rodrigo-garcia/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

MEDITSCH, E. Jornalismo como forma de conhecimento. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v.21, n.1, 1998.

MIZRAHI, M. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. **Cadernos Pagu**, n. 52, p. e185215, 2018.

MOREIRA, Adriana. **Minimizar o turismo LGBTQ+**: por que isso não é inteligente. Estadão, 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/viagem/blog-viagem/minimizar-o-turismo-lgbtq-por-que-isso-nao-e-inteligente/>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

NOTAS. **500 mil mortos**. Estadão, 2021a. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/500-mil-mortos/>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

NOTAS. **A polícia que o bolsonarismo quer**. Folha de São Paulo, 2021b. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/a-policia-que-o-bolsonarismo-quer/>. Acesso em: 30 de abril de 2025b.

NOTAS. **O apito de cachorro**. Folha de São Paulo, 2022a. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/o-apito-de-cachorro/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

NOTAS. **Bolsonaro envergonha o País no Bicentenário**. Folha de São Paulo, 2022b. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/bolsonaro-envergonha-o-pais-no-bicentenario/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

OLANO, E. U. Sociología de las profesiones: una teoría de la complejidad. **Lan harremanak: Revista de relaciones laborales**, [S.l.], n.18, p.169–198, 2008.

OLIVEIRA, B. H. R. d. O que é ser homem no Brasil? A relação entre o Patriarcado e a formação da masculinidade em uma ordem familiar. **Revista Discente Planície Científica**, [S.l.], v.3, n.1, 2021.

PALÁCIO, F. **Estética fascista une fantasias de Bolsonaro e Mussolini com motos**. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/05/estetica-fascista-une-fantasias-de-bolsonaro-e-mussolini-com-motos.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

PASSOS, P.; MARRA, L. **Bolsonaro ataca jornalista Vera Magalhães e Tebet e diz que são uma vergonha; veja vídeo**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/bolsonaro-ataca-jornalista-vera-magalhaes-e-tebet-e-diz-que-sao-uma-vergonha-veja-video.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

PERASSOLO, J. **Imprensa é ingênua ao dar espaço excessivo a propagadores de ódio, aponta filósofa**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/imprensa-e-ingenua-ao-dar-espaco-excessivo-a-propagadores-de-odio-aponta-filosofa.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

PIAIA, Victor Rabello; OLIVEIRA, Raul Nunes. Bolsonaro, entretenimento e política. *Compólitica*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 87–112, 2023. DOI:

10.21878/compolitica.2022.12.2.611. Disponível em: <https://revista.compolitica.org/index.php/revista/article/view/611>. Acesso em: 19 jun. 2025.

PINHEIRO, L. **Protesto na Paulista pede o fim da violência contra mulheres e critica governo Bolsonaro**. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/08/protesto-na-paulista-pede-o-fim-da-violencia-contra-mulheres.ghtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

POPKIN, J. Pamphlet journalism at the end of the old regime. *Eighteenth-Century Studies*, [S.l.], v.22, n.3, p.351–367, 1989.

PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. **Comunicação e política: conceitos e abordagens**, Salvador, p.73–104, 2004.

PRATA, A. **Polemizando a controvérsia**. Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2019/07/polemizando-a-controversia.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

RAUCH, A. O desafio esportivo e a experiência da virilidade. **A. Corbin; J. Courtine & G. Vigarello. História da virilidade: O triunfo da virilidade: o século XIX**. Petrópolis, RJ: Vozes, [S.l.], 2013.

REINA, E. **Bolsonaro mente sobre participação em caçada a Lamarca, diz ex-guerrilheiro**. Uol, 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/17/jair-bolsonaro-carlos-lamarca.htm>. Acesso em: 24 de abril de 2024.

REVEJA. **ReVEJA Jair Bolsonaro**: explosivo desde 1986. Veja, 2018.

Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/reveja-jair-bolsonaro-explosivo-desde-1986/>. Acesso em: 26 de abril de 2024.

REVEJA. **O artigo em VEJA e a prisão de Bolsonaro nos anos 1980**. Veja, 2020.

Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/o-artigo-em-veja-e-a-prisao-de-bolsonaro-nos-anos-1980/>. Acesso em: 26 de abril de 2024.

RIBEIRO, T. M. Masculinidade, projeto e poder entre bate-bolas do Rio de Janeiro.

Cadernos de Campo (São Paulo-1991), v.31, n.1, p.e192647–e192647, 2022.

RODRIGUES, S. **O maricas e o ferrabrás**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível

em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2020/11/o-maricas-e-o-ferrabras.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

SAINT-CLAIR, C. **Bolsonaro**: o homem que peitou o exército e desafia a democracia. Rio de Janeiro: Editora Máquina de Livros, 2018.

SALDANHA, J. H. S.; LIMA, M. A. G. d.; NEVES, R. d. F.; IRIART, J. A. B.

Construção e desconstrução das identidades masculinas entre trabalhadores metalúrgicos acometidos de LER/DORT. **Cadernos De saúde pública**, [S.l.], v.34, p.e00208216, 2018.

SANTIAGO, T. **Mais da metade dos paulistanos é a favor da criminalização da homofobia e da transfobia**. G1, 18 jun. 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/18/mais-da-metade-dos-paulistanos-e-a-favor-da-criminalizacao-da-homofobia-e-da-transfobia.ghtml>. Acesso em: 20 de fev. de 2025

SARTRE, Maurice. Virilidades Gregas. **CORBAIN, A. [et al]. História da Virilidade–1. A invenção da virilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SAÚDE, M. da. **O estigma social que envolve a saúde masculina**. Gov.br, 2022.

Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quero-me-exercitar/noticias/2022/o-estigma-social-que-envolve-a-saude-masculina>. Acesso em: 19 de abril de 2024.

SCHEFFER, M.; ROSENTHAL, C. **O cancelamento da prevenção à Aids**. Folha de

São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/11/o-cancelamento-da-prevencao-a-aids.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

SCHUDSON, M. The sociology of news production. **Media, culture & society**, [S.l.], v.11, n.3, p.263–282, 1989.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

SHORTO, R. **Os ossos de Descartes**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013.

SILVA, Viviane Xavier de Lima et al. Satisfação sexual entre homens idosos usuários da atenção primária. **Saúde e Sociedade**, v. 21, p. 171-180, 2012.

SOARES, W. **Conheça o "kit gay" vetado pelo governo federal em 2011**. Nova Escola, 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

SOUSA, J. P. Uma breve história do jornalismo no Ocidente. **Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa**. Porto, UFP, p.12–93, 2008.

SUKEVICUS, R. **Não há homofobia do bem**. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/todas-as-letras/2021/12/nao-ha-homofobia-do-bem.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

TAMURA, G.; MENICUCCI, A. **“Nunca tivemos e passamos a ter” preocupação com violência e faixas antidemocráticas no 7 de setembro, diz Tebet**. G1 Campinas, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/eleicoes/2022/noticia/2022/09/07/nunca-tivemos-e-passamos-a-ter-preocupacao-com-violencia-e-faixas-antidemocraticas-no-7-de-setembro-diz-tebet.ghtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

TAVARES, J. **Teor homofóbico em ataques do bolsonarismo a Doria e Leite provoca indignação e reações na Justiça**. Folha, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/teor-homofobico-em-ataques-do-bolsonarismo-a-doria-e-leite-provoca-indignacao-e-reacoes-na-justica.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

TEIXEIRA, M. **Bolsonaro nega ofensa após ter ofendido jornalista**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/bolsonaro-nega-ofensa-apos-ter-ofendido-jornalista-vera-magalhaes.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus. **CORBAIN, A. [et al]. História da Virilidade—1. A invenção da virilidade**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.

TRAQUINA, N. **Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular Livros, 2005.

TRAQUINA, N. Teorias do jornalismo: a tribo jornalística. **Uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, v.2, p.137–153, 2008.

TUCHMAN, G. Objectivity as strategic ritual: An examination of newsmen's notions of objectivity. **American Journal of sociology**, v.77, n.4, p.660–679, 1972.

TUCHMAN, G. **Making news**: A study in the construction of reality. New York, Free Press, 1978.

UOL. **Neonazistas ajudam a convocar “ato cívico” pró-Bolsonaro em São Paulo**. UOL, 2011. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/04/06/neonazistas-ajudam-a-convocar-ato-civico-pro-bolsonaro-em-sao-paulo.htm>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

VALENTE, R. **Pobre não sabe fazer nada, disse Bolsonaro quando era vereador no Rio, nos anos 1990**. Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/pobre-nao-sabe-fazer-nada-disse-bolsonaro-quando-era-vereador-no-rio-nos-anos-1990.shtml>. Acesso em: 01 de maio de 2024.

VARELLA, D. **Estação Carandiru**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

VARELLA, D. **Honraremos o mito do sexo forte, ainda que contra as evidências**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/drauziovarella/2020/11/honraremos-o-mito-do-sexo-forte-ainda-que-contra-as-evidencias.shtml>. Acesso em: 29 de abril de 2025.

VICCHIATTI, C. A. **Jornalismo**: comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Repositório PUC/SP, 2004.

VIGARELLO, G. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. **História da Virilidade**. Rio de Janeiro, v.1, p.205–241, 2013.

VILA NOVA, D. **Lula, Ciro Gomes e Simone Tebet saem em defesa de Vera Magalhães após ataque em debate**. Estadão, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/lula-ciro-gomes-e-simone-tebet-saem-em-defesa-de-vera-magalhaes-apos-ataque-em-debate/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

WAINER, J. **Entre viágras, próteses penianas e motocicletas**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joao-wainer/2022/04/entre-viagras-proteses-penianas-e-motocicletas.shtml>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

WETERMAN, D.; POMPEU, L. **‘Chamei Bolsonaro de tchutchuca do Centrão porque ele só sabe conversar assim’, diz youtuber**. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/chamei-bolsonaro-de-tchutchuca-do-centrao-porque-ele-so-sabe-conversar-assim-diz-youtuber/>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

WOLF, M. Teorias das comunicações de massa. In: **Teorias das comunicações de massa**. WMF Martins Fontes – POD, 2008.

YAMADA, A. I. S.; ROCHA-COUTINHO, M. L. "Novas" Formas de Masculinidade? O Jovem Carioca de Classe Média morador da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro.

Revista Psicologia e Saúde, Rio de Janeiro, 2012.